



**REQUALIFICAÇÃO DO PARQUE DÉBORA PARO,
COLINA-SP**

.....AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais por todas as oportunidades que me proporcionaram e pelo apoio incondicional, não apenas durante essa jornada, mas por toda a vida. À minha irmã, minha melhor amiga e confidente, pelo suporte e incentivo diário. À minha avó, pela preocupação e dedicação. Ao meu namorado, pela compreensão ao longo desse período. Às minhas amigas, que compartilharam comigo todas as alegrias e angústias. Ainda, agradeço ao meu orientador, Glauco, por ter contribuído tanto ao longo desse trabalho e de toda a minha graduação.

APRESENTAÇÃO	06
OBJETIVOS	08

1

QUESTÕES

1.1. A caracterização de cidade pequena.....	10
1.1.1. Sua paisagem.....	11
1.2. O sistema de espaços livres.....	12
1.2.1. Principais espaços livres em cidades pequenas.....	12
1.2.2. Apropriação do espaço livre público.....	16

2

A CIDADE

2.1. Apresentação da cidade de Colina.....	18
2.2. Evolução Urbana.....	19
2.3. Inserção regional e aspectos econômicos.....	25
2.4. Análise Físico Ambiental.....	28
2.4.1. Dinâmica Social e Urbana.....	28
2.4.2. Morfologia.....	30
2.4.3. Mobilidade.....	33
2.4.4. Equipamentos.....	37
2.4.5. Uso e Ocupação do Solo.....	39
2.4.6. Densidade.....	41
2.4.7. Topografia.....	41
2.4.8. Vegetação e Hidrografia.....	44
2.5. O sistema de espaços livres.....	46

3

O PARQUE

3.1. O Parque Débora Paro.....	52
3.2. Entorno.....	57
3.3. Preexistências.....	61
3.4. Questões Ambientais.....	67
3.5. Usos e Apropriações.....	69
3.6. Aspectos Perceptivos e Cognitivos.....	73

4

LEITURAS

4.1. Parque da Gare - Passo Fundo, Brasil.....	81
4.2. Parque Urbano Kaukari - Região do Atacama, Chile.....	84

5

O PROJETO.....	89
----------------	----

REFERÊNCIAS.....	156
------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Viver a cidade é também usufruir de sua estrutura e descobrir novas formas de apropriação. Os espaços livres são considerados uma das principais infraestruturas urbanas que, por se tratar de locais de permanência ou de circulação, são onde grande parte da vida cotidiana tem lugar. Ao pensar nesses espaços enquanto um sistema que promove trocas sociais e interações humanas, a qualificação destes, além de estimular a apropriação democrática, potencializa as relações socioespaciais e promove melhores condições na execução das atividades cotidianas.

A falta de investimento, planejamento e segurança nos espaços livres prejudica a sua preservação e inibe a apropriação que, como efeito, promove a interiorização das relações e atividades pessoais, reduzindo a convivência urbana. Desses espaços livres urbanos, o parque é um dos principais locais de permanência em uma cidade. Aqueles surgidos na década de 80 buscavam cumprir, simultaneamente, o papel de preservação de recursos existentes e o desenvolvimento de espaços de lazer.

Neste contexto, é construído o Parque Débora Paro, na pitoresca cidade de Colina-SP. Idealizado para solucionar um problema de drenagem na cidade e gerar lazer à população, o Parque promove também o encontro entre homem e natureza, criando espaços de fruição da paisagem.

Contudo, a carência de equipamentos e a falta de manutenção, reduz os usos e a permanência, tornando muitas vezes um local meramente de passagem. Além disso, apesar de ser elemento ordenador da paisagem e considerado a “obra do século” na época de sua idealização, o Parque

segue em construção até os dias atuais. A expectativa colinense diante às promessas de desenvolvimento do local é transformada em indignação social a cada obra inacabada. Assim, os estímulos da convivência urbana e da interação humana em relação ao espaço livre são inibidos devido à falta de estrutura e de suporte.

Ao partir do pressuposto de que a qualidade de vida é um direito do cidadão e que os espaços livres são fundamentais ao desempenho da vida cotidiana e da economia urbana, a proposta urbanística conciliará a necessidade do lazer e da cultura com o potencial ambiental do lugar. Mostrar um novo olhar para o parque, em uma cidade pequena que carece de espaços públicos qualificados, desenvolverá novos significados e vivências à população.

Sendo assim, através da inquietação da autora diante à grande potencialidade pouco explorada de um elemento essencial à vida da cidade, a proposta deste trabalho busca desenvolver a vitalidade do lugar, promovendo, assim, a requalificação urbana na cidade.

Desse modo, em um primeiro momento (TCC1) o foco principal esteve na pesquisa, no desenvolvimento histórico e análises da cidade e da área de intervenção. Também foram feitos levantamentos e diagnósticos para a elaboração das diretrizes projetuais. E, para a segunda etapa (TCC2), foram tratadas questões diretamente ligadas à proposta de requalificação do parque.

O desenvolvimento do trabalho dividiu-se em cinco capítulos norteadores. Inicialmente, a fundamentação abordará teorias, conceitos e processos referentes à temática, por meio de pesquisas em livros, teses e revistas, a fim de desenvolver melhor embasamento teórico sobre o tema.

O segundo capítulo traz o entendimento da dinâmica urbana de Colina, direcionando a pesquisa para a área de estudo. Serão demonstrados o desenvolvimento histórico do município e seu sistema de espaços livres, bem como toda sua análise físico-ambiental.

Já o terceiro capítulo traz o diagnóstico da área de intervenção, que se estruturou através das análises históricas, físicas, ambientais e perceptivas, por meio de pesquisas e levantamento in loco, que contribuiram para produção de mapas e esquemas gráficos, possibilitando, desse modo, melhor entendimento da área do projeto e contribuindo na definição das diretrizes projetuais.

Apresentado o conhecimento teórico e o diagnóstico, o quarto capítulo busca, mediante referências projetuais, analisar propostas e programas adequados para a garantia da qualificação do parque.

Por fim, será apresentada a proposta projetual de requalificação do Parque Débora Paro, visando adequar seus usos para a promoção da vitalidade do local.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Requalificar e revitalizar a área do Parque Débora Paro, a partir da elaboração de novas perspectivas de uso do espaço que promovam a apropriação e, assim, a vitalidade do local, incentivando o convívio da população e fomentando a cultura e o lazer, visto sua importância para a paisagem urbana de Colina.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar um entendimento sobre a forma urbana, a esfera de vida pública e os espaços livres, sobretudo no que se refere a apropriação dos espaços públicos e a promoção de espaços democráticos;
- Diagnosticar as necessidades, interesses e expectativas dos usuários do parque para produzir espaços que atendam a diferentes públicos e faixas etárias, promovendo o convívio entre diferentes grupos sociais;
- Compreender a dinâmica da cidade e sua relação com o parque;
- Apontar, a partir do diagnóstico, as potencialidades e entraves no âmbito socioeconômico e espacial que a área possui;
- Analisar as propostas originais para a área e contrapor com sua situação atual;
- Propor um projeto de requalificação da infraestrutura urbana, arquitetônica e do paisagismo do parque;
- Reestruturar os equipamentos existentes que tenham potencial de uso;
- Propor novos equipamentos de mobiliário urbano, a fim de estimular usos, incentivando práticas de lazer e esporte, melhorando o desempenho da qualidade de vida cotidiana;
- Estreitar a relação cidadão-cidade, construindo uma esfera pública e de convívio;
- Contribuir para propostas de políticas públicas e outros estudos relacionados à região de estudo.



1 QUESTÕES

1.1. A caracterização de cidade pequena

Para Cláudia Maté (2016), há certa carência de estudos específicos no campo do urbanismo voltados para as cidades pequenas, resultando em deficiências de referencial teórico e metodológico. Neste sentido, o planejamento e a morfologia urbana de cidades de pequeno porte ficam submetidos aos exemplos de cidades maiores, com problemáticas diferentes e que não correspondem às necessidades das menores.

As particularidades dessas pequenas cidades são principalmente devido à forte relação com o campo, que está presente em sua configuração urbana e no cotidiano de sua população, além da elevada proximidade entre os moradores, a tranquilidade e qualidade de vida, a reduzida movimentação de veículos e pessoas e a dependência de cidades com infraestruturas mais equipadas na rede urbana regional em que estão inseridas.

Além de evidenciar as deficiências de referencial teórico, Maté (2016) analisa em sua dissertação de mestrado que há divergência na definição da dimensão do que seriam as cidades pequenas. Assim, ao estudar os autores mais relevantes sobre a temática, define que a variação de dimensão demográfica dessas cidades está entre “mais de 2.500 habitantes à 50.000 habitantes”. Com isso, a autora define em seu estudo que a sua classificação seria destinada àquelas com população inferior a 20.000 habitantes.

Já Maia (2010), além de classificar cidades pequenas aquelas com população inferior a 20.000 habitantes, a autora também acredita que os estudos como origem, tamanho, funções e hábitos são fundamentais para a análise da rede urbana. Estes

pequenos centros contêm forte conexão com os centros regionais próximos, possuindo relação de complemento às cidades maiores. Assim, além de compreender a dinâmica da cidade, é fundamental entender a amplitude dos papéis urbanos e a dinâmica regional que alimentam os mesmos (ENDLICH, 2009).

No Brasil, segundo o IBGE (2018), estima-se que, do total de 5.570 municípios, 68,40% (3.810 municípios) possuem uma população com menos 20.000 habitantes, somando juntos um total de 32,2 milhões de habitantes (Figura 2). E, como previsto, a maior concentração de pessoas se encontra nos dezessete municípios brasileiros com mais de 1 milhão de habitantes, que somam uma população de 45,7 milhões de pessoas. Esses dados indicam que, apesar da importância econômica e política das médias e grandes cidades, o território brasileiro é constituído essencialmente de cidades pequenas, interioranas e com características físico-social diferentes das metrópoles, sendo de suma importância o estudo urbano aprofundado dessas pequenas cidades.

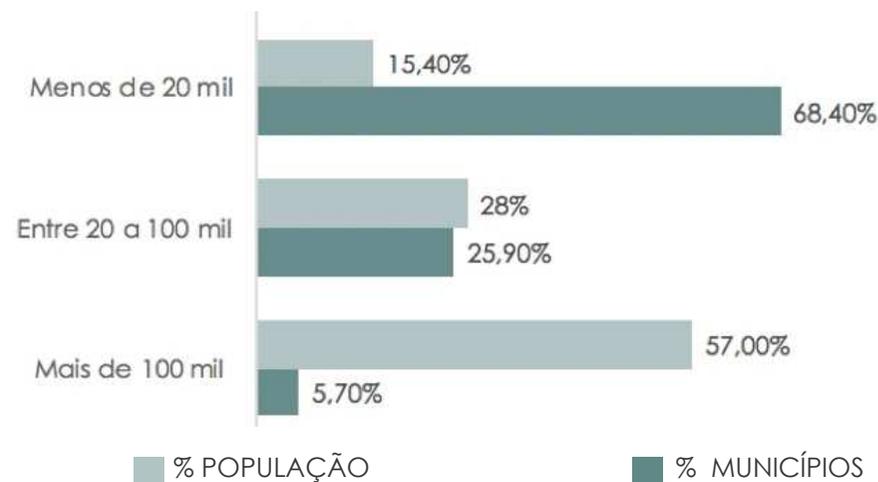


Figura 2: Distribuição populacional dos municípios brasileiros.
Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE (2018).

1.1.1. Sua paisagem

“É indiscutível a importância da ferrovia na paisagem urbana das cidades do interior do Estado de São Paulo”. (LANDIM, 2004 apud Matos, 1981)

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores e sons (SANTOS, 1988). A paisagem é, portanto, dinâmica ou então “é a acumulação desigual do tempo” (SANTOS, 1988). Por isso, pode ser considerada como resultante das relações entre processos sociais e processos naturais (MAGNOLI, 1982).

Assim, para Landin (2004), a produção e construção da paisagem urbana varia de acordo com as técnicas, modos de produção e de acordo com as relações sociais e culturais vigentes de cada período. A cidade é fruto de um contexto social e caracteriza-se também pelas relações de uso e apropriação dos espaços construídos. Nesse sentido, para melhor compreensão da região de estudo, buscou-se analisar as características de paisagem das cidades pequenas do interior paulista.

A homogeneidade dos padrões morfológicos dessas cidades está associada a ciclos de desenvolvimentos semelhantes. Normalmente, o processo de constituição desses centros está relacionado à expansão cafeeira, e o incremento da rede ferroviária, assim como, posteriormente, o ciclo rodoviário. Esta padronização também tem relação com o código de obras, planos diretores padronizados, tipologias arquitetônicas e materiais de acabamentos similares (LANDIM, 2004).

Pode-se dizer que os aspectos da paisagem urbana

desses municípios são áreas urbanas consolidadas, com baixo índice de verticalização, crescimento espraiado e grande relação com a paisagem rural. Já a ferrovia tem papel importante no cotidiano das pessoas por ainda estar presente na área central de diversas cidades e ser ponto de travessia constante (DONOSO, 2011).

Estes núcleos urbanos, em sua maioria, desenvolveram-se em torno do patrimônio religioso e com a instalação de uma infraestrutura necessária de ligação entre as fazendas produtoras com o mercado mundial. Na intenção de equiparar com as cidades modernas, esses núcleos ampliavam também seus espaços de convívio social e cultural (BOECHAT, 2014).

A região centro-nordeste do Estado de São Paulo, assim como viveu essa origem agrícola formada na época da expansão da cafeicultura, viveu também a decadência do café e a mudança para o cultivo da cana de açúcar. Nesse sentido, Donoso (2011) explica que os espaços rurais nesses municípios fazem parte da leitura do espaço e do cotidiano da população, manifestando-se no modo de vida, no trabalho, nas culturas e nas tradições.



Figura 3: Vista parcial da cidade de Colina-SP.
Fonte: SetPar Investimentos. Disponível em: <https://www.setpar.com.br/bairros/jardim-santo-antonio-2/>. Acesso em: 20/07/2020.

1.2. O sistema de espaços livres

Magnoli (1982) definiu espaço livre como “qualquer espaço livre de edificação (na escala do tecido urbano) ou de urbanização (na escala regional), ou seja, todo espaço não ocupado por um volume edificado ao redor das edificações e que as pessoas têm acesso”.

Esses espaços livres podem ser classificados como locais de circulação, que promovem a mobilidade de pessoas ou veículos, como ruas, becos e passeios, ou como locais de permanência e socialização, em que ações e comportamentos são possibilitados através da ancoragem no espaço, representados pelas praças, parques, jardins, largos, etc (LAMAS, 2004).

Para Queiroga (2012), o SEL (Sistema de Espaço Livre) urbano é básico na existência da cidade, pois: “é fundamental ao desempenho da vida cotidiana e da economia urbana; é fundamental na constituição da paisagem urbana, dado que é um subsistema da forma urbana, integrando, portanto, a imagem da cidade, sua história e memórias; participa da constituição da esfera de vida pública (geral e política) e da esfera de vida privada”.

Nesse contexto, o estudo dos espaços livres urbanos das cidades pequenas é uma forma de contemplar as especificidades da configuração dessas cidades, sua morfologia urbana e suas formas de ocupação e expansão, já que estes espaços são elementos essenciais na conformação das cidades (MATÉ, 2016 apud MACEDO, 2010). A autora também evidencia que, apesar de frequentemente associados à espaços tranquilos, os pequenos núcleos, há muito tempo, perderam esse caráter bucólico e pacato. No entanto, o poder público continua a

administrá-lo sem conhecer a fundo suas necessidades socioespaciais. Somado a isso, a tendência na padronização de planos diretores desvaloriza a identidade e as potencialidades dessas cidades pequenas.

Assim como Maté, Tardin (2008) compreende que, apesar de serem fundamentais nas cidades, os espaços livres são os componentes mais frágeis na estrutura do território urbano, uma vez que são áreas cujo valor estrutural não é reconhecido pelo planejamento. Com isso, o processo de planejamento do sistema de espaços livres nas pequenas cidades é, muitas vezes, inexistente ou muito incipiente (QUEIROGA, 2011).

1.2.1. Principais espaços livres em cidades pequenas

Devido ao tamanho reduzido da malha urbana e do contingente populacional, os pequenos centros geram mais proximidade física entre seus moradores, fazendo com que práticas urbanas sejam dificilmente mantidas no anonimato, sendo muitas vezes observadas por conhecidos ou vizinhos (FILHO, 2019). Essas relações sociais e as práticas de lazer ocorrem principalmente nas ruas, praças e parques.

A RUA é considerada um dos principais espaços livres públicos, pois, além de ser fundamental na conexão da cidade, é onde se realiza grande parte da vida cotidiana. A dependência excessiva dos automóveis particulares estipulou um planejamento das cidades que busca valorizar a facilidade da circulação veicular, o que, na maioria das vezes, coloca o pedestre como segundo plano. Porém, em municípios menores, ainda é possível verificar um grande uso das ruas por pedestres e ciclistas para lazer, possibilitado pelo baixo fluxo de veículos e por uma cultura de vizinhança e pertencimento do espaço público dos moradores (DONOSO, 2011).

O “vivenciar a rua” nas cidades pequenas é facilmente verificável pela forte presença de bancos e cadeiras em frente às residências e dos estabelecimentos comerciais, crianças soltando pipa e jogando bola, brincadeiras marcadas com giz pelo chão e pelo simples andar, em que ainda é possível nessas cidades.

Figura 4: Bairro Cohab, Colina - SP.
Fonte: Autora (2020).



PRAÇA

AS PRAÇAS continuam sendo os centros dos acontecimentos, visto que nelas são realizadas diferentes atividades, desde quermesses a festas de virada de ano, podendo ser categorizado como local do encontro e da troca de experiências (FILHO, 2019). A praça participa do cotidiano dos cidadãos como espaço de permanência e dos acontecimentos. É um espaço carregado de simbologias e de memórias do lugar, que se abre para manifestações religiosas, culturais e até mesmo políticas, além de abrigar algumas atividades de comércio. Indissociável ao lugar, torna-se índice de civilidade e de qualidade de vida urbana (QUEIROGA, 2004).

É característico dessas cidades menores a presença de uma praça central, em que normalmente é onde está inserida a Igreja Matriz e alguns comércios. Costuma ser neste local em que acontece os principais eventos da cidade e os grandes encontros. Além disso, praças em menores escalas, as “pracinhas”, são comumente encontradas ao longo da cidade. São essas áreas públicas que moldam os laços comunitários nos bairros.



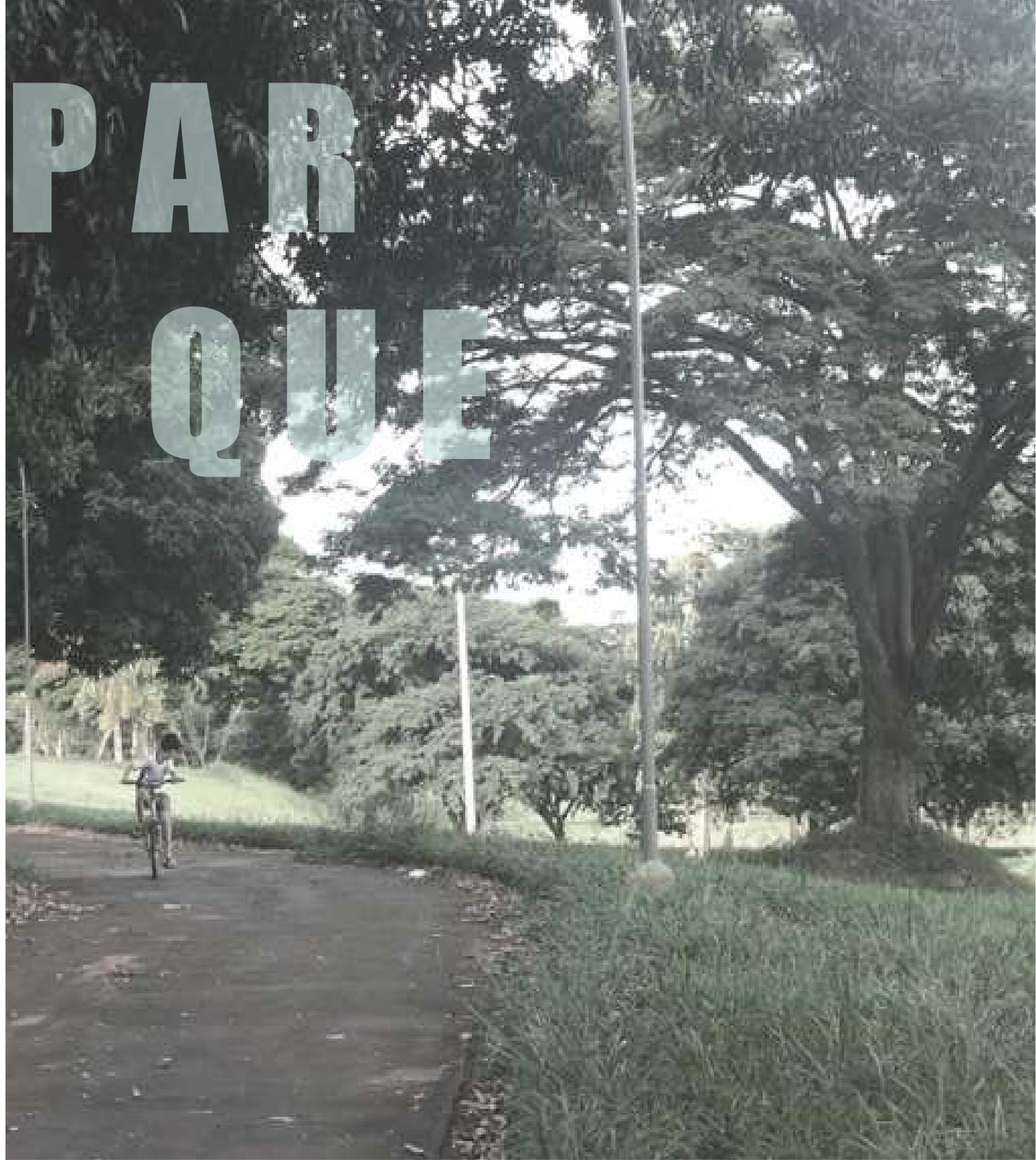
Figura 5: Evento na Praça da Matriz de Colina-SP.

Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.

Já o **PARQUE URBANO** é outra tipologia de espaço livre público, porém, com menor incidência nessas cidades. Segundo Macedo e Sakata (2001), parque urbano é “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não é diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno”. A ideia do parque urbano traz em si a contradição de fugir do urbano pressupondo, assim, oposição ao que a cidade apresenta (SAKATA, 2018).

Diferentemente do que ocorre nas cidades grandes, os parques em cidades menores intensificam a conexão já existente entre o urbano e o rural. Apesar da diversidade de usos que esses espaços abrigam, como preservação ambiental e conservação de recursos naturais, é notória a falta de qualificação e equipamento nesses ambientes para que haja uma maior apropriação da população.

Figura 6: Parque Débora Paro, em Colina-SP.
Fonte: Autora (2020).



1.2.2. Apropriação do espaço livre público

“Uma boa acupuntura é ajudar a trazer gente para a rua, criar pontos de encontro e, principalmente, fazer com que cada função urbana catalise um bom encontro entre as pessoas” (LERNER, 2003, p. 47)

A perda da dimensão pública nas cidades, seja pela ausência de espaços públicos que a comportem ou pela qualidade deles, alavanca a perda da sociabilidade externa e do “viver publicamente”. Assim, a apropriação e os usos dos espaços públicos perdem força em detrimento à internalização de atividades, reduzindo a vitalidade desses espaços (JACOBS, 2000).

É fundamental considerar a escala humana como protagonista nos projetos que objetivam qualificar fisicamente o espaço urbano. As pessoas, ao serem atraídas para caminhar e permanecer no espaço da cidade, criam ambientes mais movimentados e observados. Esta apropriação do espaço urbano está totalmente relacionada com a obtenção de cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. (GEHL, 2013).

Jan Gehl (2013) divide as atividades humanas em necessárias, opcionais e sociais. As atividades necessárias são aquelas da rotina diária, como ir ao trabalho ou à escola, atividades que ocorrem independentemente da qualidade dos espaços. Já as opcionais incluem atividades em que a qualidade física dos espaços influencia e atrai pessoas, como atividades ao ar livre e de recreação.

Planejar espaços com boa qualidade física e visual, segurança e conforto estimula um maior nível de atividades opcionais e, conseqüentemente, maior produção de atividades sociais, ou seja, aquelas que possuem interação humana.

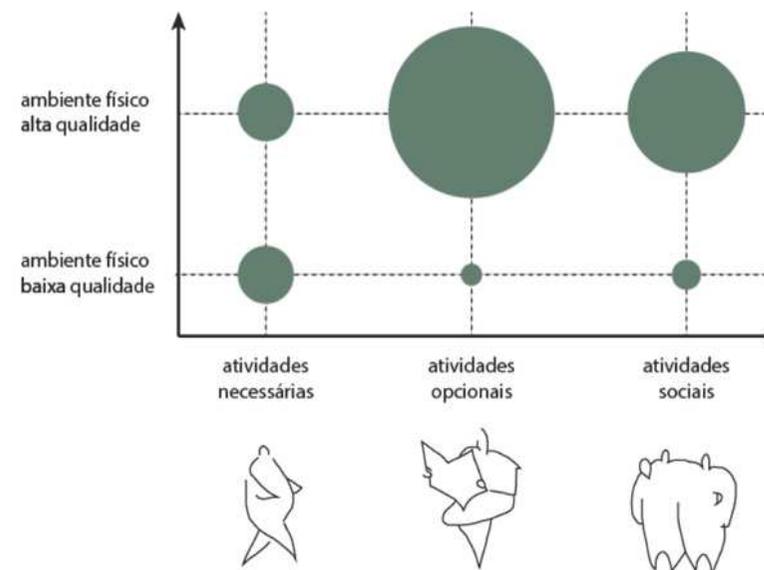


Figura 7: Representação gráfica da relação entre qualidade de ambientes externos e atividades ao ar livre. Fonte: GEHL (2013).

A vivacidade da cidade também está na diversidade. A multiplicidade de usos em distintos espaços de tempo e dia, associada à longa permanência ao ar livre, diferentes tipologias construtivas e diversidade de pessoas são características que promovem a urbanidade dos espaços públicos (JACOBS, 2000; GEHL, 2013.)

Neste sentido, conclui-se que a vitalidade é um indicativo da urbanidade, porém sozinha, não a garante. Para isso, além da apropriação das pessoas, os espaços precisam ter distintas funções, com atividades de passagem e permanência, diversidade de pessoas e boa dinâmica das relações entre elas. Assim, a função social da cidade como local de encontro é garantida através da urbanidade (BERTOLUCI, 2019).

Figura 8: (pag. 17) Vista aérea de Colina-SP. Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



2

A CIDADE

2.1. Apresentação da cidade de Colina

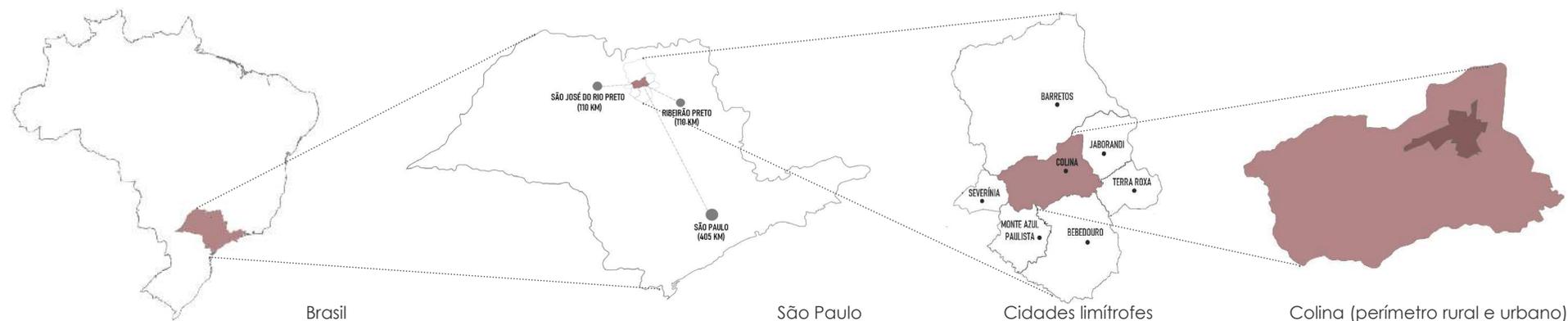


Figura 9: Mapa de localização. Fonte: Autora, 2020.

Situada no interior do estado de São Paulo, a 405 km a norte da capital, Colina é um município brasileiro que ocupa uma área total de 422,30 km², sendo que, desta área, apenas 12,10 km² conforma o perímetro urbano. Com altitude de 595 metros acima do nível do mar, sua sede situa-se nas coordenadas geográficas 20°43'05" de latitude sul e 48°32'38" de longitude oeste.

O município está inserido na mesorregião de Ribeirão Preto e Região Administrativa de Barretos. Localiza-se a 110 km no eixo das cidades de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto, fazendo limite com as cidades de Barretos, Bebedouro, Jaborandi, Severínia, Terra Roxa e Monte Azul Paulista.

Colina tem população estimada de 18.468 habitantes (IBGE, 2018), sendo que 92,93% concentra-se na malha urbana da cidade, que representa 3% da sua área total. Sua densidade demográfica é de aproximadamente 0,4111 habitantes/ha, índice considerado relativamente baixo, porém justificado

pela forma dispersa de expansão do município e devido à extensa área rural que contorna o seu perímetro urbano. Ao analisar a densidade apenas da área urbana, verifica-se índices superiores a 30 habitantes/ha.

O clima da cidade é considerado Tropical de Altitude, com verões quentes e chuvosos e invernos secos e amenos. Sua temperatura média é de 22,8°C, sendo a média máxima de 24,8°C e média mínima de 19,4°C, possuindo um índice médio pluviométrico anual de 1363 mm (CEPAGRI). O município pertence à bacia hidrográfica do Baixo Pardo/Grande, sendo o sistema de drenagem natural do município composto, principalmente, pelo Rio da Cachoeirinha, Córrego do Retiro, Córrego José Venâncio e Ribeirão das Palmeiras.

O acesso à cidade é realizado, principalmente, pela rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP-326). As atividades econômicas com maior valor adicionado estão divididas entre o setor de serviços (46,5%) e o setor de indústria (45,4%). Apesar do forte caráter

rural, o setor agropecuário correspondia, em 2016, a apenas 8,2% (SEADE, 2019). Assim, o valor do PIB per capita em Colina era de R\$ 64.813,71 por hab./ano, sendo corresponde a aproximadamente apenas 0,1% do PIB total do Estado de São Paulo.

As principais atividades agrícolas produzidas pelo município estão relacionadas à laranja, cana-de-açúcar, soja, látex, café, algodão, milho, feijão e amendoim. Na pecuária destaca-se a criação de cavalos de raça, bovinos, suínos, ovinos, asininos e caprinos. Já no desenvolvimento industrial, cabe destaque à indústria suco cítrica, mas na cidade ainda podem ser encontradas indústrias de produtos suínos, brinquedos de plástico, calçados, cerâmica e artefatos de cimento, além de usinas de açúcar, álcool, geração de energia, látex, algodoeira e metalúrgica.

2.2. Evolução Urbana

“O processo de constituição dos centros antigos da maior parte das pequenas cidades do interior paulista está relacionado ao período de expansão da economia cafeeira, decorrente de meados do século XIX” (BOECHAT, 2014)

Com o declínio da cana-de-açúcar e o advento da exploração do ouro (final do século XIX), a marcha para o oeste buscou encontrar novas terras férteis para que houvesse o deslocamento do eixo econômico agrário. O interior paulista, com grande disponibilidade de terras, além de condições favoráveis de clima, solo e topografia, tornou-se polo dinâmico e seu território modificou rapidamente, constituindo-se em um grande centro de lavouras. Essas características, associadas à expansão da rede ferroviária, que permitia o escoamento da produção para o litoral, fizeram com que as fazendas produtoras tivessem seu isolamento minimizado e o desenvolvimento dos núcleos urbanos se dinamizou (DONOSO, 2011).

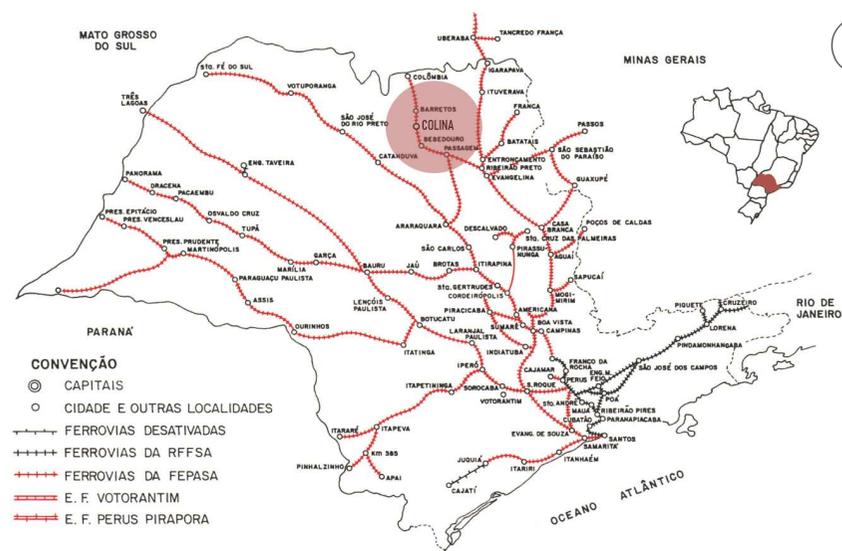


Figura 10: Mapa Rede Ferroviária – Traçado 1984 (FEPASA).

Fonte: “Anuário estatístico dos Transportes 1985”, Geipot – modificado pela autora.

Por volta de 1900, em função da expansão da cafeicultura no norte do Estado, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que já havia estendido seus trilhos até Bebedouro, dependia de verba para aquisição de leito ferroviário para a ampliação até Barretos. Assim, o coronel José Venâncio Dias, proprietário da Fazenda Collina, ofereceu aos diretores da Companhia, a faixa de terra de sua fazenda necessária ao empreendimento. O coronel justificou a doação com o desejo de ouvir o apito de um trem, “anúncio sonoro do progresso para toda nossa região” (DRUBI, 2007).

A Fazenda Collina era constituída de três partes (figura 11): Baixada (atual centro da cidade), Baixadinha (que inclui parte dos bairros Pedreira, Cohab 2 e Cemitério) e Cabaças (hoje localizado o Pólo Regional da Alta Mogiana). José Venâncio loteou o retângulo compreendido entre as ruas Antônio Paulo de Miranda, 13 de Maio e as avenidas Antenor Junqueira Franco e Moacir Vizzoto, dando início a urbanização da cidade.

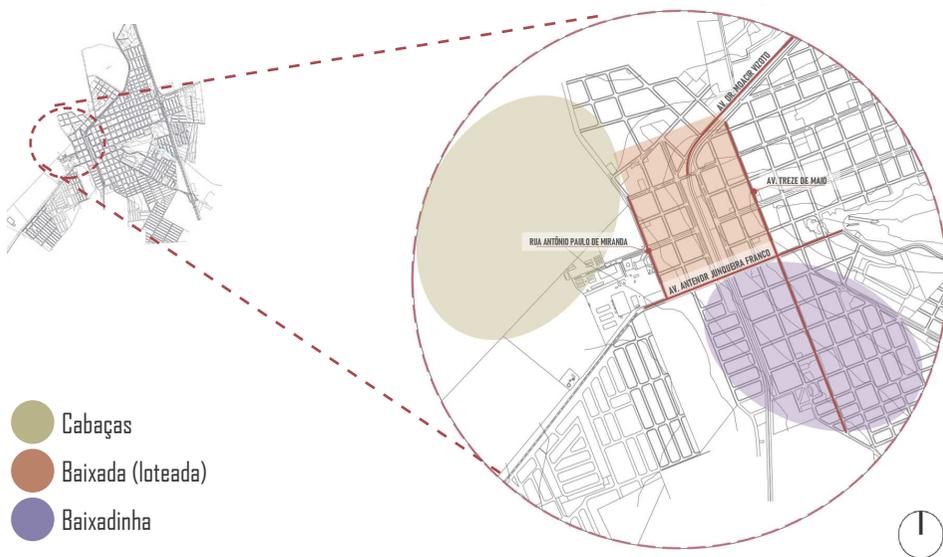


Figura 11: Zoom na área da antiga Fazenda Collina.
Fonte: Autora, 2020.

A primeira casa de Colina (figura 13) construída por José Fabri, que veio à cidade em 1903, a convite de José Venâncio, e servia de pouso para os viajantes. Em 1905, a estação ferroviária (figura 14) foi concluída e o arraial foi se desenvolvendo, com sua zona residencial na parte alta (à oeste da linha férrea) e a área comercial na parte baixa. Correio, casa bancária, delegacia, escolas, farmácia, praças e casas comerciais, associadas ao cultivo do café, marcam o progresso da época.

Em 1917, o povoado passou de Patrimônio de Colina para Distrito de Paz de Colina, instalado em 19 de abril de 1918, pela aprovação da Lei n.º 1572. A Paróquia de São José de Colina foi instituída no dia 30 de junho de 1918 e por volta de 1920 iniciou-se a campanha, através de doações, para a construção da Igreja Matriz (figura 19), que foi inaugurada em 12 de outubro de 1924. Colina teve sua emancipação obtida no ano de 1925, caracterizada pela Lei Estadual n.º 2.096, de 24 de dezembro. E a instalação oficial do Município de Collina deu-se a 21 de abril de 1926.

Com a parte alta e baixa da cidade dividida pela linha ferroviária, os transeuntes da área ficavam expostos ao perigo da travessia. Visando evitar maiores transtornos, o educador Sr. Manoel Nogueira Padilha expôs sua ideia da construção de uma ponte metálica conectando ambas as partes. O pedido foi acatado pelo então prefeito, que em janeiro de 1935 inaugurou a Ponte Alice Dias (figura 15), nome este em homenagem a filha de José Venâncio Dias.

Colina se expandiu graças à cultura do café. No entanto, as sucessivas crises do café e os sucessos obtidos pela pecuária em Barretos, motivaram a transformação de fazendas, que aos poucos foi dando lugar à pecuária e lavouras diversas.



Figura 13: Primeira casa (José Fabri).

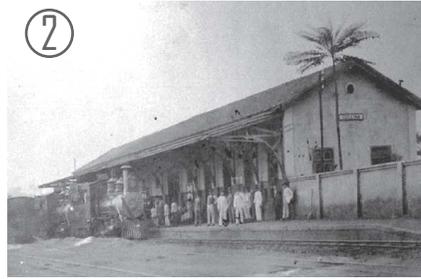


Figura 14: Estação Ferroviária.



Figura 15: Ponte Alice Dias.

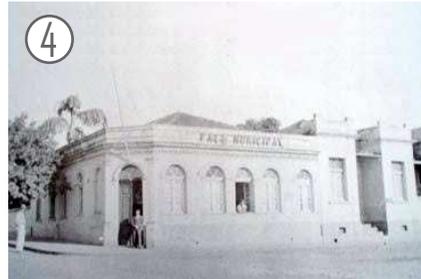


Figura 16: Primeira Prefeitura Municipal.

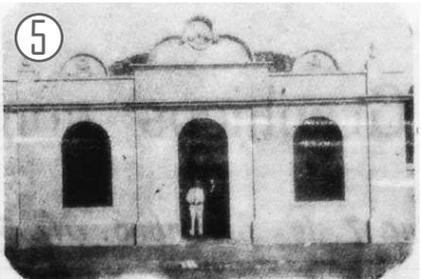


Figura 17: Agência do Banco de São Paulo.



Figura 18: Casa de Euler Junqueira Franco.



Figura 19: Igreja Matriz.



Figura 20: Construção da rua Sete de Setembro (rua comercial).

Fonte das figuras 13-20: Blog de Colina-SP por Renata Paro. Disponível em: <<http://colinaspaulo.blogspot.com>>. Acesso em: 19/04/2020.



Figura 12: Mapa com os principais elementos construtivos de formação da cidade.
Fonte: Autora, 2020.

A cidade também ficou muito conhecida pela criação de cavalos mangalarga. Neste contexto, a Coudelaria Paulista (Estação Experimental de Zootecnia) foi criada em 1935, visando a realização de pesquisas e estudos experimentais sobre criação, manejo, alimentação e reprodução de bovinos e equinos. A Fazenda Collina foi adquirida pelo Governo Estadual em 1940 e a Coudelaria Paulista, hoje Pólo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da Alta Mogiana, ainda é considerada referência na geração e difusão de tecnologias agropecuárias.

Devido à tradição equestre, relacionada à criação de cavalos, às equipes de polo, reconhecidas internacionalmente, e à prática do hipismo, que levou à formação de vários cavaleiros olímpicos, o município de Colina tornou-se conhecido como "Capital Nacional do Cavalo". Em virtude desta tradição hípica, o município realiza a Festa do Cavalo anualmente durante o mês de julho, no Recinto Municipal.

As décadas seguintes foram de intensa expansão urbana. No entanto, o desenvolvimento da cidade sempre foi acompanhado por um grande problema de assoreamento. Com o passar dos anos, a área, que era conhecida pelos moradores por "Buracão", passou a dividir a cidade em duas partes. Esta região estava localizada abaixo da avenida Manoel Palomino Fernandes. Devido ao tamanho do aclave e a uma nascente de um pequeno córrego, não era possível fazer a travessia da rua Luiz Camargo para a região onde estavam localizadas o bairro da COHAB.

Para solucionar o problema de assoreamento, foram realizados diversos investimentos na infraestrutura básica, como as galerias para captação da água e um aterro, que foi também transformado em um espaço de lazer para a

população, conhecido como Parque Débora Paro. Neste mesmo período (década de 80), a cidade passou por grande desenvolvimento no setor industrial, devido à instalação da empresa Sucocítrico Cutrale (suco concentrado de laranja). Com isso, a área rural também ganhou notoriedade, estimulando o desenvolvimento de outras indústrias na cidade.

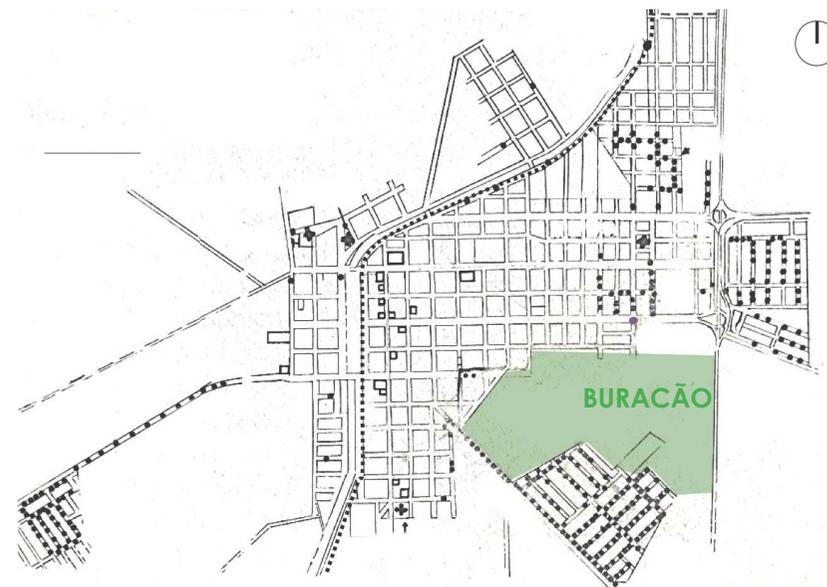


Figura 21: Mapa da cidade de Colina na década de 1980. Fonte: Revista "Prefeitô" com modificações da autora.

*"Colina é uma cidade hospitaleira (...) a cidade vai, dia-a-dia, melhorando em conforto e beleza: os passeios largos e modernos à beira das casas, o sargeteamento e o abaulamento das ruas muito tem contribuído para a boa estética da urbs."
Jornal "O Colinense"
(edição de 19 de agosto de 1927)*

A linha férrea foi desativada em 1998, no entanto, não foi feita a retirada dos trilhos. A sede da antiga ferroviária abriga hoje o Museu Municipal de Colina e suas dependências têm sido utilizada para projetos voltados à cultura. A busca do município por empreendedores interessados em investir no setor industrial da cidade é atualmente vista com o desenvolvimento do Distrito Industrial.

residencial e a área leste com maior desenvolvimento do comércio, característica fortemente marcada até os dias atuais. Posteriormente, a implantação da rodovia e estradas que configuravam eixos de ligação às outras cidades e às áreas rurais mais importantes, impulsionou uma configuração urbana tentacular, com eixos de expansão e desenvolvimento.

De uma maneira geral, pode-se dizer que Colina desenvolveu-se a partir de núcleo de formação próximo à linha férrea. A região a oeste da linha ficou evidenciada por uma formação



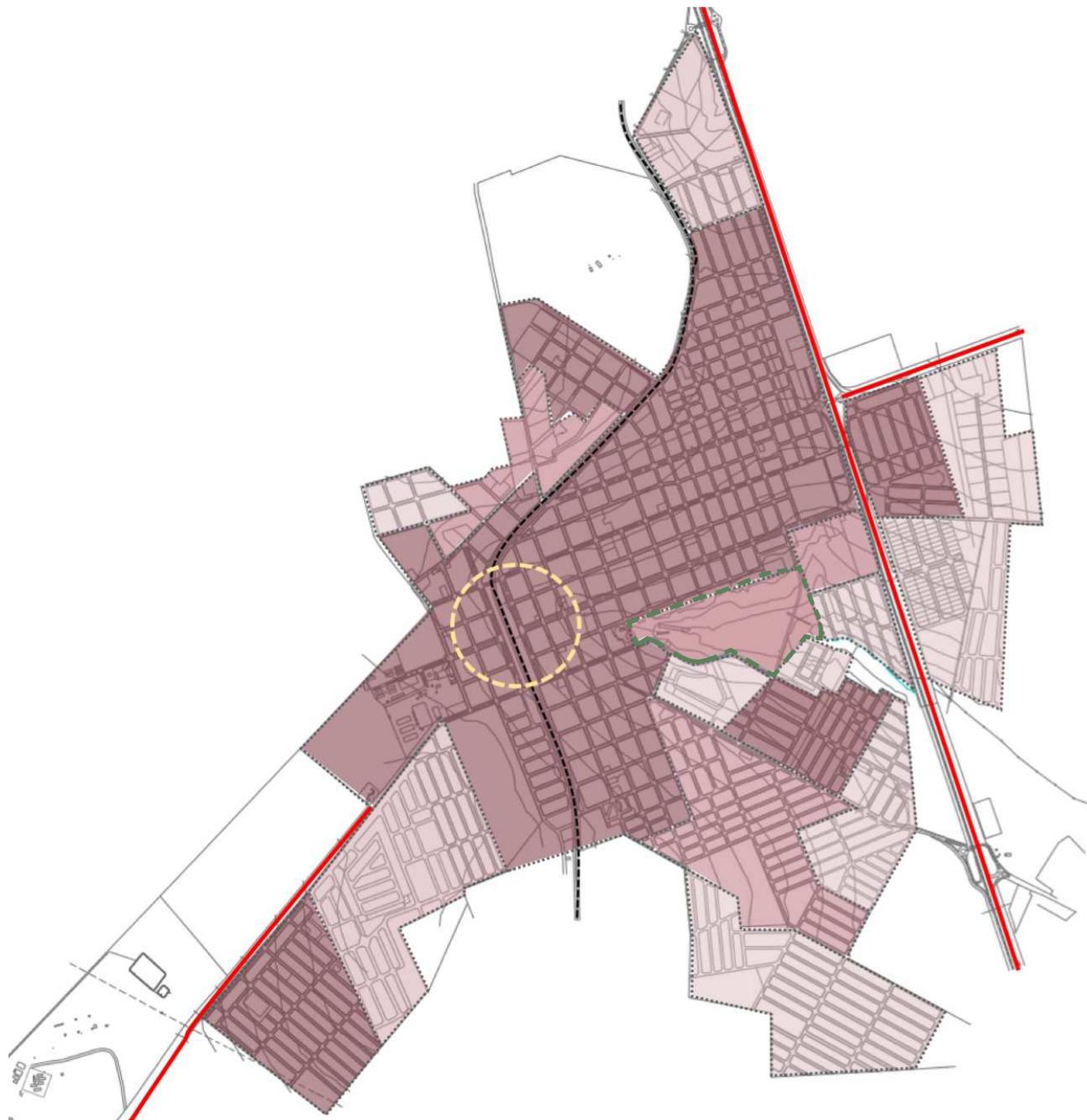
Figura 22: Vista aérea de Colina em 2003.
Fonte: Google Earth.

Figura 23: Vista aérea de Colina em 2011.
Fonte: Google Earth.

Figura 24: Vista aérea de Colina em 2019.
Fonte: Google Earth.

EVOLUÇÃO URBANA

Mapa 01



- Rodovias
- - - Linha férrea
- - - Região Central
- - - Parque Débora Paro
- Bairros anteriores à década de 80
- Bairros da década de 80 a 2000
- Bairros posteriores a 2000



0 250 500 1000 m

2.3 Inserção regional e aspectos econômicos

Compreender a cidade significa entender a sua relação com a rede urbana em que está inserida. A interligação entre as cidades é estabelecida através de fluxos de pessoas, mercadorias, capitais e informações. Assim, as especificidades de cada município são fundamentais para determinar a sua oferta e a sua capacidade de troca, estabelecendo, assim, uma rede urbana que estrutura a teia formada por cidades e fluxos.



Figura 25: Mapa do estado de São Paulo com ênfase na área de estudo.
Fonte: Autora, 2020.

A cidade de Colina está inserida na Região Administrativa (R.A.) de Barretos, que é composta por 19 municípios e é cortada pelas rodovias Brigadeiro Faria Lima, Armando Salles Oliveira e a Assis Chateaubriand. É servida também pela Ferrobán e está na área de influência da Hidrovia Tietê-Paraná. Localizada no norte do Estado de São Paulo, esta R.A. encontra-se dentro da Mesorregião de Ribeirão Preto,

ocupa 3% do território estadual e apresenta a quarta menor densidade demográfica do Estado, com 0,487 hab/ha.

A R.A. de Barretos apresenta como característica sua história vinculada à atividade agropecuária industrial: cana-de-açúcar e laranja, gado de corte e leite, assim como usinas produtoras de açúcar, álcool e energia elétrica, além de indústria de produção de suco concentrado de laranja. Já a pecuária, contribui com matéria-prima para os grandes frigoríficos. O contínuo melhoramento genético dos rebanhos impulsiona atividades especializadas como produção de sêmens, embriões e reprodutores, especialmente no Pólo Regional de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios da Alta Mogiana, em Colina. E ainda vinculada à pecuária, a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, além de atrair turistas das mais diversas regiões, incentiva todo um segmento de serviços. Destaca-se também a construção de complexos hoteleiros, como os parques aquáticos em Barretos e em Olímpia, além do complexo hospitalar de Barretos, de excelência no que se refere ao tratamento do câncer.

Entre 2002 e 2016, a participação da R.A. de Barretos no PIB do Estado manteve-se estável em torno de 0,9%. Barretos teve pequena oscilação negativa, de 25,8% para 24,5%, mantendo, no entanto, a maior contribuição entre os municípios da região, enquanto Colina sofreu um pequeno recuo de 6,6% para 6,3% (Fundação SEADE).

Visando conhecer os segmentos econômicos mais representativos do município, foi realizada uma breve análise comparativa. Colina é uma cidade onde a atividade agrícola é predominante. Possui várias culturas com sua cadeia completa do plantio à industrialização. Ao analisar sua participação do Valor Adicionado (VA) no PIB, é possível identificar que a maior

Unidade Territorial	Participação do Valor Adicionado (%)			PIB (a preço corrente)		
	Serviços	Agropecuária	Indústria	PIB (milhões de reais)	PIB per capita (reais)	Participação no Estado (%)
Colina	46,5	8,2	45,4	1.136.378,78	64.813,71	0,1
RA de Barretos	55,5	9,1	21,4	18.000.908,22	41.843,99	0,9
Estado de São Paulo	76,5	2,1	35,4	2.038.004.931,13	46.915,52	100

Figura 26: Principais aspectos demográficos do Município, Região Administrativa e Estado (2016).

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados da Fundação SEADE. Disponível em: <<https://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 30/04/2020.

parte de sua participação está entre o setor de serviço (46,5%) e o setor industrial (45,4%). Embora a representatividade de Colina no PIB do Estado ser de baixa expressividade (0,1%), o valor do PIB per capita em Colina, em 2016, era de R\$ 64.813,71 por hab./ano, superando o valor do PIB per capita da R.A. e o estadual.

A expressiva participação no setor industrial é devido, principalmente, ao ramo de produtos alimentícios. Encontram-se instaladas no município, indústrias de grande, médio e pequeno porte, tais como: Sucocítrico Cutrale, Companhia Energética São José (Usina de Açúcar, Álcool e Co-geração de Energia), COLITEX (beneficiamento de látex), Usina de Borracha da Fazenda Santa Helena, Cargil, Coopercitrus (armazenamento e comercialização de grãos), entre outros.

A criação do Pró-Álcool influenciou diretamente no tipo de indústrias da região. O programa do Governo, que surgiu como alternativa para a crise do petróleo (1973), estimulava a produção de álcool, oferecendo benefícios aos produtores de cana-de-açúcar. Assim, é possível encontrar a presença de muitas usinas e destilarias de álcool e açúcar na região, inclusive na cidade de Colina.

Como pode-se notar, a R.A. é uma região onde predomina a presença de cidades pequenas, sendo somente Barretos uma cidade com mais de 100 mil habitantes. Assim, esta exerce grande influência nas outras cidades próximas, sendo caracterizada como um Centro Sub-regional. Já os Centros de Zona A, como Bebedouro e Olímpia articulam e influenciam os fluxos das cidades locais que as cercam, representando uma alternativa de atividades ligadas à trabalho, educação, lazer, cultura, saúde, entre outros serviços. Porém, mais do que os municípios que estão ou não na área de influência direta do seu município-sede, é interessante notar a presença dos municípios de São José do Rio Preto e de Ribeirão Preto nessa porção norte do território paulista.

Compreender como essas cidades se relacionam dentro da rede urbana em que estão inseridas é de importância para que seja possível entender suas carências, necessidades e potencialidades. Ao estudar suas relações econômicas e suas interdependências é possível compreender a paisagem regional em que a cidade de Colina está inserida. No entanto, apesar de apresentar padrões semelhantes aos seus municípios vizinhos, no que se refere ao uso da terra e desenvolvimento industrial, Colina ainda é uma pequena

cidade de menos de 20.000 habitantes. Conclui-se, então, a necessidade de um estudo aprofundado do município para que seja possível compreender suas relações internas e as camadas de sua paisagem.

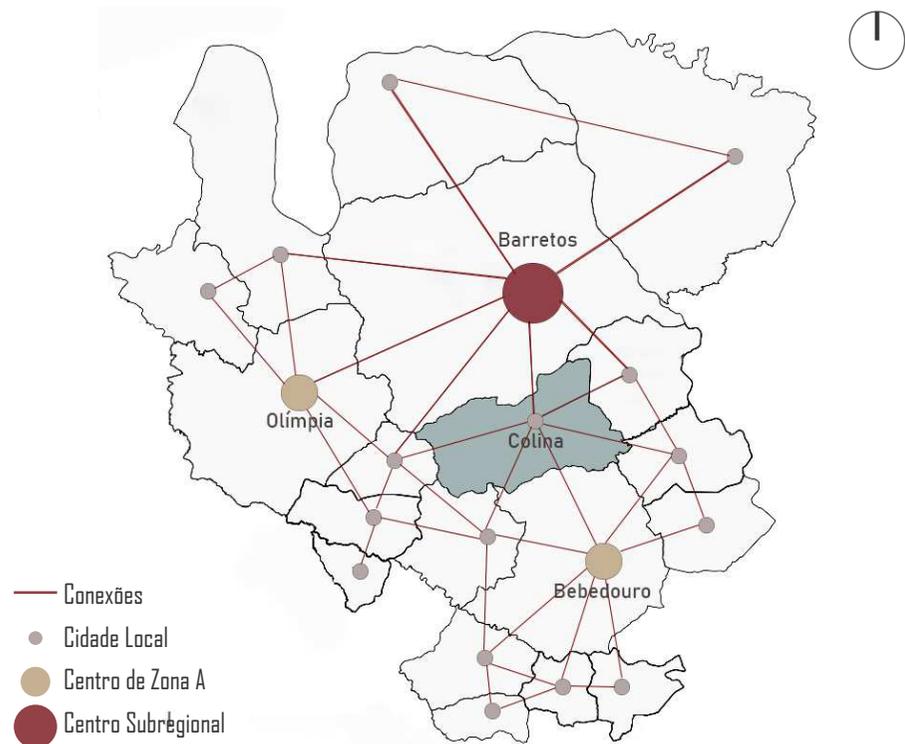


Figura 27: Mapa da Rede Urbana da R.A. de Barretos.
Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do IBGE (2018).



Figura 28: Distrito Industrial de Colina em desenvolvimento.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



2.4. Análise Físico Ambiental

Através de mapas temáticos foi possível elaborar o diagnóstico quanto ao uso, caracterização da área de intervenção e leitura da paisagem.

2.4.1 Dinâmica Social e Urbana

A primeira análise gráfica de Colina evidencia alguns pontos-chaves para a compreensão de sua dinâmica social urbana. A região central, núcleo de desenvolvimento inicial da cidade, é considerada também local de predomínio de população com poder aquisitivo mais elevado, enquanto os bairros com predomínio de população de baixa renda (como Cohab, CDHU, Nova Colina, por exemplo) ocupam principalmente a zona sul da cidade e a área à leste da Rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP-326).

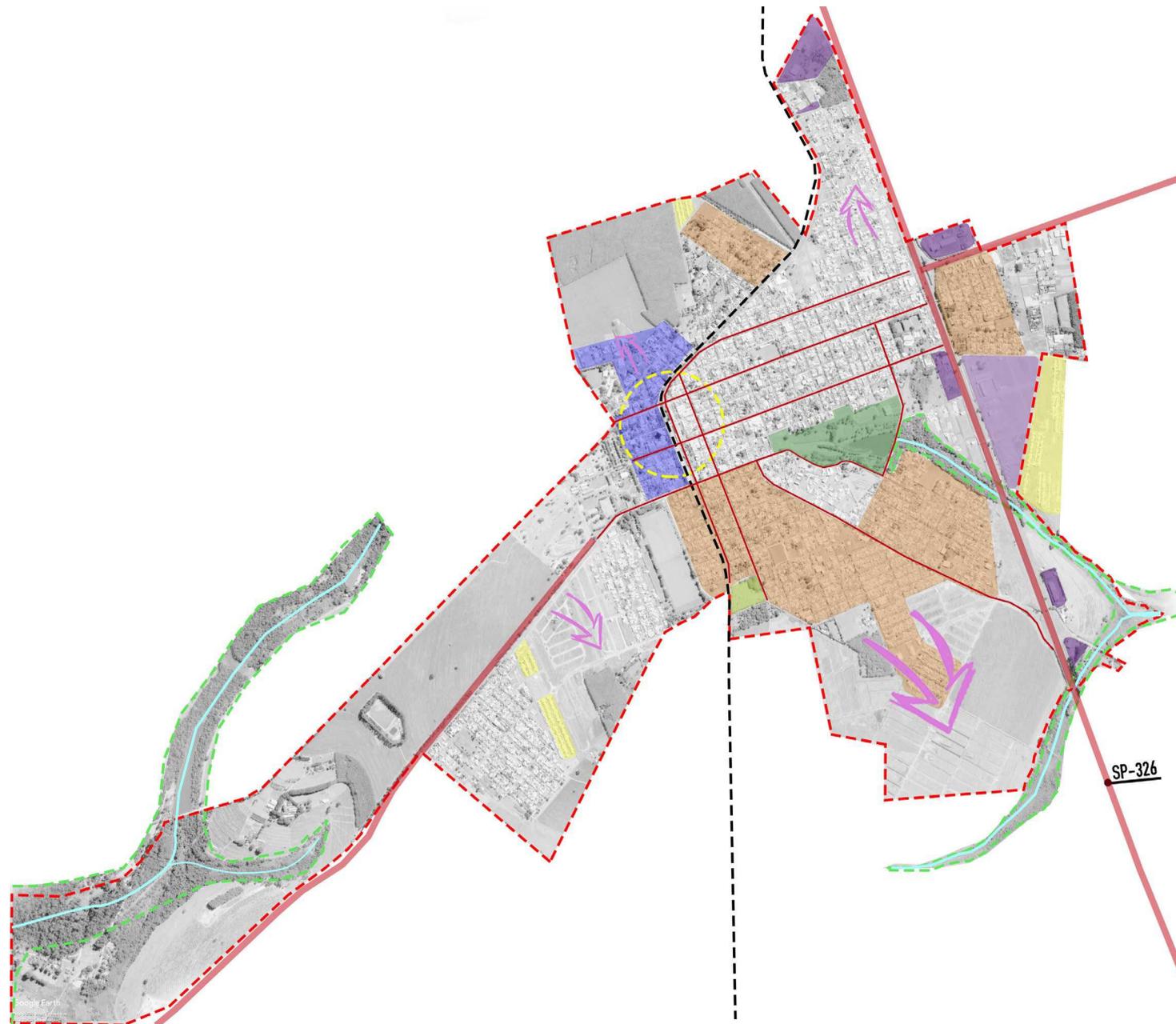
Nesta última região, também está inserido o “Polo Industrial e Comercial Felipe Sanches”, que tem crescido consideravelmente nesses últimos anos trazendo desenvolvimento e tecnologia para a cidade. Percebe-se que mesmo antes da implantação deste Distrito Industrial, as indústrias consolidadas já estavam inseridas nessa mesma região (próximas à SP-326) ou em áreas rurais da cidade.

Cabe ressaltar a notória expansão e interesse imobiliário na zona sul da cidade, local com predomínio de população de baixa renda. Destaca-se também a importância do Parque Débora Paro e da influência da sua localização na dinâmica urbana da cidade, uma vez que está localizado na região central, sendo conector de diversos fluxos.

Figura 29: Vista aérea noturna da praça da Cohab em Colina.
Fonte: Rodolfo e Haroldo Faria, 2015.

DINÂMICA SOCIAL E URBANA

Mapa 02



- Perímetro Urbano
- Linha Férrea
- Principais Vias
- Área Central
- Conjunto Habitacional Comunitário
- Predomínio de população de baixa renda
- Predomínio de população de classe média
- Distrito Industrial
- Indústrias anteriores ao Distrito Industrial
- Parque Débora Paro
- Cemitério
- Potencialidade de conexão ambiental
- Vetores de interesse imobiliário



0 250 500 1000 m

2.4.2. Morfologia

Através da análise dos padrões morfológicos (mapa na página seguinte) foi possível compreender que o núcleo de desenvolvimento inicial da cidade, próximo à ferrovia, é fortemente marcado pela presença da malha ortogonal quadrangular (100x100m) e são poucos os enclaves encontrados nessa malha.

Conforme a cidade avançou para leste, em direção à SP-326, a malha continuou sendo ortogonal, porém com quadras menores e retangulares, com dimensões próximas a 90x60m e com maior número de enclaves ou alterações das quadras. Esse padrão de malha também pode ser encontrado ao sul, porém com alterações na direção de suas quadras.

Seguindo mais ainda à leste, à direita a SP-326, a malha urbana sofre novamente alterações. Foi possível identificar padrões morfológicos de quadras maiores (200x100m), devido à presença do Distrito Industrial, assim como malha retangular com dimensões próximas a 200x50m. Essa última é encontrada principalmente nos bairros em que há predomínio de população de baixa renda, como é possível identificar na zona sul da cidade. Esse padrão morfológico sofre grande alteração de direção ao longo da malha.

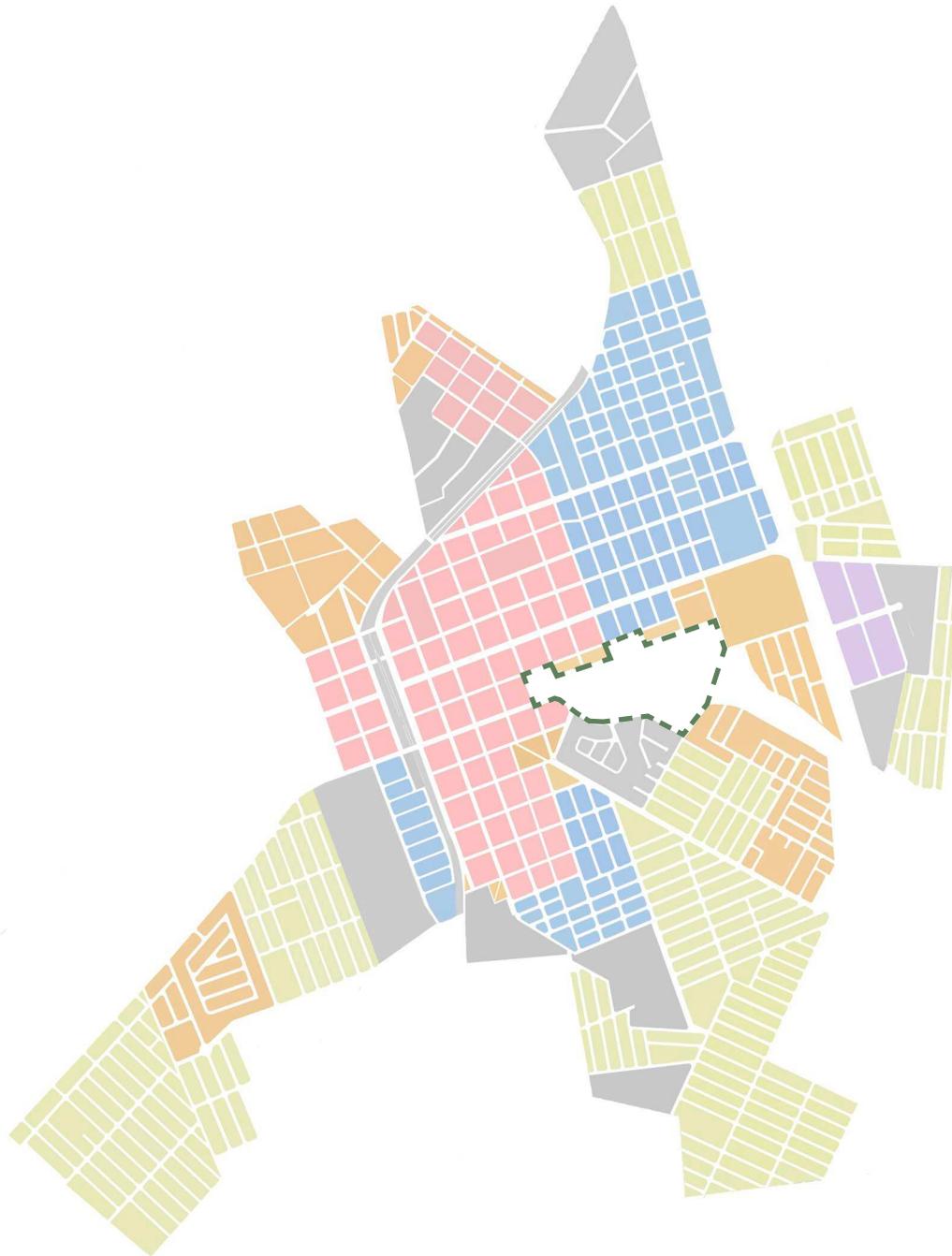
É possível analisar também que o Parque Débora Paro possui papel importante na alteração da malha urbana. Os bairros posteriores à sua construção são marcados por malhas irregulares ou ortogonais irregulares. Essas malhas são encontradas também, principalmente, em áreas próximas ao perímetro urbano.



Figura 30: Vista aérea de Colina.
Fonte: Google Earth.

MORFOLOGIA URBANA

Mapa 03



- Malha ortogonal quadrangular (100 x 100m)
- Malha ortogonal retangular (90 x 60m)
- Malha ortogonal retangular (200 x 50m)
- Malha ortogonal retangular (200 x 100m)
- Malha ortogonal com quadras irregulares
- Malha irregular
- Parque Débora Paro



0 250 500 1000 m

FIGURA-FUNDO

Mapa 04

O mapa de figura fundo retrata a ocupação da cidade representando os espaços não construídos em BRANCO como: lotes vagos, áreas verdes, praças e o próprio sistema viário; e representando em PRETO os espaços construídos.

Percebe-se que a área que compõe o núcleo de formação da cidade é bem ocupada e consolidada, com poucas áreas não construídas. Essas quadras muito ocupadas também são vistas em bairros da zona sul e sudoeste. Já os vazios urbanos são evidenciados em áreas próximas ao contorno do perímetro urbano, em loteamentos ainda em desenvolvimento e, principalmente, devido ao Parque Débora Paro.

--- Parque Débora Paro



0 250 500 1000 m



2.4.3. Mobilidade

A capacidade de deslocamento das pessoas no espaço está diretamente relacionada à mobilidade urbana, e é o sistema viário que consiste neste espaço por onde as pessoas se movimentam. Para tanto, podem utilizar várias formas de locomoção, cuja escolha está normalmente associada à distância a ser percorrida, tempo, custo e disponibilidade de transporte.

É de se imaginar que em uma cidade pequena, a questão de mobilidade não seja exatamente um problema. No entanto, segundo o Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN), Colina possui um Índice de Motorização¹ de 1,55 habitantes por carro, e considerando que Colina é uma cidade de pequeno porte, esse índice é alto pela dinâmica do município.

Quanto ao transporte coletivo, desde agosto de 2019, Colina possui o ônibus circular municipal que faz o transporte urbano atendendo a grande maioria dos bairros. A circulação ocorre 5 vezes ao dia, sendo compreendida entre os horários das 6h e 16h (espaçados a cada 3h aproximadamente). Os pontos de parada são sempre marcados por algum comércio, praça ou ponto marcante no trajeto, sendo poucos os locais com abrigo ou bancos para espera.

Para se discutir a mobilidade urbana em Colina é preciso levar em conta a ferrovia, um importante eixo de circulação que faz parte da história da cidade. Com a linha desativada desde 1998, os espaços destinados aos trilhos não apresentam uso até os dias atuais, mas ainda marcam a paisagem da cidade. Assim, para melhor deslocamento da população, o município tem feito pontos de travessias ao longo do trecho da linha férrea, facilitando assim a circulação pela cidade.

¹ Para mensurar o Índice de Motorização divide-se a população do município pelo número de veículos emplacados no município.



Figura 31: Linha férrea próxima ao centro da cidade.
Fonte: Autora, 2020.

A Rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP-326), única com pista dupla, é o principal meio de acesso à cidade. Próximo ao acesso da cidade, é possível encontrar dois pontos de travessias elevadas, conectando os bairros à direita da SP-326 ao restante da cidade. Os outros meios de acesso se dão pela Rodovia Antônio Bruno e a Rodovia Renê Vaz de Almeida, além de estradas vicinais que cortam a área rural.

Não é especificado no Plano Diretor do município a sua hierarquia viária. No entanto, através de análise da autora, foi possível identificar que as principais vias da cidade são aquelas com maior fluxo de deslocamento e com concentrações de comércios e serviços, com destaque para as poucas avenidas existentes e a rua Sete de Setembro. Além disso, visando garantir a segurança e melhorar as condições de tráfego de veículos, motocicletas e bicicletas, a Prefeitura Municipal de Colina instalou em julho de 2020, semáforos na rua Sete de Setembro com os cruzamentos das avenidas Cel. Antenor Junqueira Franco, Dr. Manoel Palomino Fernandes e Rui Barbosa.

Além dessas vias, cabe destaque também às vias que margeiam a linha férrea, como a avenida Cel. José Venâncio, com seu grande maciço arbóreo ao longo de seu percurso, e a rua Alfredo P. Jerônimo, que conecta dois pontos da cidade separados pelo Parque Débora Paro. Por não possuir fechamento, os percursos do parque tornam-se extensões das ruas da cidade, permitindo uma maior interação entre parque e cidade.

De modo geral, foi observado que, apesar de se tratar de uma cidade pequena, há o privilégio dos veículos motorizados em detrimento ao pedestre e ao uso da bicicleta. Com isso, principalmente na região central, local de maior fluxo, é onde

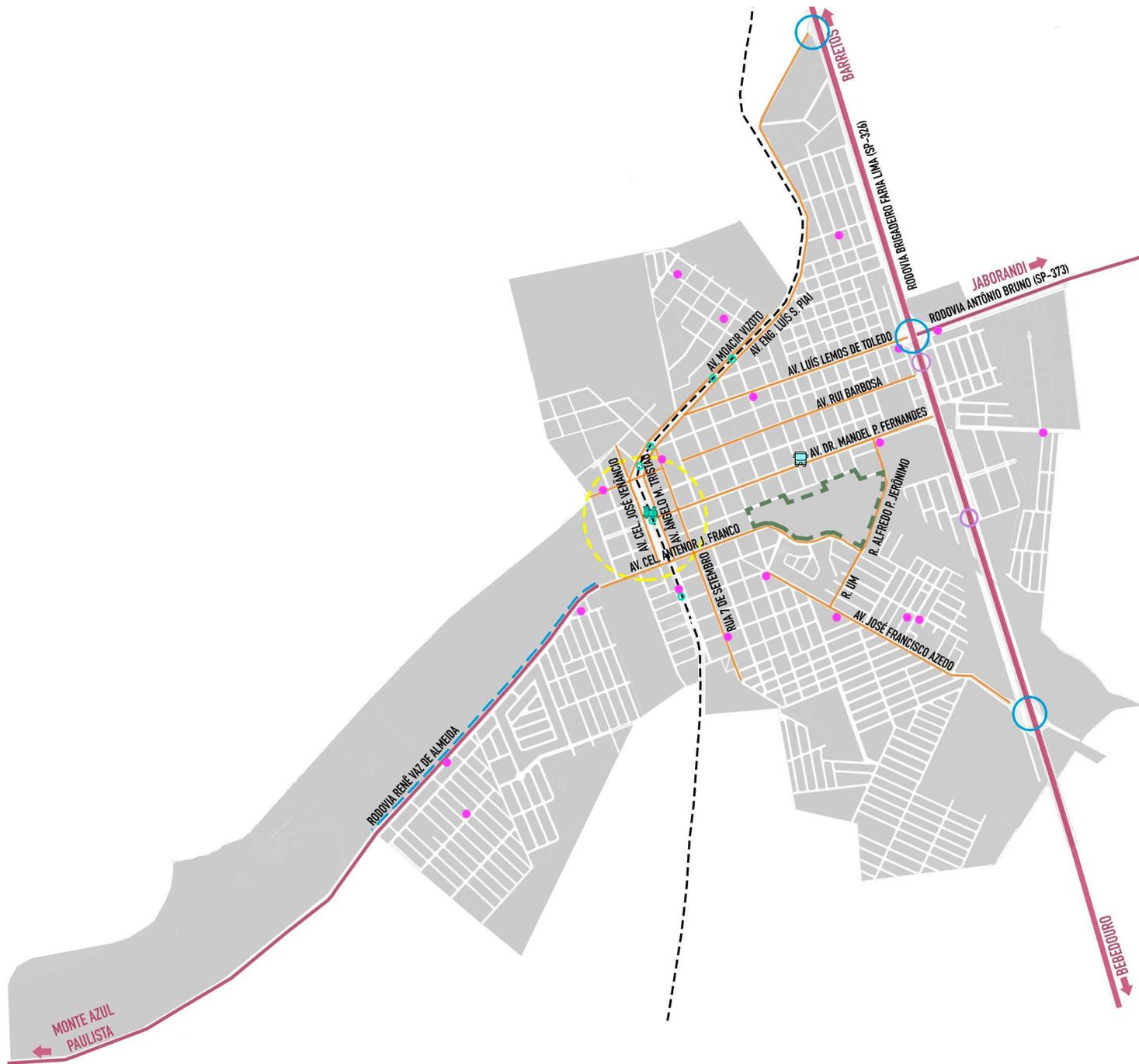
identifica-se maiores conflitos entre carros e bicicletas, acentuados pela ausência ciclovias/ciclofaixas e bicicletários. Já no restante da cidade, apesar do baixo fluxo das ruas locais, há carência de rampas de acessibilidade nas esquinas, assim como calçadas sem a devida pavimentação ou com obstruções, forçando os pedestres a caminhar nas próprias vias públicas.



Figura 32: Rua Sete de Setembro.
Fonte: Autora, 2020.

MOBILIDADE

Mapa 05



- Linha Férrea
- - - Ciclovias
- Rodovias
- Principais Vias
- Ponto de Ônibus
- Travessia Térrea (pedestre)
- Travessia Elevada (pedestre)
- Principais Acessos
- Área Central
- 🚌 Rodoviária
- 🚂 Antiga Estação Ferroviária
- Parque Débora Paro





Figura 33: Av. Cel. José Venâncio.
Fonte: Waldek Schutzer.

2.4.4. Equipamentos Urbanos

No que diz respeito aos equipamentos públicos, percebe-se que, de maneira geral, existe uma boa distribuição desses dentro da mancha urbana, inclusive nos bairros de habitação popular, onde a prefeitura tem implantado posto de saúde, pracinha e quadra de esportes. Os bairros que mais sofrem com a precariedade de equipamentos são, principalmente, os novos loteamentos à leste da Rodovia Brigadeiro Faria Lima e aqueles localizados na região sul.

Na cidade há três equipamentos de esporte/lazer privados, o Grêmio Cultural de Colina, o “Banespinha” e o Clube Hípico de Colina. Este último possui forte impacto na malha urbana que, por se tratar de um campo de polo (esporte com cavalos). Já os equipamentos públicos, identificou-se três campos de futebol murados e dois campos abertos, enquanto as quadras esportivas estão inseridas principalmente em praças.

Os poucos equipamentos de caráter cultural estão inseridos na região central da cidade. O Museu Municipal está localizado na antiga sede da estação ferroviária. Próximo a ele, está a Biblioteca Municipal e o Centro de Educação Complementar Antônio Hideo Ikuma, que é utilizado para atividades sociais e oficinas. Já o Museu do Cavalo está localizado dentro do Recinto Municipal, remetendo à grande importância histórica do animal ao município. Cabe destaque também ao Centro Integrado de Educação e Cultura, espaço inserido no Parque Débora Paro que segue inacabado até os dias atuais.

Quanto às instituições de ensino, há no município 6 estabelecimentos de ensino pré-escolar, sendo 4 públicos municipais e 2 privados. O ensino fundamental é oferecido em 8 estabelecimentos e, desses, 7 são públicos municipais e

1 é privado. Das 3 escolas com ensino médio existentes em Colina, 1 é pública municipal, 1 é pública estadual e a outra, privada. Além disso, o município conta também com a Escola Agrícola, que é localizada no perímetro rural. Devido à proximidade com as cidades de Barretos e Bebedouro, muitos estudantes acabam optando por estudarem em escolas particulares nessas outras cidades, fazendo o deslocamento diário. Quanto ao ensino superior, a Prefeitura Municipal disponibiliza ônibus para os estudantes que frequentam faculdades em cidades próximas.

Tendo em vista a disposição dos equipamentos no município, o projeto de requalificação do parque deve ser elaborado de forma a promover a integração desses equipamentos urbanos, impulsionando a valorização dos mesmos e buscando suprir as necessidades de atividade culturais, artísticas e de lazer tanto da área escolhida quanto da cidade como um todo.



Figura 34: Museu Municipal de Colina.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.

EQUIPAMENTOS URBANOS

Mapa 06



Polícia Militar



Rodoviária



Igreja Matriz



EDUCAÇÃO

Escolas Públicas



Escolas Privadas



A.P.A.E.



Casa do Menor



SAÚDE

Hospital



U.B.S.



LAZER

Campo de Futebol



Quadra Esportiva



Clubes Privados



CULTURA

Museu Municipal



Museu do Cavalo



Biblioteca



Centro de Educação Complementar Antônio Hideo Ikuma



Centro Integrado de Educação e Cultura



Parque Débora Paro



0 250 500 1000 m

2.4.5. Uso e Ocupação do Solo

O mapa resultante dessa análise (página 40) confirma o que já foi afirmado anteriormente sobre os comércios e serviços. Esses usos estão concentrados principalmente nas avenidas, como é o caso, por exemplo, da Luís Lemos de Toledo ou da José Francisco Azedo, conhecida popularmente como a “Avenida da Cohab”, e que são os principais acessos da cidade. Além disso, a rua Sete de Setembro e toda a região central da cidade, próxima à Igreja Matriz, concentra grande número de comércios e serviços.

O uso residencial é visto predominantemente em áreas já consolidadas da cidade, no entanto o município tem tido expressivo crescimento na região sul e leste, com desenvolvimento de novos loteamentos. Em relação à habitação social, os investimentos públicos não têm sido feitos em áreas exatamente contíguas à mancha urbana, sendo que estes empreendimentos estão sendo inseridos à leste da Rodovia Brigadeiro Faria Lima, ao lado do Distrito Industrial, local com ausência de equipamentos urbanos públicos.

O uso institucional é caracterizado por escolas, postos de saúde, assistência social, clubes, instituições religiosas entre outros. Cabe destaque à extensa mancha azul à oeste, espaço que diz respeito tanto ao Recinto Municipal quanto à parte do perímetro urbano que pertence à Fazenda do Governo.

Muitas das indústrias consolidadas em Colina estão localizadas na zona rural, como é o caso da Sucocítrica Cutrale ou da Usina São José. Já no que tange o perímetro urbano, é possível identificar algum desenvolvimento ao norte da cidade e principalmente à leste da Rodovia Brigadeiro Faria Lima. Este último se deve ao recente investimento no desenvolvimento

do Distrito Industrial, para o qual o município busca atrair novas empresas, alavancando o desenvolvimento industrial da cidade.

A expressão “em consolidação” neste trabalho aborda a questão de áreas que foram parceladas mas ainda não foram utilizadas ou ocupadas, como é o caso dos novos loteamentos de baixa renda e também de boa parte do Distrito Industrial.

As áreas verdes de Colina são marcadas principalmente pelo Parque Débora Paro, pelas praças espalhadas pela cidade, pela área que margeia a linha férrea e por áreas de preservação permanente. Cabe destaque também ao fato de que, por se tratar de uma cidade pequena, algumas plantações podem ser encontradas na borda do perímetro urbano da cidade.



Figura 35: Vista aérea da cidade de Colina.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.

USO DO SOLO

Mapa 07



- Residencial
- Área residencial em consolidação
- Comercial/Serviços
- Institucional
- Industrial
- Área industrial em consolidação
- Áreas verdes/Lazer
- Áreas verdes destinadas à agricultura
- APP
- Hidrografia
- Parque Débora Paro



0 250 500 1000 m

2.4.6. Densidade Demográfica

A análise da densidade demográfica comprova algo já previsto pelo mapa de figura fundo. Tanto o núcleo de desenvolvimento inicial da cidade quanto a zona sul, possuem quadras com grande densidade demográfica. Como já é sabido, há predomínio de população de baixa renda na zona sul, evidenciando assim que grande parte da população de classe média mora em área central da cidade. Neste sentido, cabe destaque também ao bairro “Nosso Teto”, localizado na zona sudoeste da cidade, que possui alta densidade demográfica devido à sua antiga consolidação.

2.4.7. Topografia

Analisando o mapa topográfico é possível perceber a ferrovia foi inserida em uma área topográfica plana, próxima à altitude de 605m em praticamente em toda sua passagem pelo perímetro urbano. Consequentemente, o núcleo de formação da cidade também está localizado nessa mesma altitude. Além disso, evidencia-se também com a análise toda a questão de drenagem que assolava a cidade. A área, que hoje está inserido o Parque Débora Paro, é marcada por baixas altitudes, podendo chegar a 530m e boa parte da água pluvial da cidade converge para essa área. Cabe destaque também à predominância dos ventos na cidade, sendo estes Nordeste em boa parte do ano.

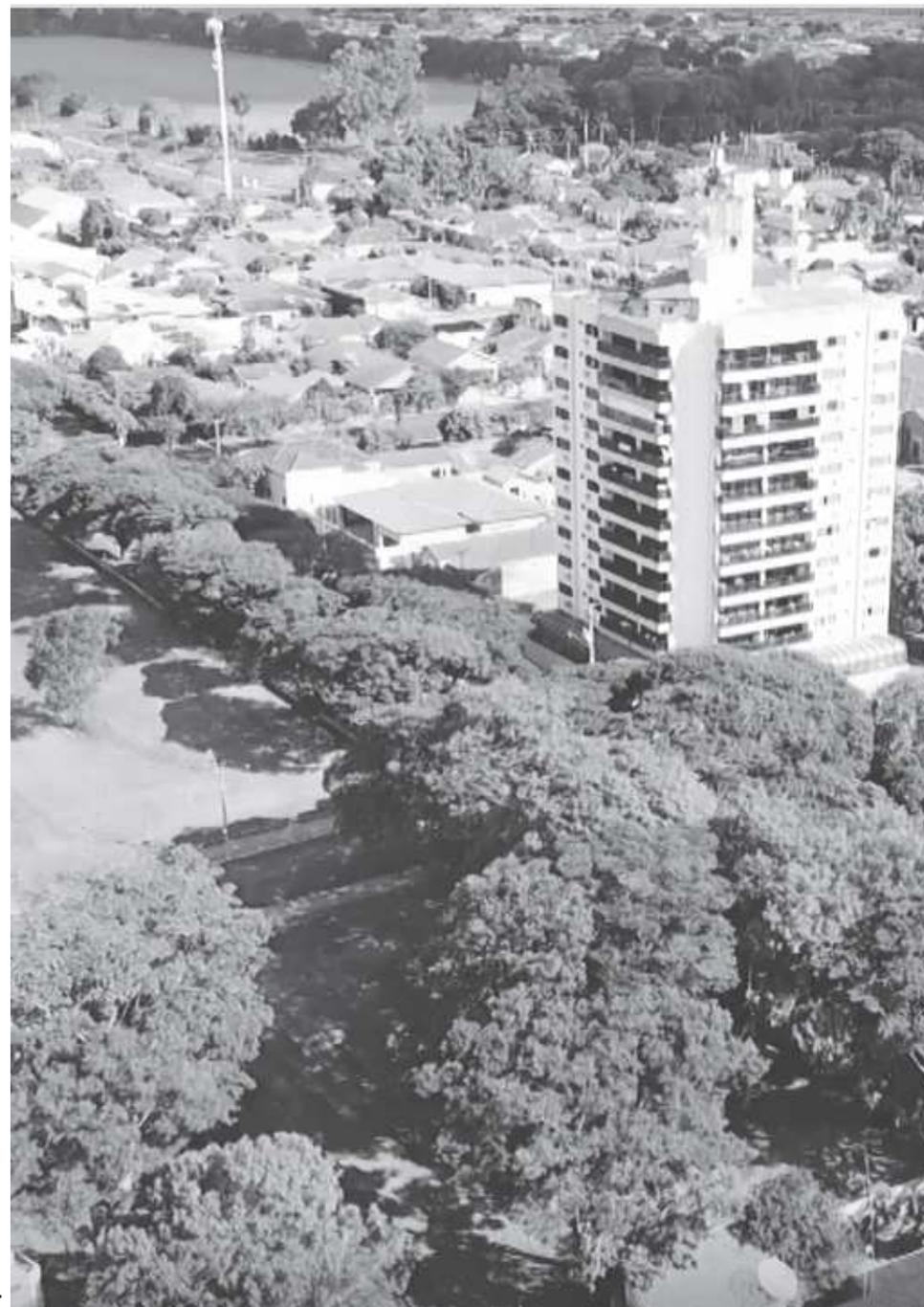


Figura 36: Único prédio de Colina.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



DENSIDADE DEMOGRÁFICA

CENSO IBGE 2018*

Mapa 08

- Perímetro Urbano
- Abaixo de 5 hab/ha
- De 5 a 10 hab/ha
- De 20 a 30 hab/ha
- Acima de 30 hab/ha
- Parque Débora Paro

*Mapa realizado com base em dados do IBGE.

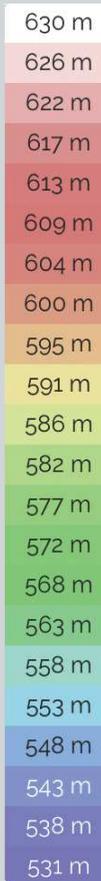


TOPOGRAFIA

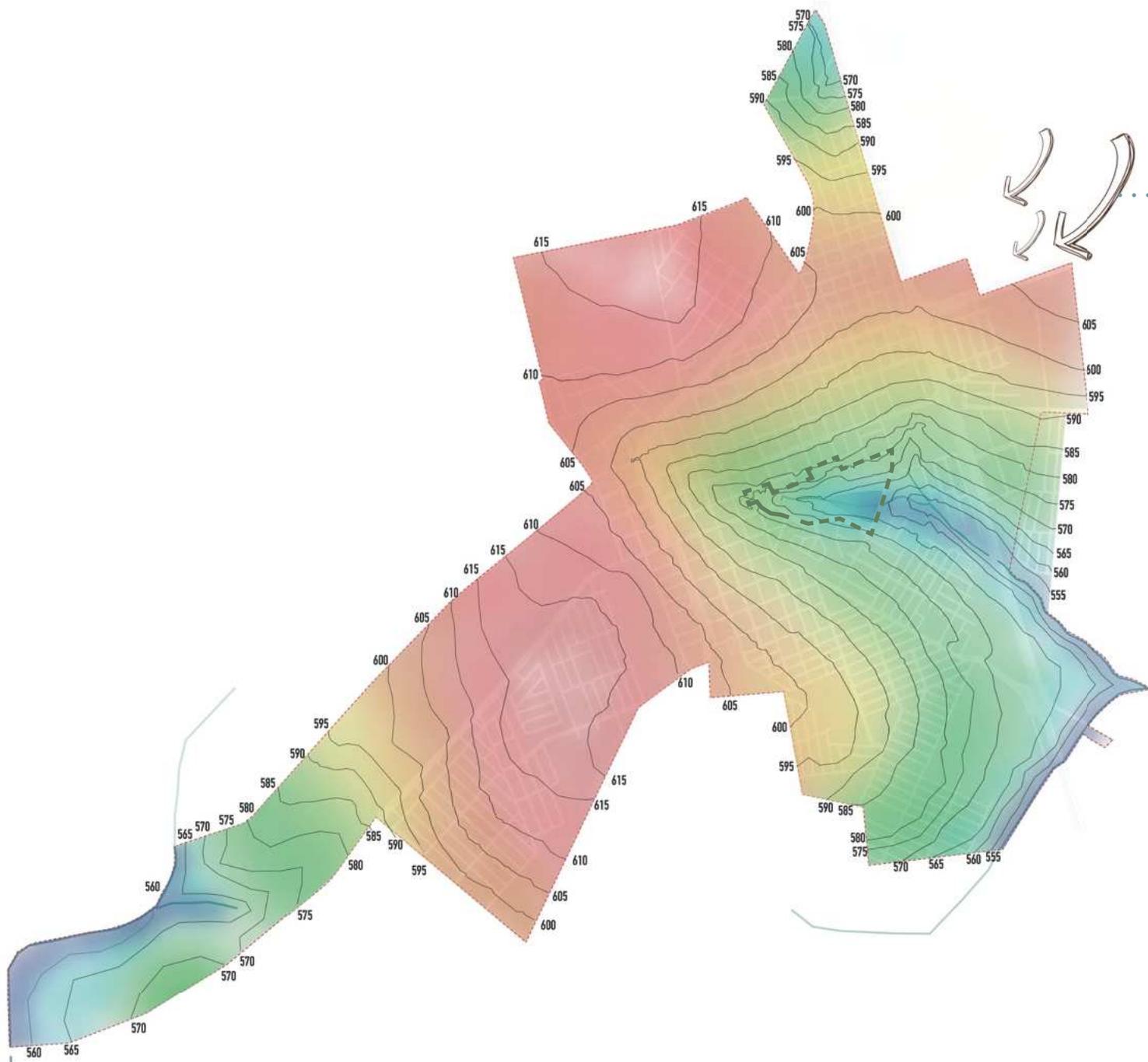
Mapa 09

Ventos predominantes (NE)

Elevação (em metros):



--- Parque Débora Paro



2.4.8. Vegetação e Hidrografia

A partir deste mapa nota-se que as ruas são marcadas por árvores pontuais, sendo que as avenidas apresentam árvores de pequeno porte no canteiro central. No entanto, cabe destaque à avenida que margeia a ferrovia, com grande quantidade de árvores de grande porte por todo seu percurso. Na zona sul, devido aos novos loteamentos, identifica-se forte presença de vegetação rasteira. Já nas áreas consolidadas, grande parte da vegetação está inserida nos próprios lotes. Nota-se também que os bairros localizados à oeste da ferrovia possuem uma maior arborização.

O Parque Débora Paro, local de nascente do Córrego do Retiro, é elemento ordenador da paisagem e a principal área verde urbana da cidade, com grande diversidade de vegetação. Evidencia-se aqui também o projeto de reflorestamento da área de preservação permanente do parque, que vem se consolidando ao longo dos anos.

O município pertence à bacia hidrográfica do Baixo Pardo/ Grande, sendo seu sistema de drenagem natural composto, principalmente, pelo Rio da Cachoeirinha, Córrego do Retiro, Córrego José Venâncio, Córrego Baixadinha e Ribeirão das Palmeiras. Apesar de possuir uma gama elevada de nascentes, estas estão inseridas, em sua maioria, na área rural.

De modo geral, a cidade possui uma característica muito similar com relação ao gabarito de suas edificações, sendo este em sua maioria de um ou dois pavimentos. Há apenas um edifício na cidade com nove pavimentos, que se trata de um prédio residencial. Nesse sentido, a arborização é evidenciada em detrimento à falta de verticalização, como é comprovada através da vista aérea.



Figura 37: Vista aérea de Colina.
Fonte: Jornal "O Colinense".

VEGETAÇÃO E HIDROGRAFIA

Mapa 10



- Perímetro urbano
- Parque Débora Paro
- Vegetação rasteira
- Vegetação Densa/Arbórea
- Córrego
- Lago
- Plantações



0 250 500 1000 m

2.5 O sistema de espaços livres

Ao analisar a oferta de espaços livres e sua distribuição na malha urbana de Colina, pode-se notar que a cidade possui duas áreas marcadas por APPs. Na região oeste, a nascente do córrego José Venâncio está inserida na parte da Fazenda do Governo, que pertence ao perímetro urbano. Contudo, devido a localização distante da área urbanizada da cidade, essa potencialidade é subutilizada pela população. Já a leste, a nascente de principal destaque é a do córrego do Retiro, localizada no Parque Débora Paro. Pode-se notar que devido a boa parte do crescimento urbano ter acontecido na direção leste, tanto o parque quanto a APP acabam por se tornarem elementos importantes na articulação da paisagem urbana.

O núcleo de formação da cidade configura hoje espaços livres de grande importância histórica e cultural, preservando parte da memória do município. Cabe destaque às praças: Dona Inácia Junqueira de Toledo, em que está inserida a Igreja Matriz e de fluxo intenso estimulado pela presença de comércios, e Prefeito Fernando P. Viana, equipada com brinquedos infantis e quadra esportiva, tendo, conseqüentemente, maior apropriação pelo público infantil.

O prédio da antiga estação ferroviária abriga hoje o Museu Municipal. No entanto, apesar de seu arredor ser visualmente agradável e bem valorizado com ampla arborização, o uso externo do edifício ainda é inexplorado. A vasta área verde à margem dos antigos trilhos é inutilizada, assim como é possível identificar a falta de calçamento no local, causando dificuldade de locomoção para os pedestres em uma área com grande potencial de requalificação.

Atualmente, a cidade conta com diversas praças distribuídas nos bairros, algumas são equipadas com quadras externas ou academia ao ar livre. Neste quesito, as escolas municipal e estadual possuem importante papel de incentivo ao esporte e à prática de atividades físicas, devido a abertura aos finais de semana para uso da população, promovendo assim a descentralização da oferta de equipamentos pela cidade. É válido frisar também que alguns desses espaços classificados como praças pela prefeitura, possuem apenas vegetação arbórea e rasteira, sendo vistos como meros espaços verdes sem aproveitamento.

O principal espaço livre público de uso específico é o Recinto Municipal, palco de grandes eventos no município. O espaço abriga a anual Festa do Cavalo de Colina com shows e provas hípicas, encontro automobilístico, motocross, aulas de equitação e equoterapia, a Secretaria Municipal de Esportes, Turismo e Lazer, o Museu Municipal do Cavalo de Colina e o ginásio de esportes.

Por fim, em relação aos espaços livres privados, o município possui três clubes de usos específicos, um relacionado ao jogo de polo, outro a servidores de um banco particular e por último, um clube destinado ao lazer da população. É importante citar que dentro do perímetro urbano é notada a presença de diversas propriedades rurais destinadas ao cultivo, sendo possível identificar em vários pontos da cidade essa conexão entre o urbano e o rural.

SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES

Mapa 11

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

-  Praças com infraestrutura
-  Praças sem infraestrutura
-  Áreas esportivas
-  Espaço livre de circulação
-  Espaço livre de uso específico
-  Espaço livre associado à ferrovia
-  Parque Débora Paro
-  Reserva Ambiental/APP
-  Hidrografia

ESPAÇOS LIVRES PRIVADOS

-  Espaço livre de lazer
-  Espaço livre relacionado ao uso rural - plantações



0 250 500 1000 m



Figura 38: Praça Prefeito Fernando P. Viana.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 39: Área da antiga estação ferroviária.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



Figura 40: Praça Demolay (sem infraestrutura).
Fonte: Autora, 2020.



Figura 41: Recinto Municipal.
Fonte: Google Earth, 2019.



Figura 42: Praça Dona Inácia Junqueira de Toledo.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



Figura 43: APP do Parque Débora Paro.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.

Figura 44: Parque Débora Paro.
Fonte: Autora, 2020.





3

0 PARQUE

Figura 45: (pág. 50) Vista aérea do Parque Débora Paro. Fonte: Google Earth.

.....

Figura 46: Vista aérea do Parque Débora Paro. Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



3.1 O Parque Débora Paro

Com uma área de 201.005,71 m², o Parque Débora Paro foi idealizado na década de 80 após várias tentativas de combater um grave problema de drenagem. O local, apelidado pela população de “Buracão”, sofria por um processo de erosão, já que praticamente toda a água da cidade escoava para essa região. Muros de arrimo não foram suficientes para conter a erosão que crescia e dividia a cidade ao meio. Ao longo de algumas gestões, o problema começou a ser solucionado com a implantação de galerias pluviais, assim como a conexão entre os lados da cidade foi reestabelecida através da construção de uma ponte e o espaço ao foi aterrado.



Figura 47: “O Buracão”.

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Colina.

Assim, a arquiteta Débora Paro, motivada pelo sonho de seu pai, João Ademar Paro (ex-prefeito da cidade), em urbanizar a área, propõe um projeto de revitalização, através da implementação de um parque e área de lazer para a cidade.

“Ela havia colocado o nome “Parque das Acácias” por imaginá-lo com muitas árvores floridas, sobretudo todo tipo de acácias, flamboyant, resedá, quaresmeira, manacá da serra, pata de vaca, além de diferentes tipos de ipês e palmeiras, quiosques, mezaninos, duchas, em meio às maravilhas, escorregadores, pequenas pontes, pistas, recantos, além de crianças, jovens e adultos num entretenimento e lazer chegando quase ao paraíso. Para completar carrinhos: de algodão doce, pipoca, cachorro quente, sorvete, refrigerante, banca de frutas e flores.” – D. Leila Abdalla Paro (mãe de Débora em entrevista ao blog de Colina)

“PROPOSTA DE ATUAÇÃO”:

(justificativa feita pela Débora no início do projeto)

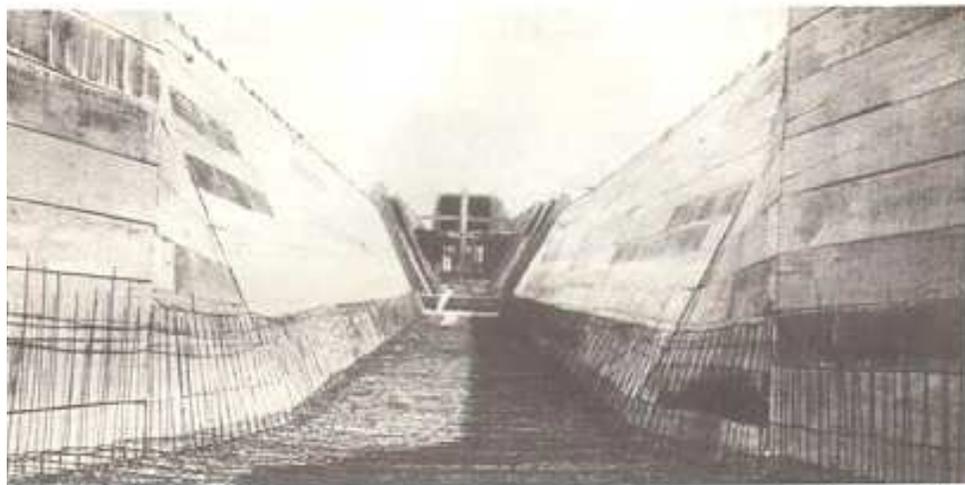
“A minha atuação no projeto, após a pesquisa feita em relação ao problema da boçoroca, foi tentar a revitalização dessa área em Colina para harmonizá-la com a cidade. Passar, de lugar abandonado a ponto integrante.

(...)

Pesquisas feitas com os habitantes e examinando as necessidades de uma população de aproximadamente 15 mil habitantes, surgiu a ideia de um espaço cultural, onde pudesse ter exposições permanentes da história da cidade, juntamente com uma área de lazer significativa, muito verde... um lugar de encontro das pessoas, um lugar alegre, com muitos usos, calmo, mas cheio de vida!

(...)

Tudo muito rústico e natural. Tentei ao redor desse lago criar diferentes espaços, de acordo com o espírito de cada um. Espaços um pouco românticos, outros modernos, cantos silenciosos, outros alegres, uns arrojados, uns simples, para que todas as pessoas, desde velhos, adultos, crianças, namorados, amigos se encontrem, se realizem da melhor forma, como se a vida fosse um eterno amanhecer...no parque!”



PARQUE DÉBORA PARO: A OBRA DO SÉCULO.

Pela sua magnitude, pelos recursos consumidos, pela sua futura utilidade, pelo triste ex-“Buraco” tantas vezes atacado e nunca solucionado desde a fundação da cidade, os serviços de implantação do Parque Débora Paro podem perfeitamente ser considerados “A Obra do Século”.

Tudo, no parque Débora Paro, é grandioso, como o Vertedouro para as águas dos lagos (foto), por cima do qual passa a avenida de contorno.



Figura 48: Página do jornal “O Colinense”.
Fonte: Acervo do Museu Municipal de Colina.



O primeiro lago, já pronto.

UMA DAS MAIORES ÁREAS DE LAZER DA REGIÃO

Figura 49: Página do jornal “O Colinense”.
Fonte: Acervo do Museu Municipal de Colina.

Toda sua análise da área foi encaminhada aos engenheiros da prefeitura, que concretizaram algumas de suas ideias. Infelizmente, Débora faleceu em 1985, enquanto as obras ainda estavam sendo executadas. Assim, quando finalizado, o parque recebeu o nome de “Parque Débora Paro” em sua homenagem.



COMPLEXO DO PARQUE

Mapa 12



- I** Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Colina
- II** Lote Vazio
- III** Parque Débora Paro
- IV** Área de Reflorestamento

No projeto idealizado por Débora, a área I seria destinada a bares e comércio, trazendo vitalidade ao local tanto no período diurno quanto noturno. No entanto, este projeto não foi concretizado e a área de 4.462,19 m² hoje é destinada ao Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Colina com salão para festas e área de lazer particular.

Apesar da área II também estar cadastrada na prefeitura como parte integrante do projeto do parque, o local com 419,53 m² não possui um uso específico, sendo encontrada apenas a presença de poucas árvores e vegetação rasteira. Além disso, é possível identificar a presença de portões referentes aos lotes vizinhos neste local, indicando, assim, o acesso através deste lote.

Já a área III, com 174.021,74 m², engloba a parte mais significativa do parque. Com grande extensão e muita vegetação arbórea, o local propicia momentos de lazer para a população e conexão com a natureza. No entanto, para garantir a vitalidade do parque, é necessário que haja a diversificação de seus usos, que eles abranjam diferentes faixas etárias e que essas atividades possam ser realizadas em diferentes horas do dia, tudo isso respaldado pela segurança do local.

Por fim, a área IV está inserida na área de preservação permanente referente ao Córrego do Retiro. A área de 22.102,25 m², degradada no passado, perdeu muito de sua vegetação original. Assim, ao longo dos anos vem passando por processo de reflorestamento e hoje possui grande diversidade vegetativa.



Figura 50: Área I – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Colina.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 51: Área II - terreno sem uso.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 52: Vista aérea do Parque Débora Paro (área III) e sua área de reflorestamento ao fundo (área IV).
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.

3.2. O Entorno

Como já identificado no Mapa de Uso e Ocupação do Solo, o entorno do parque é marcado predominantemente pelo uso habitacional. A região ao norte, área mais consolidada da cidade, possui maior diversificação de usos, sendo possível identificar a presença de escola, rodoviária, fórum e polícia militar, além de alguns comércios. Já a região ao sul, ainda em consolidação, possui maior presença de lotes vazios e residenciais.

Em relação aos acessos, a área do Sindicato é totalmente cercada, sendo seu acesso restrito apenas aos usuários. Já o terreno vazio (área II) e a principal área do parque não possuem fechamento, facilitando assim o livre acesso da população. Já a área de reflorestamento possui cerca, porém sua entrada é aberta aos pedestres. Apesar de livre, a dinâmica ao longo da borda do parque varia, permitindo diferentes modos de acesso.

A rua Alfredo P. Jerônimo (1), além de dividir o parque de sua área de reflorestamento, é também por onde ocorre o principal acesso ao estacionamento do Centro de Educação e Cultura. No entanto, próximo ao lago, esta rua passa a ser apenas de passagem, sem paradas e com fluxo elevado. Além disso, esta área do parque é marcada pelo barranco, devido a proximidade da área do lago e a rua em questão. Já na avenida Cel. Antenor Junqueira Franco (2) o acesso é facilitado tanto para pedestres quanto aos motoristas, uma vez que esta possui estacionamento.

Na “ponte seca” (3) o acesso é novamente interrompido devido ao relevo íngreme do local. Assim, para solucionar o acesso na rua Antônio Guarneri, foram instaladas escada e

rampa (4) próximas à pista de skate. Seguindo à nordeste desta mesma rua, é identificado mais dois pontos importantes de acesso (5) e (6). Estas ruas, que dão lugar a percursos, promovem uma conexão entre a cidade e o parque.

Outra área importante ainda está localizada na rua Antônio Guarneri. A área (7) é marcada por vasta vegetação rasteira e irregularidades em seu perfil. Além disso, não possui caminhos ou acesso direto da população ao parque, sendo necessário atravessar extenso percurso na grama até chegar às trilhas asfaltadas do parque.

Por fim, é possível perceber que a região sul além de possuir melhores acessos ao parque, é também o local de maior integração com a cidade, em que não há interrupções no percurso. Já a rua Alfredo P. Jerônimo, apesar de garantir importantes conexões, não propicia pausas em seu percurso principal próximo ao lago, dificultando o acesso por esse local. Ao norte, área de relevo mais íngreme, os acessos são dificultados também devido a presença de lotes residenciais que contornam a borda da área do parque.



ENTORNO E ACESSOS

Mapa 13



- Uso Residencial
- Uso Residencial em consolidação
- Uso Institucional
- Uso Comercial/Serviços
- 1** Rua Alfredo P. Jerônimo
- 2** Av. Cel. Antenor J. Franco
- 3** "Ponte Seca"
- 4** Escada e rampa de acesso
- 5** Acesso pela Rua General Osório
- 6** Acesso pela Rua Germano Bizarro
- 7** Talude na Rua Antônio Daher
- Taludes
- Locais acessíveis
- Cerca de arame



1
Figura 53: Rua Alfredo P. Jerônimo.
Fonte: Autora, 2020.



2
Figura 54: Av. Cel. Antenor Junqueira Franco.
Fonte: Autora, 2020.



3
Figura 55: "Ponte Seca".
Fonte: Autora, 2020.



4
Figura 56: Escada e rampa de acesso.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 57: Pedestres acessando o parque pela Rua General Osório.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 58: Criança soltando pipa no acesso da Rua Germano Bizarro.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 59: Talude do Parque visto pela Rua Antônio Daher.
Fonte: Autora, 2020.

3.3. Preexistências

Apesar do projeto original de Débora ser recheado com diversos equipamentos, a realidade atual é bem diferente. O elemento de principal destaque construtivo seria o Centro Integral de Educação e Cultura (1). No entanto, anunciado em 2010 pela Prefeitura como uma obra de grande porte para movimentar a cena cultural da cidade, o espaço sofreu um incêndio no início de 2017 que destruiu equipamentos e boa parte de sua estrutura. O local que seria destinado à nova sede da Secretária da Educação e Cultura, com biblioteca, sala para palestras e anfiteatro, está cercado com tapumes metálicos e segue inacabado até os dias atuais.

A mais recente atração do parque é a Trilha Ecológica Municipal (2). Feita em uma área de compensação ambiental da APP, as trilhas educativas permitem um passeio de contemplação da natureza e podem ser visitadas a qualquer momento. Já o lago central (3), além de sanar as questões ambientais da área, tornou-se elemento ordenador da paisagem.

O parque não possui muitos locais de permanência para a população. Os típicos bancos de concreto (4) são encontrados apenas próximos ao cruzamento da rua Alfredo P. Jerônimo com a avenida Cel. Antenor J. Franco. No entanto, está em andamento nesta mesma região a construção (5) de um quiosque, que promoverá um novo local de permanência no parque.

Já a construção (6) está relacionada ao serviço de saneamento básico da cidade. No local está inserido um dos poços tubulares para captação de água bruta de aquíferos existentes no município para abastecimento de água para a população.

A pista de skate (7), localizada próxima ao cruzamento das ruas Antônio Guarnieri e Luiz Camargo, possui quatro rampas para a prática do esporte, que atendem à quatro

modalidades diferentes: pirâmide, mini rampa, vulcão e quarter piper. Como o local é abaixo do piso da rua, foram construídas escada e rampa para facilitar o acesso de população. Além disso, o espaço conta com iluminação e alguns bancos.

A academia ao ar livre (8), inserida na região circular do percurso do parque, foi elaborada em madeira, de modo a manter a rusticidade do local. No entanto, ao longo dos anos sofreu intenso processo de deterioração em seus equipamentos e atualmente não é possível fazer o uso da mesma.

Por fim, cabe destaque aos percursos do parque. A área de passeio com pista de caminhada possui 2.800 metros de extensão. Na região ao norte do parque é identificável a presença de maiores conexões e caminhos sinuosos, enquanto o sul conta com apenas um caminho. É importante citar também que a pista de caminhada não é contínua em todo percurso. Ao chegar na rua Alfredo P. Jerônimo a pista dá lugar à própria calçada, aumentando a proximidade dos pedestres com os veículos automotivos e, conseqüentemente, aumentando os riscos. Cabe salientar que a área também possui percursos marcados pelo uso frequente da população como modo de encurtar os caminhos, evidenciando assim usos e trajetos a serem levados em consideração.

Assim, conclui-se que apesar algumas preexistências, o parque ainda carece de infraestrutura básica, como banheiros, bebedouros, locais de permanências, diversidade dos espaços de lazer e espaço dedicado às crianças, que muitas vezes são vistas brincando dentro da pista de skate ou nos equipamentos deteriorados da academia ao ar livre.



PREEXISTÊNCIAS

Mapa 14

0 50 100 200 m

- 1** Centro Integrado de Educação e Cultura
- 2** Trilha ecológica
- 3** Lago
- 4** Bancos
- 5** Quiosque
- 6** Poço artesiano
- 7** Pista de skate
- 8** Academia ao ar livre
- Trilha pavimentada
- Trilha de terra
- Calçada
- Área com tapumes
- Bancos



Figura 60: Centro Integrado de Educação e Cultura.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 61: Centro Integrado de Educação e Cultura.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 62: Trilha Ecológica.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 63: Vista aérea do lago.
Fonte: Prefeitura Municipal de Colina.



Figura 64: Bancos instalados na rua Alfredo P. Jerônimo.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 65: Bancos instalados na avenida Cel. Antenor L. Franco.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 66: Construção de quiosque na avenida Cel. Antenor L. Franco.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 67: Local de restrito acesso pelo Serviço de Abastecimento de Água e Esgoto de Colina (SAAEC). Fonte: Autora, 2020.



Figura 68: Pista de skate.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 69: Pista de skate.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 70: Academia ao ar livre.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 71: Academia ao ar livre.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 72: Percurso do parque com irregularidades. Fonte: Autora, 2020.



Figura 73: Trilhas pelo percurso. Fonte: Autora, 2020.

3.4. Questões Ambientais

Como já visto anteriormente, a construção do parque está diretamente relacionada ao problema erosivo que a área sofria. Por se tratar de um fundo de vale e local de nascente, boa parte da água da cidade é escoada para essa região. Assim, a questão da drenagem urbana foi sanada com o represamento da nascente e sua retificação marcada por muros de arrimo. Além disso, foi instaurado o vertedouro na outra extremidade do lago, garantindo assim o controle da vazão de escoamento da água principalmente em dias chuvosos.



Figura 74: Muro de arrimo reticulando a nascente.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 75: Vertedouro.
Fonte: Autora, 2020.

Com o desenvolver do parque e o intenso plantio de árvores frutíferas e não frutíferas, nativas e exóticas, o espaço se transformou em um importante refúgio da avifauna local. Segundo estudos realizados por Cotrim (2018), foi possível inventariar mais de 600 árvores de 76 espécies no parque. Dentre elas, as espécies mais visitadas ao longo do ano pela maior variedade de fauna são as popularmente conhecidas por figueira lacerdinha, jambolão e palmeira imperial.

Ao analisar disposição desses maciços arbóreos dentro do complexo do parque é possível apontar que as áreas próximas à pista de skate e à academia ao ar livre são locais que carecem de arborização. Assim, com a elevada concentração de calor nesses espaços, aumenta também a dificuldade de permanência pelos usuários nos horários de sol mais intenso.

Além disso, é possível perceber que os maciços ao norte foram dispostos de modo irregular, enquanto na porção sul do parque as árvores estão dispostas lado a lado. Esse enfileiramento também é visto na sequência de palmeiras imperiais localizadas na rua Alfredo P. Jerônimo. Em relação ao lago, placas espalhadas ao seu entorno com os dizeres de “proibido nadar” indicam que a balneabilidade da água não é adequado para uso humano, sendo destinado apenas ao uso esportivo da pesca.

E devido à falta de equipamentos que garantam permanência no local, é notado que as sombras das árvores são muito utilizadas pela população para encontros e momentos de descansos.



AMBIENTAL

Mapa 15



- > Sentido das água pluviais
- Córrego do Retiro
- Trecho canalizado
- Nascente retificada
- Maciço arbóreo
- Palmeira imperial
- Vertedouro
- Escada hidráulica
- Lago
- Ventos predominantes

3.5. Usos e Apropriações

Através do mapa da página 72 é possível perceber que o parque possui algumas diversidades de usos. Além disso, com visitas a campo identificou-se que essas apropriações ocorrem com mais intensidade em dois períodos específicos do dia: logo pela manhã e no fim de tarde, horários estes em que a exposição ao sol está mais baixa e, conseqüentemente, a concentração de calor também.

As vivências ao longo deste ano permitiram observar que a pandemia intensificou o olhar da população em relação às áreas públicas da cidade. Querer estar em contato com a natureza, viver em liberdade e usufruir do que a cidade tem a oferecer promoveu maior intensidade do uso do parque para realização de atividades físicas.

A pista de caminhada passou a ser muito requisitada pela população, que tem visto o parque como um refúgio ao que se tem vivido. A área improvisada do campo de futebol, por se tratar de um local plano, tem sido apropriada por instrutores físicos para promover aulas de funcionais. Já a área entre a rua Alfredo P. Jerônimo e a avenida Cel. Antenor J. Franco é muito utilizada para esportes envolvendo bola, como futebol e vôlei.

Este cruzamento é a área do parque que possui maior apropriação do sentido de permanência. Devido à instalação dos bancos de concreto e por ter a possibilidade de estacionar os carros na avenida, é comum encontrar grupos distintos de pessoas tocando violão, conversando, bebendo e/ou jogando.

As crianças são vistas correndo pelos gramados, andando

de bicicleta, usufruindo dos espaços construídos pela pista de skate e apropriando-se do que restou da academia ao ar livre. No entanto, não possuem seu próprio espaço. Não há brinquedos e não há estímulos.

O lago é o único local onde se pode encontrar água no parque e a forma de apropriação deste espaço é através da pesca esportiva, algo bastante comum aos moradores locais. Não é possível encontrar torneiras, bebedouros e nem ao menos banheiros no local. Já ao redor do lago, assim como nas árvores de grande porte, é corriqueira a presença de pessoas sentadas na grama, fazendo piquenique, apreciando a natureza, meditando ou descansando. Estes espaços possuem maior potencial de isolamento social e conexão com a natureza.

A pista de skate, apesar de muito utilizada pelas crianças, é local com intensa presença de adolescentes. Os skatistas apropriam do espaço tanto para a prática do esporte quanto para o encontro entre amigos.

Por fim, a trilha ecológica. Apesar da interessante proposta, o que se vê no cotidiano é a utilização da trilha para encurtar o caminho de quem mora próximo à área de reflorestamento. Por se tratar de um local mais denso e de vegetação arbórea intensa, os visitantes acabam por ter receio de adentrar à mata.



BRINCAR

PESCAR

CONTEMPLAR

CORRER

JOGAR

DESCANSAR

PRATICAR

CAMINHAR

MEDITAR

Figura 76: Crianças andando de bicicleta pelo percurso.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 77: Mapa de Usos. Fonte: Autora, 2020 e Prefeitura Municipal de Colina.

3.6. Aspectos Perceptivos e Cognitivos

Apesar da estrutura física do parque ter sofrido pouquíssima evolução desde a sua construção, ele está em constante transformação. As estações do ano são ordenadoras da paisagem e permitem que o parque passe por diversas fases ao longo do ano. Há períodos em que está mais florido, outros cujo verde ganha variações em sua tonalidade ou aqueles mais áridos, em que as folhas ficam inibidas.

Para Abbud (2006) há três tipos principais de estratos: arbóreo, arbustivo e de forração. O autor associa o efeito desses estratos verdes com as superfícies da arquitetura, resultantes de materiais construtivos – o plano de piso, o plano de parede, o plano de teto, como pode ser comprovado na página seguinte. Assim, o estrato de forração equivale ao plano de piso e é constituído pelos gramados, que permitem o caminhar, ou pelas plantas rasteiras, que podem estar conjugadas a passeios.

Já estrato arbustivo corresponde ao plano de parede. Pode ser formado por arbustos altos, médios e baixos e por determinadas árvores, que funcionam como muros vegetais. São chamados popularmente de cerca viva e têm papel importante para criar intimidade e aconchego aos lugares, e também bloquear vistas indesejáveis ou cenários desinteressantes. No caso do parque, as palmeiras imperiais exercem esse papel de parede delimitando o espaço entre a rua e o parque, garantindo a permeabilidade de visualização, porém enfatizando essa divisão visual.

Por fim, o estrato arbóreo equivale ao plano do teto, sendo desenhado pela superfície inferior das copas, propiciando sombra e repouso ao usuário. No meio urbano, todos esses estratos podem ser pensados para dialogar com os volumes edificadas, fazendo com que as ruas se ampliem ou tornem-se acolhedoras se forem largas ou extensas demais. A sombra dos maciços arbóreos no parque são bem aproveitadas pelos usuários, que apreciam momentos de contemplação e descanso utilizando a base de suas copas.

Figura 78: Percurso do parque florido no mês de setembro. Fonte: Autora, 2020. 73





Figura 79: Grama como espaço de passagem. Fonte: Autora, 2020.



Figura 80: Palmeiras-imperiais como marcação. Fonte: Autora, 2020.



Figura 81: Copa da árvore como sombra. Fonte: Autora, 2020.

O percorrer no parque transmite múltiplas sensações. Os maciços heterogêneos, formados por árvores de diversos portes e com copas de formas, texturas e florações variadas, simulam bosques naturais que, em sintonia com regiões sinuosas (figura 90) do percurso, realçam a sensação de contato com a natureza. Associado a isso, a topografia colabora para o desenvolvimento de espaços criados pelos taludes e desníveis do local, permitindo criar lugares com potenciais visuais ainda inexplorados no projeto do parque.

Através da percepção e reconhecimento da vegetação, é possível analisar a forma como os moradores se apropriam desses espaços. Segundo Cotrim (2018), a espécie *Ficus microcarpa* L.f. (Moraceae) (figura 91), conhecida popularmente como figueira lacerdinha, é uma árvore exótica de origem asiática que possui intensa visitação de espécies de aves devido aos seus frutos. Ademais, a característica de seus caules, tortuosos e rentes ao chão, promove também grande interação com crianças e frequentadores do parque, que utilizam do espaço sob sua copa para encontros e piqueniques. Neste sentido, o plano do teto é evidenciado pela sensação de aconchego e acolhimento que esta espécie propicia aos usuários.

Outros maciços arbóreos do parque também cumprem muito bem o papel do plano do teto. Em geral, essas árvores são as que estão no entorno do lago central e possuem copa horizontal, formando sombra e lugar de aconchego para quem se senta sob seu dossel. Sendo assim, pode-se dizer que essas árvores influenciam diretamente no local escolhido pelos pescadores para se apropriarem no barranco.

Apesar das sensações que os percursos transmitem, ainda há muitos pontos fragilizados no projeto executado. O “chegar no parque” é sentido de forma desigual em pontos do entorno.

Isso se dá pelo fato das interligações ainda serem limitadas e a pista de caminhada não conectar todas as áreas. Fato este comprovado pelo próprio espaço da pista de skate, em que permanece, de certa forma, isolado do restante da área do parque, uma vez que o percurso não engloba este espaço.

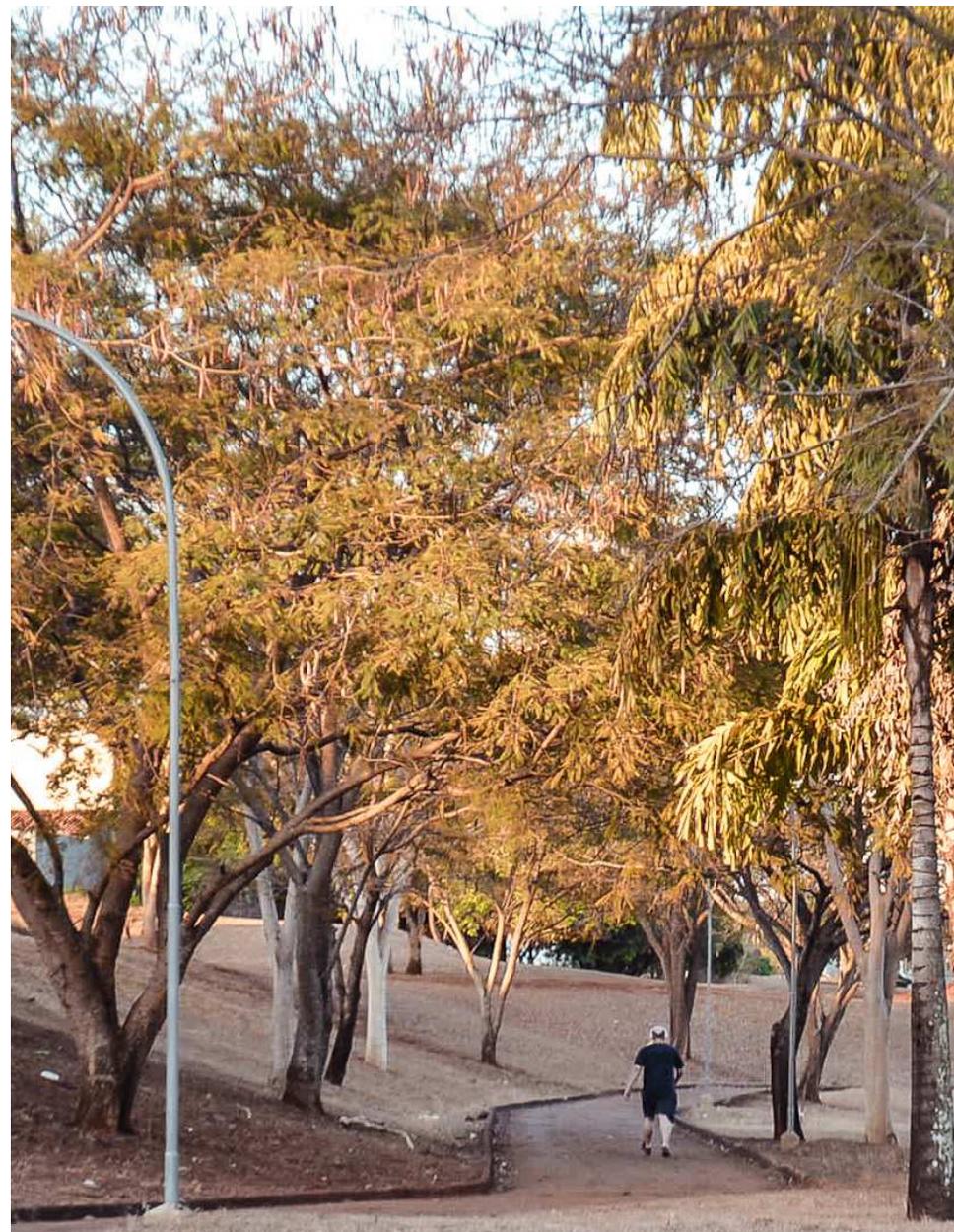


Figura 82: Percurso sinuoso do parque.
Fonte: Autora, 2020.



Figura 83: Criança brincando em galho da árvore figueira lacertinha. Fonte: Autora, 2020.

O cenário visual é composto por elementos que produzem a percepção da paisagem. Essa percepção está relacionada à observação e interpretação dos objetos que estão ao redor do usuário. Assim, é de suma importância valorizar os potenciais visuais do parque a fim de promover estímulos visuais e sensoriais aos frequentadores.

A paisagem panorâmica, com grande amplitude visual é reconhecida principalmente em duas áreas do Parque Débora Paro. A primeira, é concebida pelo lago central, que garante o espaço visual aberto. Assim, no barranco próximo à rua Alfredo P. Jerônimo é onde a vista do pôr do sol da cidade (Figura 92) pode ser melhor apreciada. No entanto, a região é marcada por intenso fluxo automotivo, fato que acaba dificultando o momento de contemplação e apreciação da natureza.

O outro eixo que também promove a amplitude visual está localizado em cima da “ponte seca” (Figura 93). Por se tratar de um local mais alto, é possível visualizar a grande área descampada do parque. A ausência de vegetação arbórea propicia maior controle visual dos usuários, assim como é possível identificar grande potencial de projeto para a área em questão.

De modo geral, pode-se dizer que o parque possui infraestrutura básica, em que se é possível desenvolver atividades físicas e contemplativas. No entanto, o local carece de muitos equipamentos que possam interagir de modo a intensificar permanência e conforto ao usuário. Além disso, a continuidade de obras como a do Centro de Educação e Cultura é fundamental para a promover a diversidade de usos no parque.

Com isso, é necessário que haja multiplicidade de usos em distintos espaços de tempo e dia, atividades de passagem, mas também associadas à longa permanência ao ar livre e que haja também diversidade de pessoas, assim como diferentes tipologias construtivas. Promover a vitalidade do local é um dos caminhos para se alcançar a urbanidade deste espaço público.

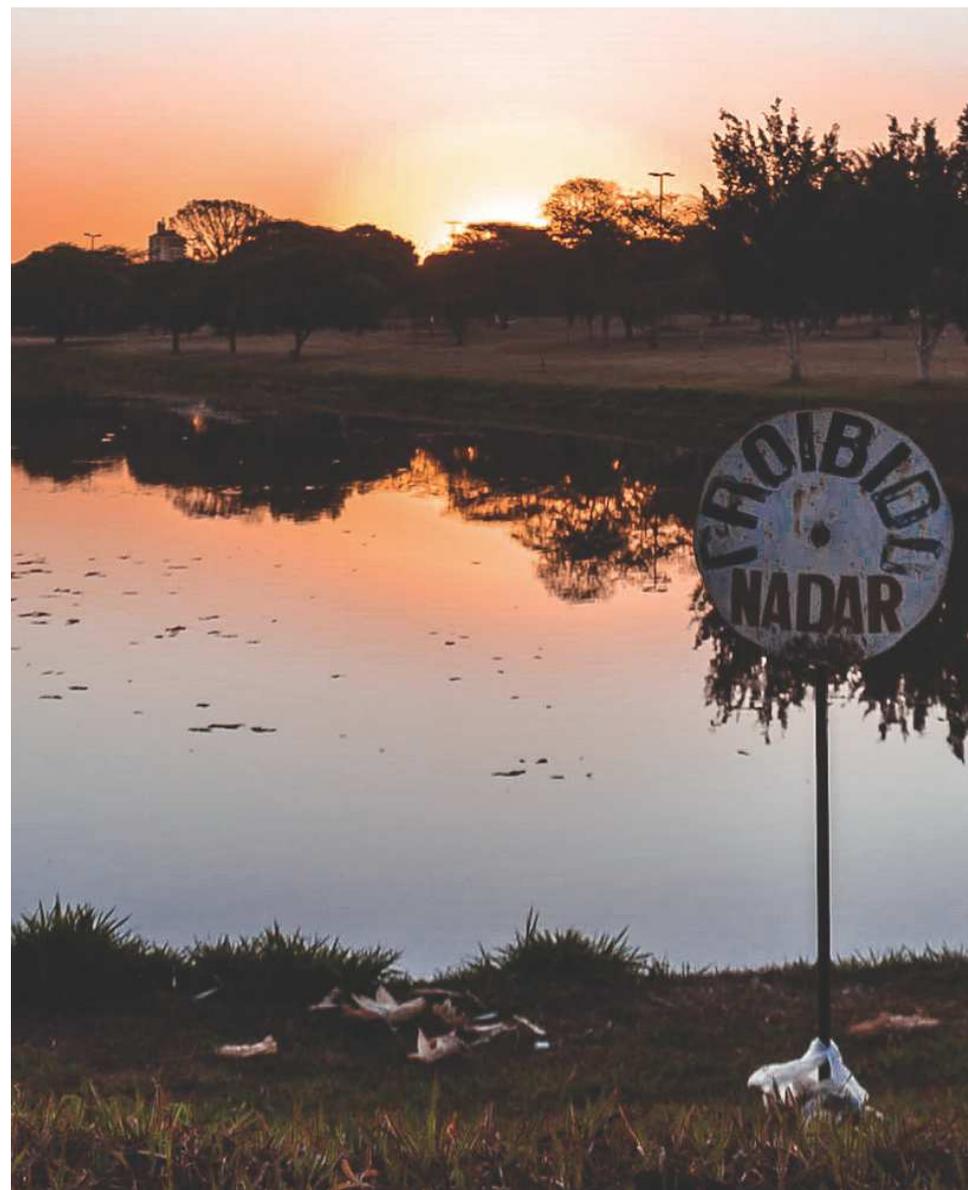


Figura 84: Pôr do sol no parque.
Fonte: Autora, 2020.

Figura 85: Vista panorâmica do parque.
Fonte: Autora, 2020.





4

LEITURAS

Figura 86: (pag 79) Parque Kaukari, Chile. Fonte: Archdaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/766919/parque-urbano-kaukari-teodoro-fernandez-arquitectos>>. Acesso em: 15/09/2020.

.....

A fim de compreender e explorar mais sobre o tema discutido, foram selecionados dois projetos de parques para a Leitura. Os casos escolhidos apresentam semelhanças quanto ao programa diversificado atendendo a todas as faixas etárias, a valorização e preservação dos recursos naturais da cidade, assim como o interesse em devolver à população uma área antes fragilizada, afim de promover o convite ao encontro e a liberdade de apropriação dos usuários em sua totalidade.

Os projetos escolhidos foram:

- Parque da Gare (Passo Fundo, RS – Brasil)

- Parque Urbano Kaukari (Copiapó, Região do Atacama – Chile)

A contemporaneidade é vista em ambos os parques, no entanto é através da peculiaridade de cada um que pode-se extrair a riqueza dos detalhes e inspirações para a requalificação do Parque Débora Paro. Enquanto a primeira leitura possui semelhança referente à escala de projeto, a segunda é de uma qualidade projetual fascinante.

4.1. Parque da Gare

Local: Passo Fundo, RS - Brasil

Ano: 2016

Metragem: 96.070,40 m²

Arquitetos: IDOM

DESCRIÇÃO

Em 1986, após a desativação da linha férrea que impulsionou a economia de Passo Fundo, o Parque da Gare passou ocupar a antiga estação de trem do município. O local, porém, nunca havia sido finalizado e se encontrava praticamente em estado de abandono. Através do Programa de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo (PRODIN), foi desenvolvido, em 2013, o projeto de revitalização do espaço.

PROPOSTA

A proposta abrange a parte paisagística e urbanística, em que foi utilizado o conceito de parque equipado, com usos de esporte, lazer e algumas infraestruturas. Estes foram organizados no espaço urbano desenhado para ser usufruído com elementos de convívio e contemplação, adotando os caminhos e algumas quadras existentes, melhorando a sua qualidade e acrescentando outros percursos para acessos e organização interior do parque.

Foram realizados os projetos básicos e executivos de paisagismo, arquitetura, urbanização e projetos complementares do parque. Além das novas instalações, todas as infraestruturas que já existiam no terreno, foram inseridas no desenho do projeto e requalificadas, mantendo os traços originais. Da mesma forma acontece com o lago, que foi revitalizado após limpeza e estudo de qualidade para o recebimento das águas naturais do parque.

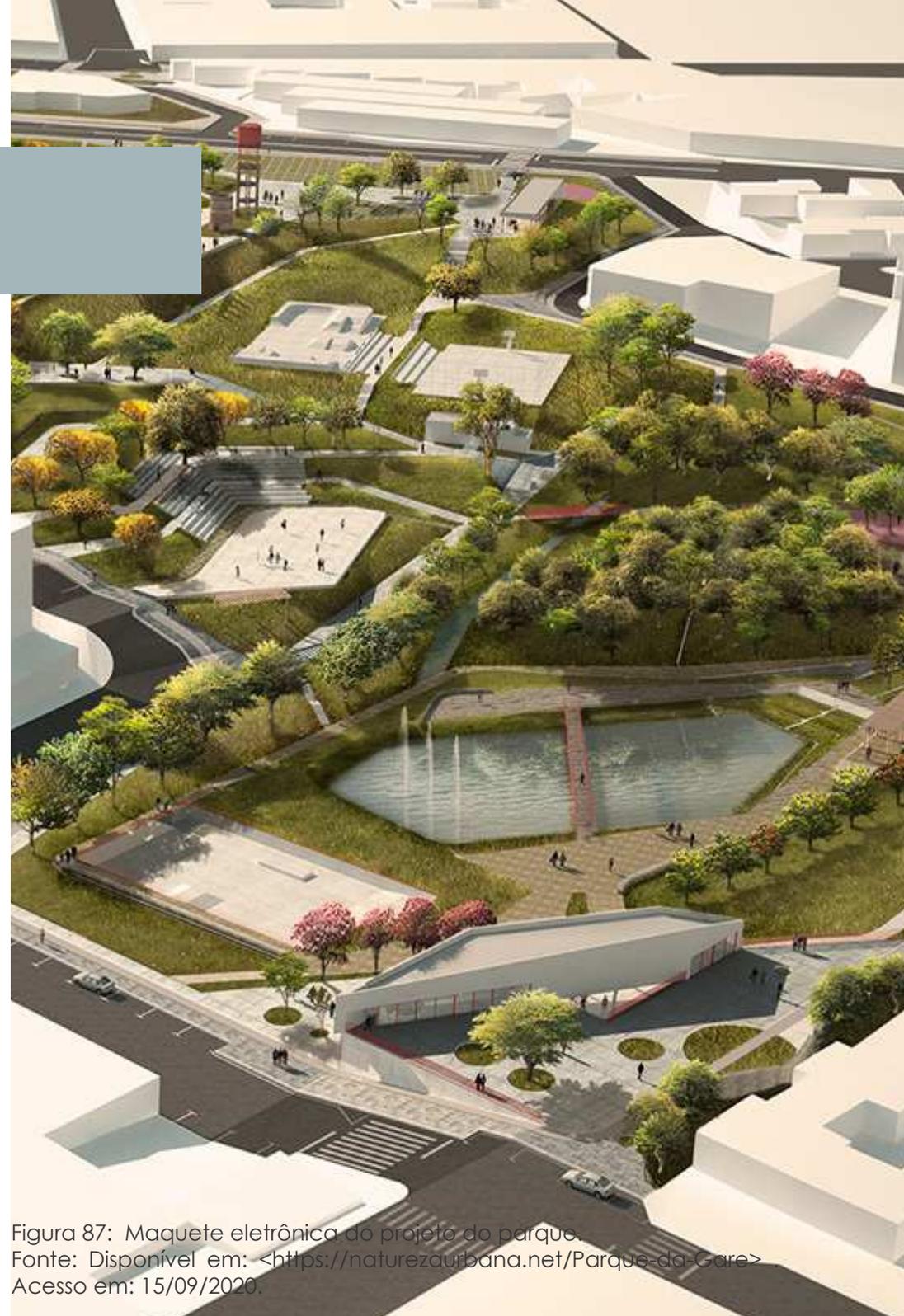


Figura 87: Maquete eletrônica do projeto do parque.
Fonte: Disponível em: <<https://naturezaurbana.net/Parque-da-Gare>>
Acesso em: 15/09/2020.



Figura 88: Implantação do projeto.

Fonte: Archdaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/875069/parque-da-gare-acxt>> . Acesso em: 15/09/2020.

OBJETIVOS

Transformação de um parque existente no principal espaço público da cidade, integrando lazer com esporte, cultura, história e cidadania, afim de melhorar a qualidade de vida da população.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

- Planejamento estratégico;
- Projeto de paisagismo com espécies nativas que promovam contato entre os usuários, buscando relacionar cores, tamanhos e características de cada árvore com a função necessária para cada espaço;
- O desenho do parque busca manter as manchas já existentes, melhorando sua qualidade e organização;
- Topografia acentuada do terreno a benefício do projeto, seja para organizar os setores de atrações do parque em diferentes patamares, seja para a implantação dos edifícios.

TÉCNICAS E MATERIAIS

A intervenção urbana foi dividida em dois tratamentos distintos, o exterior pertencente à cidade, em pedra da região – como todos os passeios da cidade de Passo Fundo, mantendo a relação entre a cidade e o novo parque renascido. Já o desenho dos caminhos vai sendo alternado com diferentes materialidades, madeira, pisograma, cimento e intertravado que organiza espacialmente o parque e o seu uso, surgindo playgrounds e pergolados. Nas áreas infantis também é utilizado o piso emborrachado.

Prédio da Feira do Produtor: sistema misto de concreto e metálico e lajes pré-moldadas. Cobertura em telhas metálicas, assim como o fechamento exterior, havendo uma continuidade entre o telhado e a fachada. Prédios da

Biblioteca e da Lanchonete: edifícios em concreto armado, com estrutura metálica e fechamento em alvenaria com algumas superfícies envidraçadas.

PROGRAMA

- Academia ao ar livre;
- Área de preservação com 5 nascentes;
- Banheiros e manutenção;
- Brinquedos ao ar livre;
- Caminhos destinados aos pedestres;
- Complexo Gastronômico e Cultural, implantado na edificação da histórica da antiga estação férrea;
- Espaço de shows e feiras;
- Espaço de tecnologias e multimeios para leitura e games;
- Lanchonete com ponto de informação;
- Pista de Bicicross;
- Pistas de Skate;
- Prédio para a Feira do Produtor;
- PRISMA: Estação Cultural da Gare – onde está inserida a biblioteca e o anfiteatro;
- Quadra esportiva;
- Revitalização do Lago da Gare.



Figura 89: Pista de skate.



Figura 90: Escorregador.



Figura 91: Lago central e PRISMA (ao fundo).



Figura 92: Pergolado metálico.



Figura 93: Prédio da Feira do Produtor (externo).



Figura 94: Prédio da Feira do Produtor (interno).

4.2. Parque Urbano Kaukari

Local: Copiapó, Região Atacama – Chile

Ano: 2014

Metragem: 60.000 m²

Arquitetos: Teodoro Fernández Arquitectos

DESCRIÇÃO

O processo de urbanização da cidade de Copiapó em direção ao sul resultou em um vazio às margens do rio de mesmo nome, tornando-se um limite físico em uma área privilegiada. O uso degradante transformou-o em um espaço marginal que acentuou a divisão da cidade. Assim, o Seremi del Minvu de Atacama (Secretaria do Ministério da Habitação e do Urbanismo de Atacama) considerou que o espaço estava desarticulando os bairros próximos ao rio e aos espaços públicos, criando precariedade na infraestrutura urbana e causando degradação ambiental e social. Como forma de solucionar este problema, em 2007, o Seremi encomendou o “Estudo de Diagnóstico de Recuperação do Rio Copiapó”, que teve como objetivo gerar uma imagem objetiva que permitisse a recuperação e valorização da beira do rio Copiapó para o público.

PROPOSTA

A principal proposta do Parque Urbano Kaukari, que significa “vida no rio novo”, é transformar as margens do rio Copiapó em um espaço verde urbano acessível, capaz de fornecer uma solução cênica e hidráulica simultaneamente. O projeto de arquitetura propõe uma área verde pública e multi programática, capaz de alojar as diferentes atividades da cidadania, convertendo assim o parque em um espaço cívico, cultural, recreativo, paisagístico e esportivo único para



Figura 95: Maquete eletrônica do projeto do parque. Fonte: Archdaily.
<https://www.archdaily.com.br/br/766919/parque-urbano-kaukari-teodoro-fernandez-arquitectos>. Acesso em: 15/09/2020.

a cidade. Além disso, o parque propõe um processo de renaturalização do leito do rio Copiapó através de um design que irá contribuir para o controle de inundação, garantindo assim segurança aos habitantes.

A estrutura geral de desenho do parque designa intenções diferentes para cada margem e ao longo de sua extensão. Em direção ao norte, um conjunto de passeios geométricos retos entrelaçados conectados ao urbano, e em direção à margem sul, uma situação mais orgânica e ondulante. Nos setores mais próximos ao centro da cidade se concentraram os programas mais urbanos e cívicos, já em direção estádio estão as áreas de recreação e esporte.

OBJETIVOS

Recuperação das margens do Rio Copiapó, incluindo a utilização da fauna e flora endêmicas, para transformar o terreno em um espaço urbano e verde acessível, capaz de articular as duas margens, proporcionando uma solução paisagística e hidráulica ao mesmo tempo.

-Infraestrutura Viária: gerar alternativas longitudinais e transversais (costura urbana);

- Morfologia Urbana: configuração da orla da cidade;
- Espaço Público: consolidação de um parque urbano comunitário e intercomunitário;
- Usos: geração de subcentros de equipamentos comerciais, culturais, esportivos, recreativos e sociais;
- Ambientais: recuperação do rio por meio de programas de obras, florestamento e manutenção, promovendo um controle efetivo das inundações.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

- Mimese da identidade natural da paisagem em termos de sua flora, fauna e hidrologia local;
- Estabelecimento de novas conexões por infraestruturas como ciclovias, pontes, escadas e calçadas, fazendo a transposição da barreira natural;
- Utilizar do rio não apenas como elemento de drenagem da bacia, mas também como elemento central da cidade que o liga ao vale, a região e sua paisagem;
- Qualidade projetual gera um desenho da área compatível com a sua história.

Figura 96: Implantação do projeto. Fonte: Archdaily. <https://www.archdaily.com.br/br/766919/parque-urbano-kaukari-teodoro-fernandez-arquitectos>. Acesso em: 15/09/2020.





Figura 97: Pergolado.



Figura 98: Área cívica.



Figura 99: Escadaria.



Figura 100: Margem do rio.



Figura 101: Equipamento urbano.



Figura 102: Área de convivência.



Figura 103: Corte do projeto.

Fonte (figuras 97-103): Archdaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/766919/parque-urbano-kaukari-teodoro-fernandez-arquitectos>>. Acesso em: 15/09/2020.

TÉCNICAS E MATERIAIS

O parque gera o desenho da área em termos materiais, paisagísticos e ecológicos com a inclusão da flora e fauna endêmica, e uma materialização compatível com a cidade e sua história. Em termos construídos, remete-se à identidade material da cidade ligada a seu passado ferroviário e minerador, que é reconhecida pelas cores e formas. Além de pavimentos que garantem acessibilidade universal, projetou-se uma série de elementos pré-fabricados de concreto que não só permitem linguagem e detalhes comuns, mas também facilitam a construção e garantem a qualidade.

PROGRAMA

Inclui áreas de desenvolvimento imobiliário, comercial e residencial, bem como instalações de serviços e recreação. O parque é dividido em seções entre pontes, cada uma com seu próprio caráter:

-Trecho 00: Praça cívica com esguichos de água e a bandeira bicentenária, presença de bancos e espaço para travessia de pedestres, conecta-se com o centro da cidade;

-Trecho 01: Ao norte há passeios que unem praças, feiras e espaço para jogos, assim como academia ao ar livre, pérgolas, bancos e quiosques. Ao sul, um mirante;

-Trecho 02: Ao norte há auditório ao ar livre, quadras, pérgolas, pista de caminhada, espaços de contemplação e descanso, assim como espaços de lazer informais, como jogos sem implementos fixos. Ao sul há pequenas praças e espaços para jogos de bairro;

-Trecho 03: Concentra-se os programas mais urbanos e cívicos. Ao norte está o parque El Pretil junto à estacionamentos, uma lagoa e algumas instalações. Ao sul é o projeto do estádio Atlético Municipal, área de grande complexo esportivo.

PONTOS POSITIVOS A SEREM ABORDADOS NO PROJETO DO PARQUE DÉBORA

CONCEITO

MATERIALIDADE

PROGRAMA

VEGETAÇÃO

PARQUE DA GARE

- Requalificação espacial;
- Parque equipado, com espaço para esportes e lazer;
- Percurso que promovam a contemplação do local, assim como atendem bem a topografia;
- Revitalização do lago central;

- Elementos metálicos monocromáticos: identidade visual e redução de custos;
- Adoção do mesmo material (cimento queimado) nas áreas esportivas;
- Alternância de materiais nos caminhos colaborando para a organização dos espaços internos;
- Desenho geométrico demarcando o espaço;
- Uso de materiais permeáveis e sustentáveis;
- Pisos emborrachados e antiderrapantes na área infantil (figura 105).

- Caminhos promovendo a conexão entre os patamares e a integração do parque;
- Divisão de funções por patamares, organizando o espaço e permitindo ao visitante uma melhor compreensão do local;
- Elementos lúdicos que compõem a paisagem, como por exemplo o escorregador;
- Espaços técnicos, esportivos e culturais;
- Espaços de contemplação;
- Revitalização lago.

- Espécies nativas que relacionam cor, tamanho e característica com a função necessária de cada espaço;
- Relação visual e espacial dos espaços, assim como controle da sombra;
- Plantio em locais específicos como forma de organizar e compensar as zonas existentes (figura 106);
- Áreas livres gramadas que proporcionem variabilidade de ambientes (figura 104);
- Alamedas com árvores de pequeno porte para diminuir a sombra;
- Distinção cromática em contraste

PARQUE URBANO KAUKARI

- Renaturalização do curso da água;
- Marcos visuais na paisagem;
- Parque assumindo um papel de elemento estruturador e integrador do bairro estabelecendo novas conexões.

- Materialização compatível com a cidade e sua história;
- Contraste entre caminhos geométricos retos e espaços orgânicos, ondulados;
- Uso intensivo dos elementos naturais existentes em mobiliários e pisos, como pedra, areia e granito, trazendo a identidade local e auxiliando no processo de drenagem;
- Estruturas metálicas em cores neutras (preto e aço corten), integrados na paisagem (figura 116);
- Escadas e rampas em concreto promovendo o design do local e solucionando a questão topográfica (figura 108).

- Áreas esportivas diversas, atendendo a todas as idades;
- Escadaria com design multifuncional, lugar de passagem e de estar;
- Auditório ao ar livre;
- Espaços de lazer informais;
- Mirante, espaços de contemplação e descanso;
- Mobiliário urbano em sintonia com a paisagem local;

- Elementos paisagísticos exploram ao máximo a diversidade fenomenológica e de ecossistemas endêmicos;
- Vegetação rústica, marcada por espécies exigem pouca manutenção;
- Uso intensivo de vegetação rasteira, como capins e pequenos arbustos, entrando em sintonia com as pedras locais; (figura 109);
- Paisagem criada do parque entra em harmonia com a paisagem local existente.



Figura 104: Espaço descampado



Figura 105: Área infantil (piso emborrachado)



Figura 106: Plantio de novas árvores.



Figura 107: Iluminação em aço corten.



Figura 108: Escada-rampa em concreto.



Figura 109: Vegetação rasteira em meio às pedras.

Fonte (figuras 104-109): Archdaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/875069/parque-da-gare-acxt>> e <<https://www.archdaily.com.br/br/766919/parque-urbano-kaukari-teodoro-fernandez-arquitectos>>. Acesso em: 30/09/2020.

Figura 110: (pag 89) Perspectiva do parque.
Fonte: Autora, 2021.





5

O PROJETO

A partir do levantamento e das análises realizadas referentes ao local e seu entorno, desde sua formação, questões ambientais, físicas e sociais, pôde-se chegar a uma síntese dos problemas e potencialidades, constatando-se a necessidade de propor ações de requalificação no Parque Débora Paro, visando a revitalização de sua paisagem e melhoria na qualidade de vida da população.

CONCEITOS

Captamos através dos nossos sentidos as informações que os espaços nos oferecem, tornando-nos o reflexo de estímulos que recebemos. As características dos espaços promovem intencional ou inconscientemente a fruição sensorial do usuário, condicionando a percepção desses espaços.

Assim, a proposta tem por objetivo adequar os espaços do parque em uma estrutura espacial que busca estimular o desenvolvimento dessas sensações e habilidades, a fim de gerar um local mais atrativo, dinamizado e com infraestruturas apropriadas. Dessa forma, permite-se que as pessoas sejam os agentes responsáveis pela principal movimentação da área, promovendo, assim, a diversidade, a vitalidade e a conexão. Ademais, a proposta busca relacionar a arquitetura e a natureza, destacando potenciais existentes no parque, reconhecendo sua importância ambiental e seu valor histórico, a fim de resgatar a memória local.



DIRETRIZES PROJETAIS

Com o intuito preservar a área, acrescentando ações projetuais que atendam as necessidades da população e promovam a vitalidade do local, criou-se diretrizes essenciais, as quais nortearão para as etapas posteriores. O projeto se estrutura a partir de setores integrados de modo a promover os encontros.

PERCURSOS

- Valorizar o caminhar, com percursos que transmitam diferentes sensações ao longo do trajeto;
- Promover conexão entre pontos do parque;
- Prever hierarquia de percursos e diferença de materiais;
- Evidenciar os acessos ao parque de modo a valorizar os eixos visuais existentes.

CULTURA E EDUCAÇÃO

- Integrar edifício em construção (teatro e biblioteca) ao parque, externalizando as atividades que ali serão desenvolvidas;
- Proporcionar arquibancadas para cinema ao ar livre e espaço externo de leitura;
- Criar cobertura para feiras livres, atividades festivas e exposições.

ESPAÇOS LÚDICOS

- Produzir ambientes lúdicos que desenvolvam estímulos à criatividade e funções motoras;
- Desenvolver equipamentos que abrangam a várias faixas etárias infantis.
- Criar materiais que fortaleçam a identidade com a cidade.

PERMANÊNCIA/CONTEMPLAÇÃO

- Criar espaços abertos fomentando o convívio social, com apoio de infraestrutura de permanência, com mobiliários versáteis, quiosques, banheiros, pergolados, lixeiras e bebedouros;
- Proporcionar diferentes usos com atividades de serviço em horários variados, como bar/café/sorveteria;
- Propor mirante sobre o lago em ponto estratégico para valorizar o entardecer e contemplar a paisagem, além de servir de apoio para a prática da pesca;
- Elaborar espaço que valorize a memória afetiva da cidade.

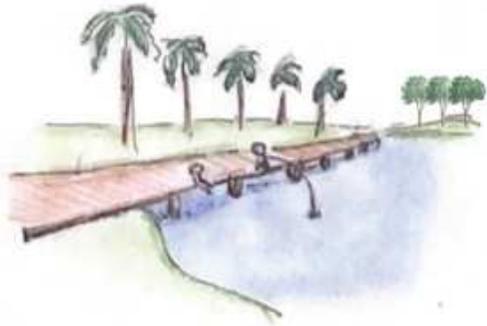
ESPORTE

- Inserir novos equipamentos como quadra esportiva, ginástica ao livre, espaços para ioga e meditação;
- Incorporar espaço para patins próximo à pista de skate;
- Alargar percursos para a implantação da ciclovia, assim como criar espaço para inserção do bicicletário.

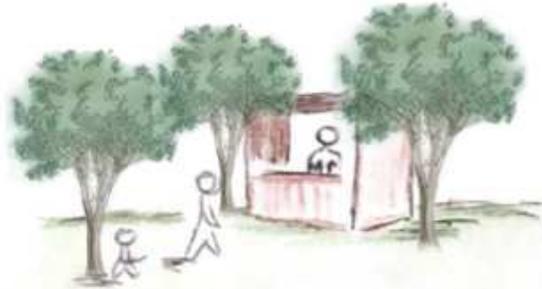
DIRETRIZES PAISAGÍSTICAS

- Preservar as vegetações existentes e a inserir novas formações vegetais visualmente atrativas;
- Promover variedade de espécies e cores, condicionando a percepção do usuário ao longo do ano;
- Potencializar e destacar o projeto já existe da trilha ecológica na área de preservação;
- Construir vazios interessantes;
- Prever espécies rústicas e de fácil manutenção;
- Padronizar os elementos visuais para uniformidade da identificação.

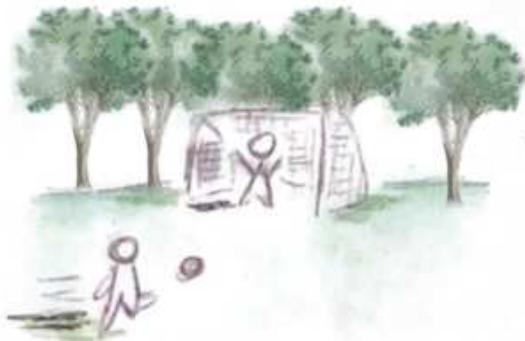
DECK (MIRANTE/PESCA)



ESPAÇOS DE SERVIÇOS



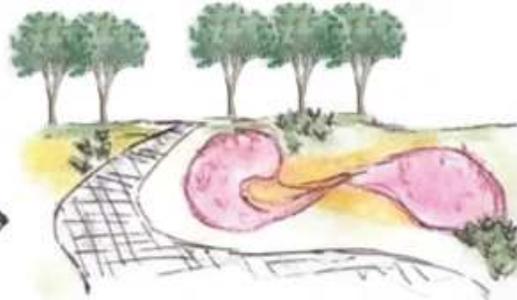
RECREAÇÃO (ESPORTE/INFANTIL)



COBERTURAS PERMEÁVEIS (USOS)



PAISAGISMO (ESCOLHA DAS ESPÉCIES)



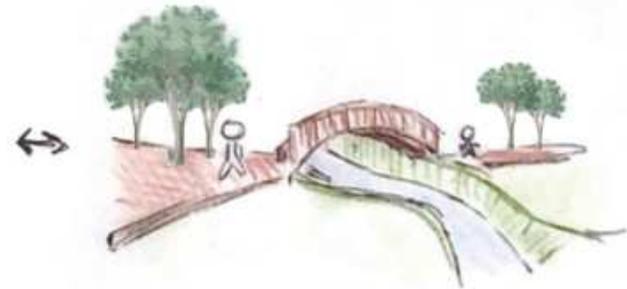
PERCURSOS (SENSAÇÕES)



ARQUIBANCADAS (PASSAGEM/PERMANÊNCIA)



PONTE (CONEXÃO)



VARIEDADE DE MOBILIÁRIO (USOS)

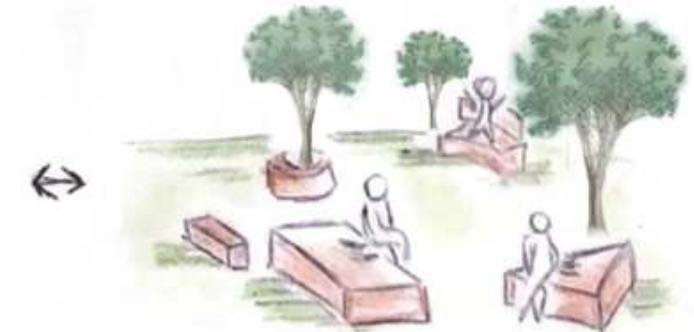
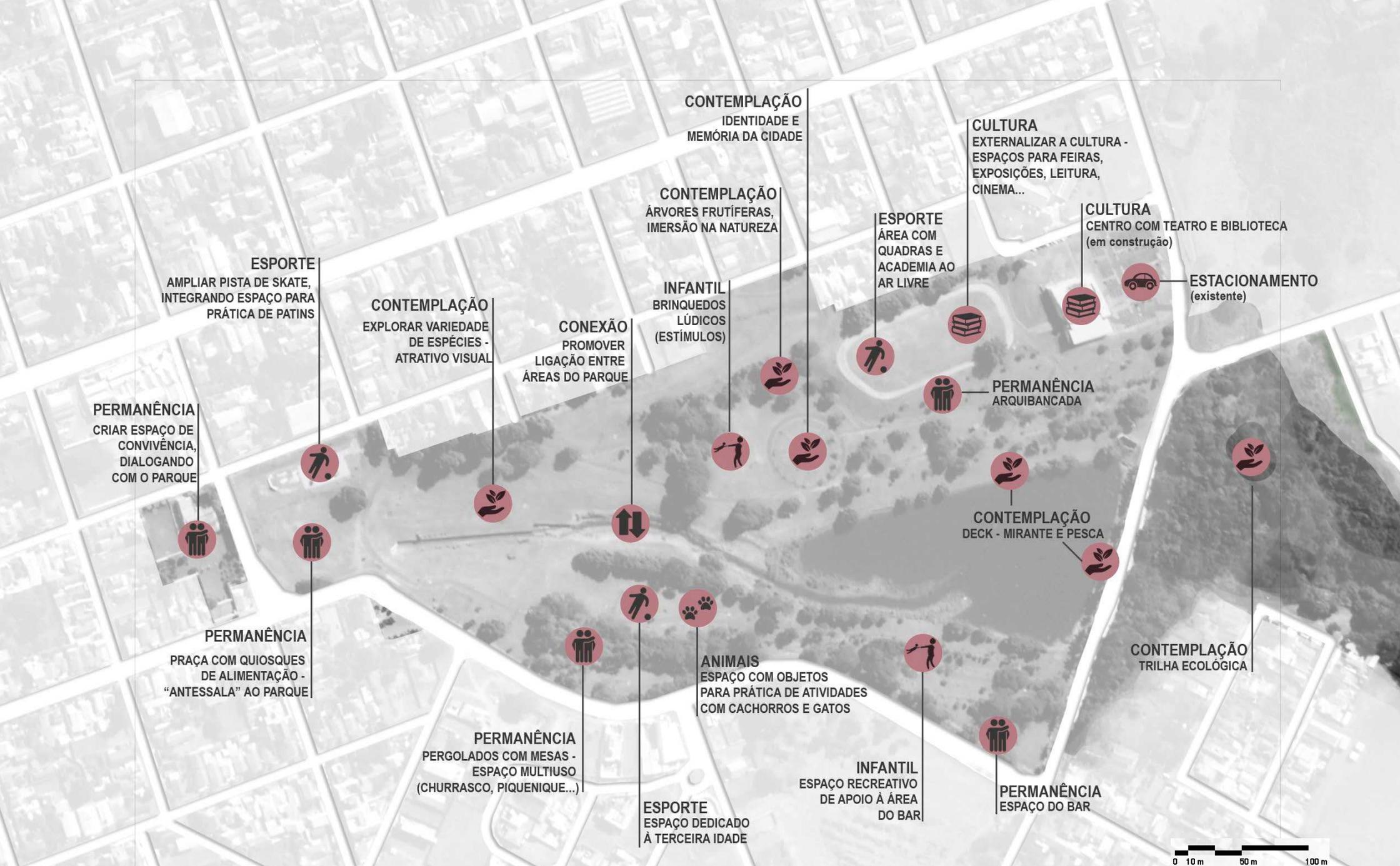


Figura 111: Croquis representativos da concepção projetual. Fonte: Autora, 2020.



CONCEPÇÃO PROJETUAL (SETORIZAÇÃO)

Mapa 17



Figura 112: Área de esporte e cultura do parque.



Figura 113: Área de convívio social (bar) e espaço lúdico ao fundo próximo à avenida Cel. Antenor J. Franco.

Figura 116: Percursos e espaços contemplativos remetendo à identidade da cidade (escultura de cavalo promovendo a memória afetiva da população) e espaço lúdico ao fundo.



Figura 114: Área do deck próxima à rua Alfredo P. Jerônimo.



Figura 115: Praça com espaços para serviço (sorveteria e cafeteria) e área esportiva (pista de skate e patins) ao fundo.



CONCEPÇÃO PROJETUAL

(CROQUIS)

PROCESSO CRIATIVO INICIAL APRESENTADO NO TFG 01



Figura 117: Croqui feito à mão apresentado no TFG 01 com as ideias iniciais
Fonte: Autora, 2020



Figura 118: Croqui em escala apresentado no TFG 01.
Fonte: Autora, 2020.

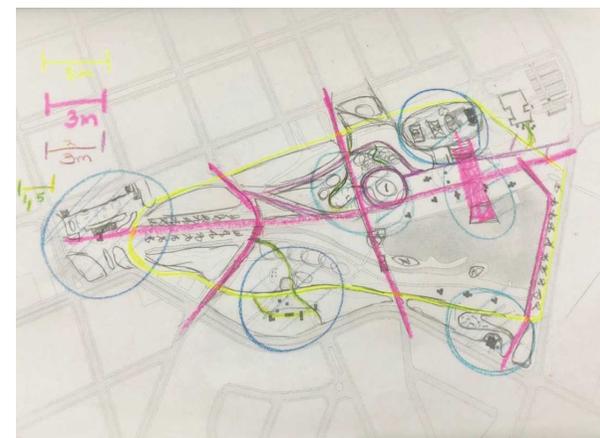


Figura 119: Novos esboços após primeiro atendimento de TFG 02.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 122: Evolução do atendimento.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 121: Evolução do atendimento.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 120: Evolução do atendimento.
Fonte: Autora, 2021.

CONCEPÇÃO PROJETUAL

(CROQUIS)

EVOLUÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO





SITUAÇÃO PROPOSTA

Mapa 18



IMPLANTAÇÃO PROPOSTA

Mapa 19



1. Sindicato dos Servidores Públicos Municipais (existente)
2. Pista de skate e patins
3. Praça de alimentação com quiosques, sanitários e bicicletário
4. Poço artesiano (existente)
5. Academia de terceira idade
6. Espaço Pet - para animais
7. Sanitários
8. Quiosques para lazer
9. Travessias elevadas
10. Bar
11. Espaço Infantil
12. Lago artificial (existente)
13. Decks para contemplação/pesca
14. Ciclovia
15. APP e trilha ecológica
16. Estacionamento
17. Centro Integrado de Educação e Cultura (em construção)
18. Espaço de leitura
19. Arquibancada inserida no talude
20. Espaço para feiras/eventos e sanitários
21. Academia ao ar livre
22. Espaço de quadras esportivas
23. Pista de atletismo
24. Espaço de contemplação
25. Pomar
26. Escultura de cavalo (identidade da cidade)
27. Espaço infantil

PROGRAMA

Mapa 20

PERFIS VIÁRIOS

Atualmente, o parque é composto por percursos de asfalto com 3 metros de largura. Assim, a proposta engloba o alargamento de parte dessas vias existentes (delineado roxo e amarelo) para 5 metros, criando um fluxo principal e a inserção de uma ciclovia (roxo). Ademais, propõe-se também a criação de novas vias de fluxo menor (verde), com 3 metros de largura, em continuidade das existentes, na intenção de conectar o lado norte e sul do parque. Os percursos de 1,5 metro (rosa), propostos em seixos, buscam provocar maior conexão com a natureza, criando caminhos intimistas e aconchegantes. Por fim, a pista de atletismo é proposta em um local plano, o qual já está demarcado com “terra batida”, indicando a intenção do uso para tal atividade.

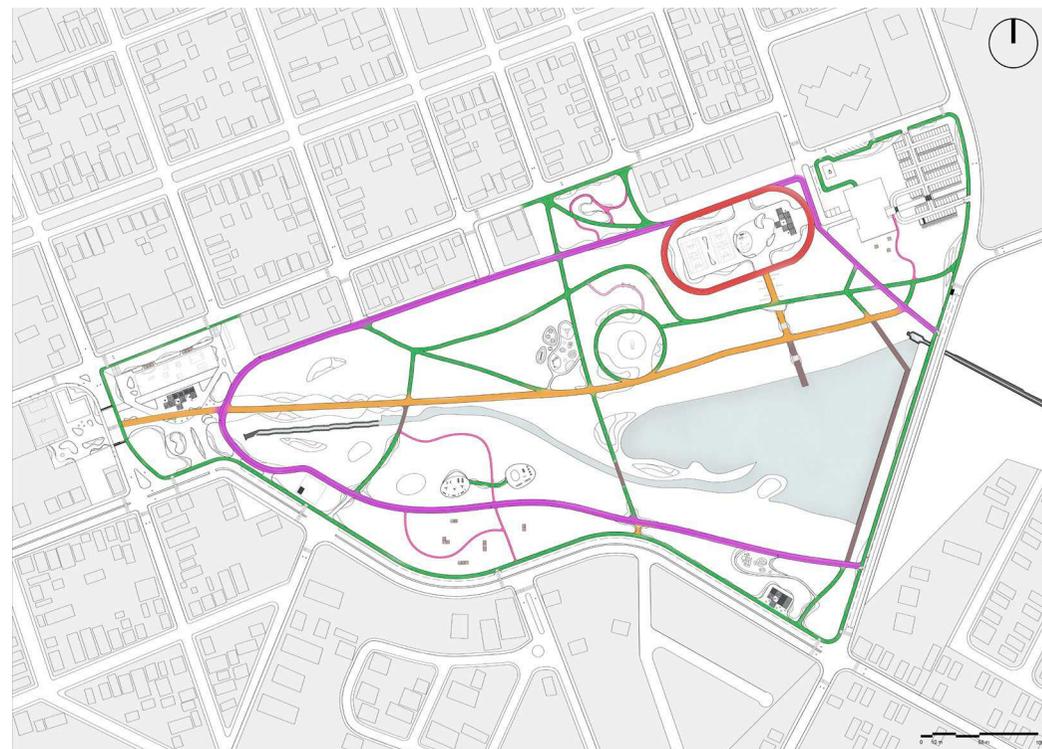


Figura 123: Hierarquia viária proposta no parque. Fonte: Autora, 2021.



Figura 124: Perfis viários propostos no parque. Fonte: Autora, 2021.

Figura 125: Percurso que conecta área da praça dos quiosques ao restante do parque (hierarquia amarela). Fonte: Autora, 2021.



CORTE ESQUEMÁTICO AA



Figura 127: Representação do corte esquemático AA.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 126: Planta linha de corte.
Fonte: Autora, 2021.

CORTE ESQUEMÁTICO BB



Figura 128: Planta linha de corte.
Fonte: Autora, 2021.

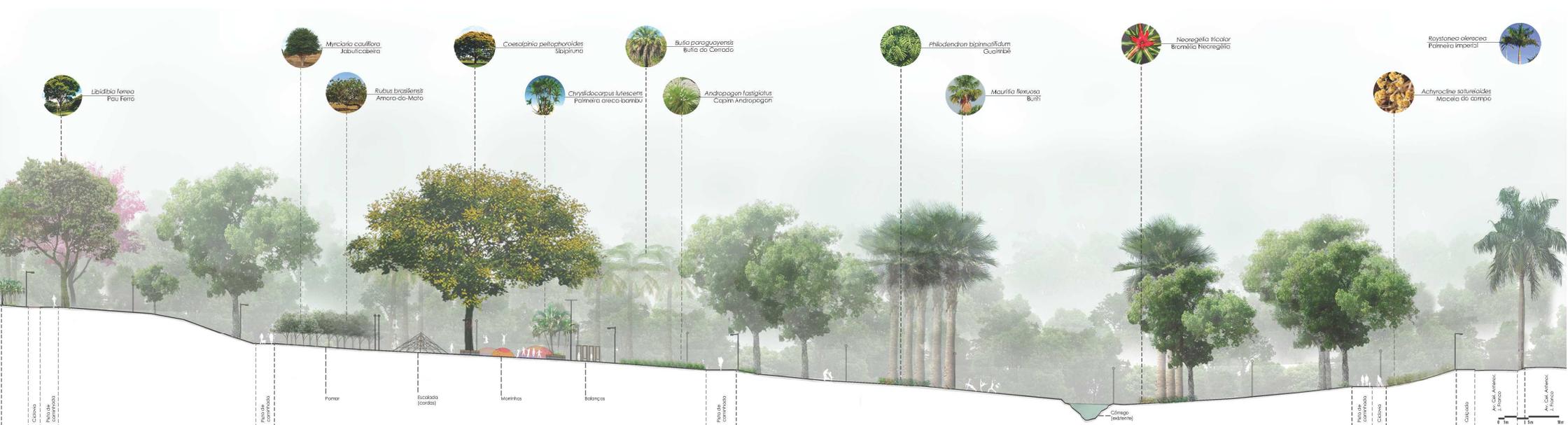


Figura 129: Representação do corte esquemático BB.
Fonte: Autora, 2021.

CORTE ESQUEMÁTICO CC

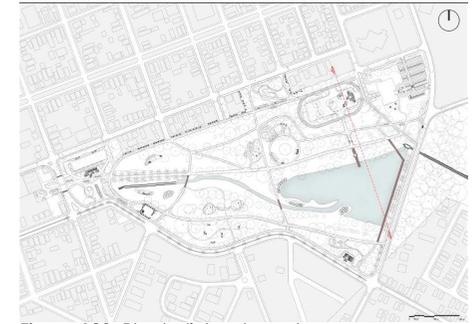


Figura 130: Planta linha de corte.
Fonte: Autora, 2021.

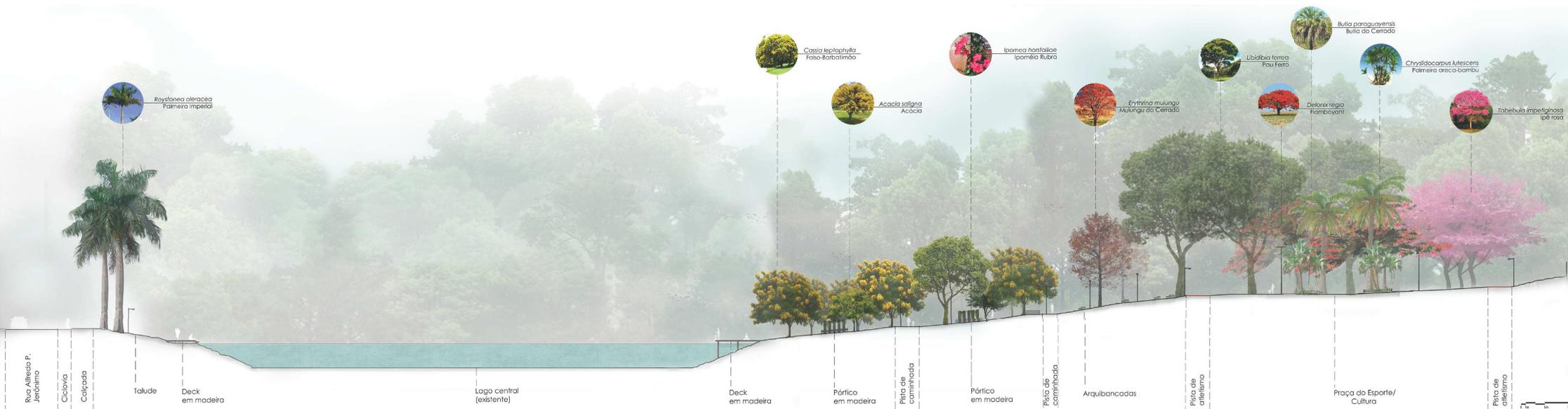


Figura 131: Representação do corte esquemático CC.
Fonte: Autora, 2021.

CORTE ESQUEMÁTICO DD

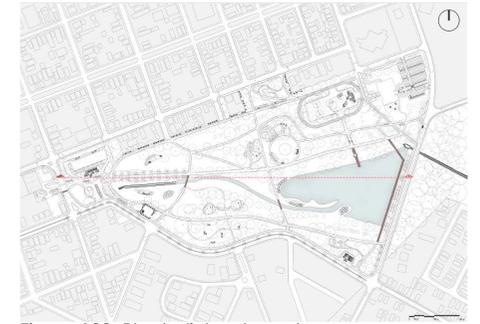


Figura 132: Planta linha de corte.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 133: Representação do corte esquemático DD.
Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO PISTA DE SKATE

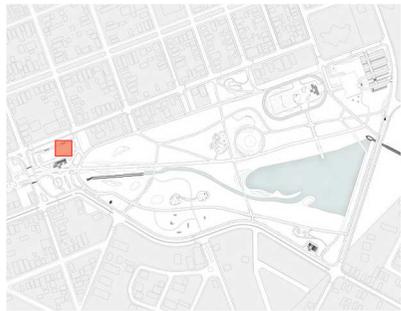


Figura 134: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

Apesar de existente, a pista de skate recebeu algumas melhorias. A ampliação da área cimentada garante aos usuários de patins um espaço livre de obstáculos para a prática do exercício. Além disso, pergolados com bancos foram instalados para promover o conforto e a socialização dos usuários deste espaço.

Figura 135: Zoom da área da pista de skate. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO PISTA DE SKATE

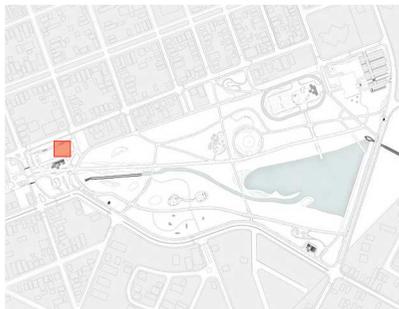


Figura 136: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

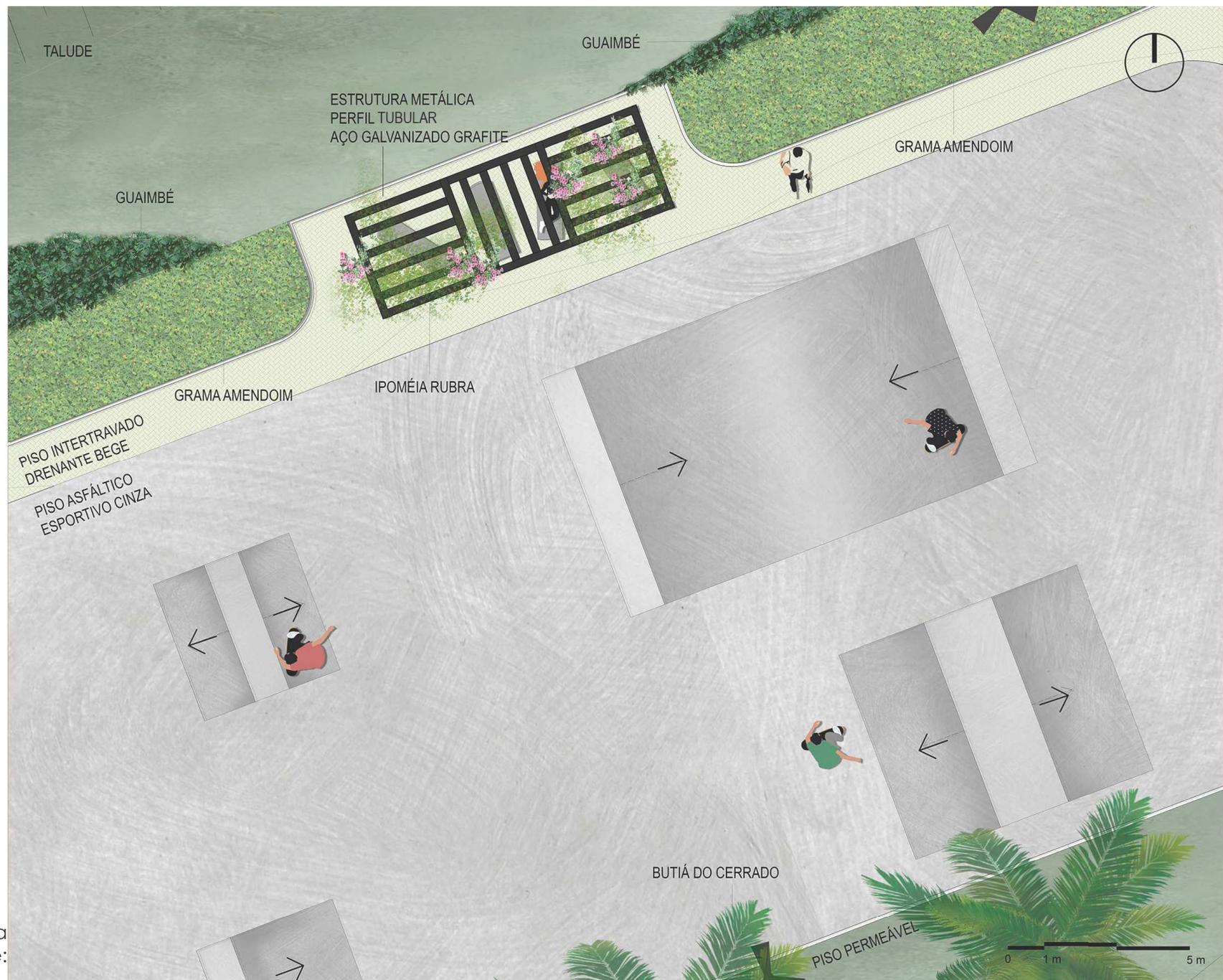


Figura 137: Zoom da área da pista de skate com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO PISTA DE SKATE

Figura 138: Perspectiva da pista de skate e praça dos quiosques ao lado direito.
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO PRAÇA DOS QUIOSQUES

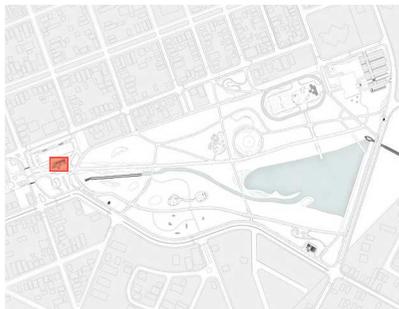


Figura 139: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

574

Praça desenvolvida como “porta de entrada” ao parque, garantindo o convívio da população e suprimindo a necessidade da infraestrutura de serviço na região. É formada por 3 quiosques (anexo 02/11), banheiros (anexo 04/11) e pergolados (anexo 06/11).

573

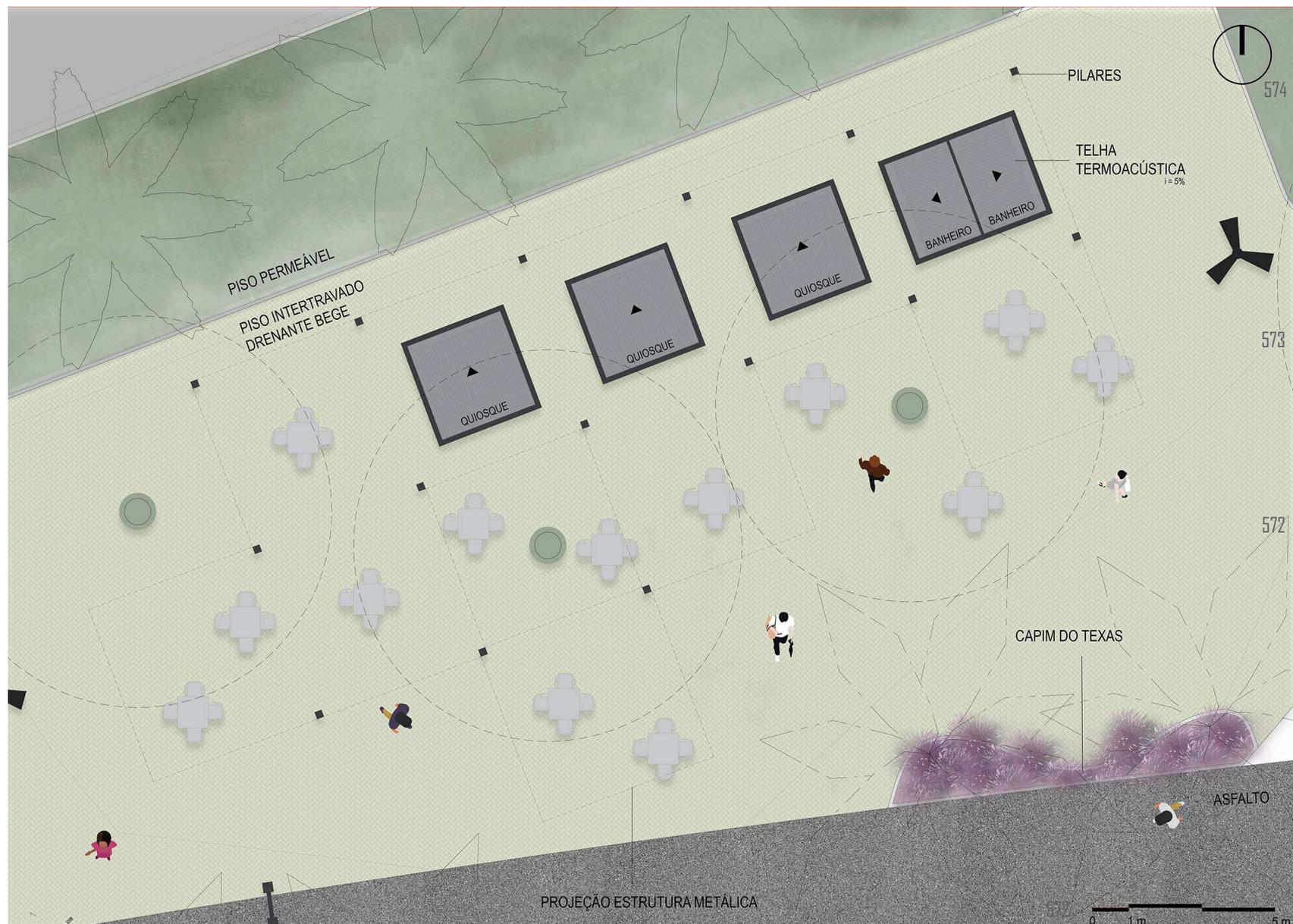


Figura 140: Zoom da área dos quiosques. Fonte: Autora, 2021.

Os quiosques e pergolados foram pensados de modo a promover integração com a natureza, com estruturas vazadas, ortogonais e propostas em materiais metálicos, favorecendo o custo, a facilidade de instalação, a durabilidade e a manutenção. Em alguns destes pergolados propõe-se também a instalação do forro de madeira (lambril), garantindo, assim, o conforto ao usuário.

AMPLIAÇÃO PRAÇA DOS QUIOSQUES

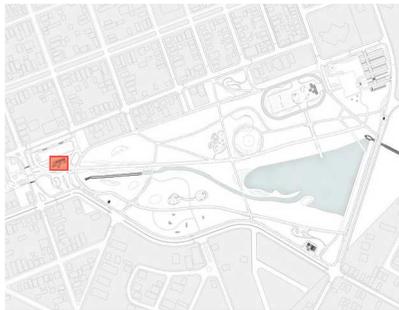


Figura 141: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

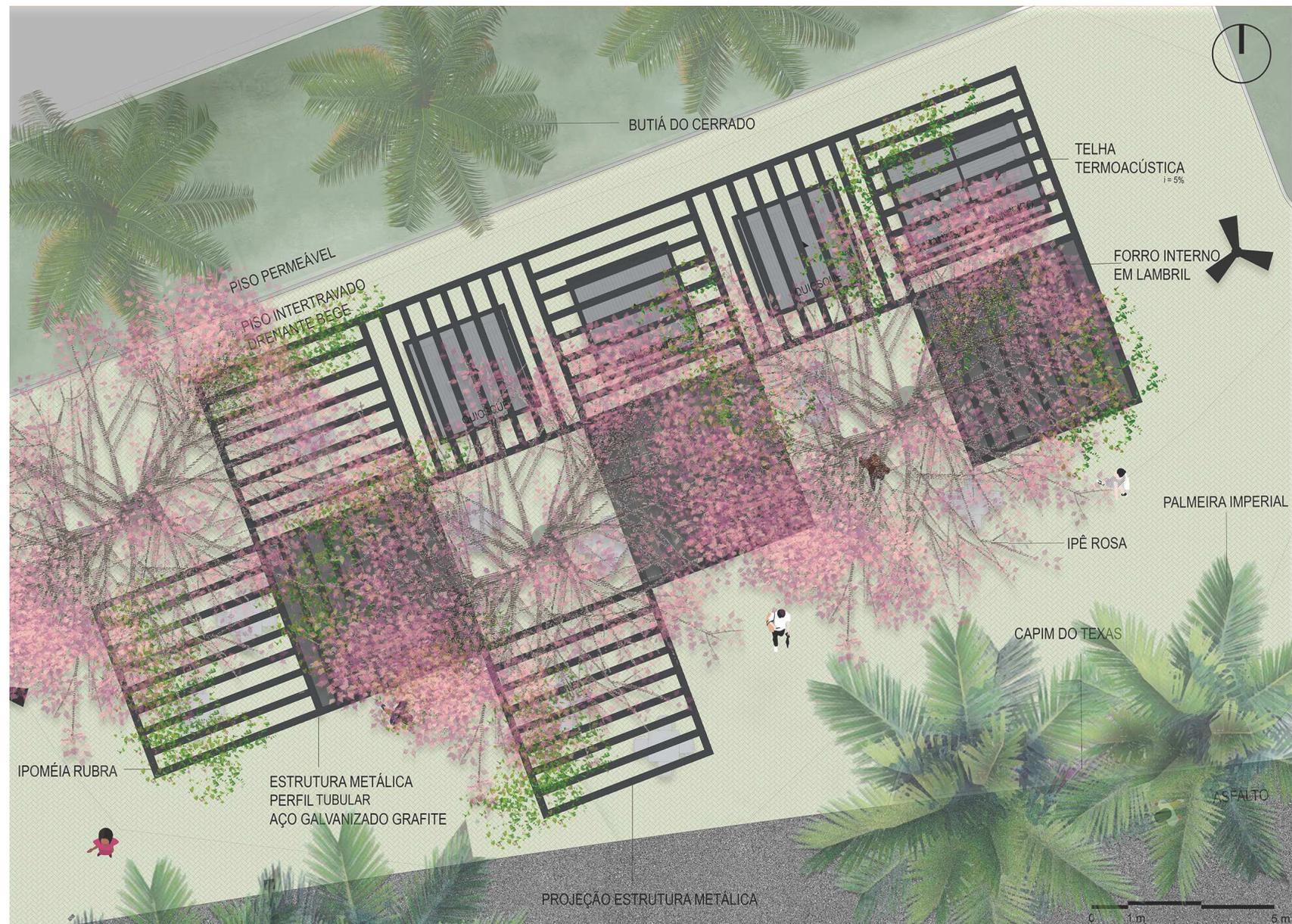


Figura 142: Zoom da área dos kiosques com árvores.
Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO PRAÇA DOS QUIOSQUES

Figura 143: Perspectiva da praça dos quiosques. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO PRAÇA DOS QUIOSQUES

Figura 144: Perspectiva da praça dos quiosques. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ACADEMIA TERCEIRA IDADE

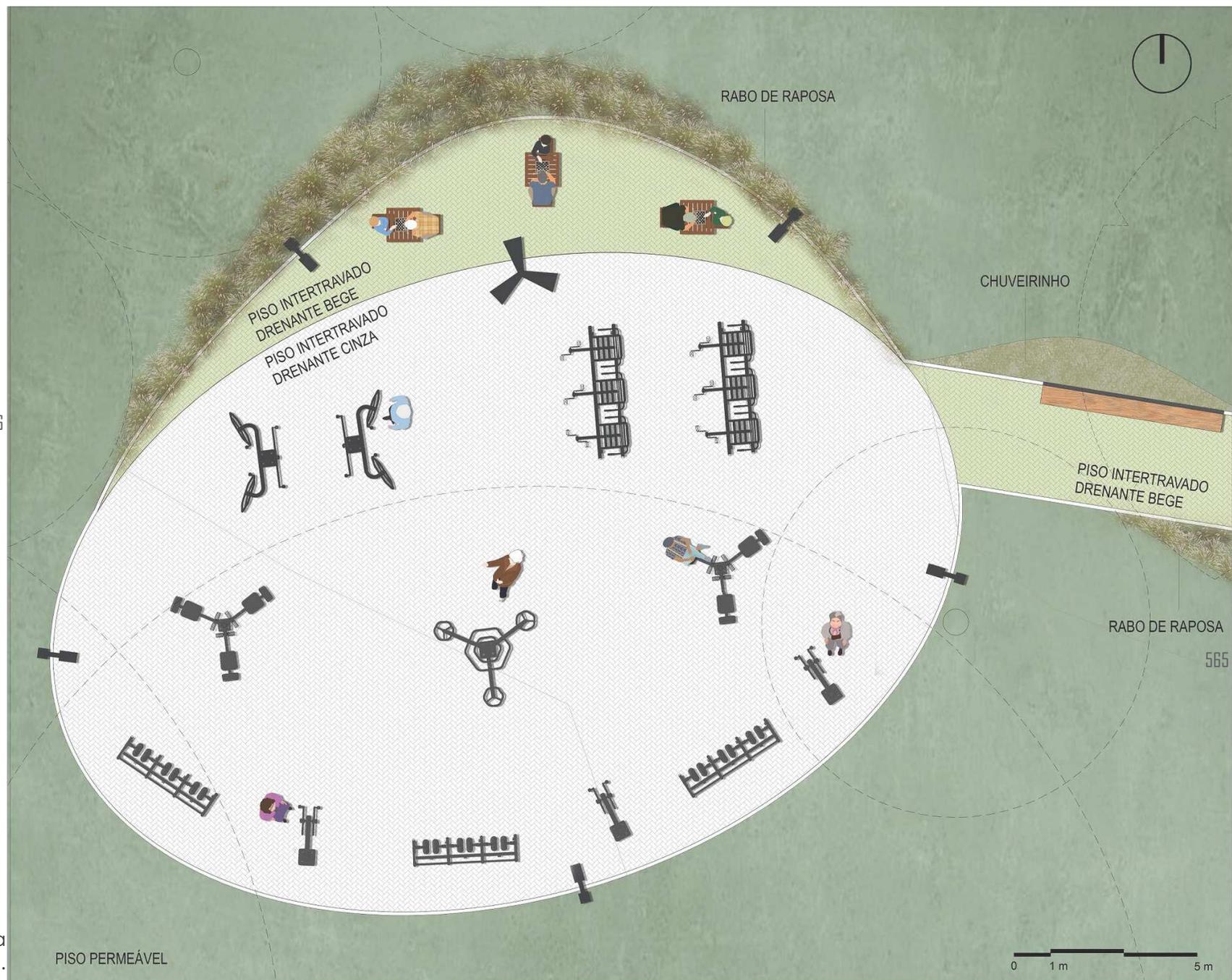


Figura 145: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

566

Espaço destinado aos idosos, com equipamentos de ginástica e alongamento, além de mesas para jogos de tabuleiro e baralho. A área de 285 m², com piso de bloco de concreto intertravado drenante, também pode ser utilizada para práticas orientais e de medição, especialmente para aqueles que buscam fazer seus exercícios ao ar livre.

Figura 146: Zoom da área da academia de terceira idade.
Fonte: Autora, 2021.



565

AMPLIAÇÃO ACADEMIA TERCEIRA IDADE



Figura 147: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

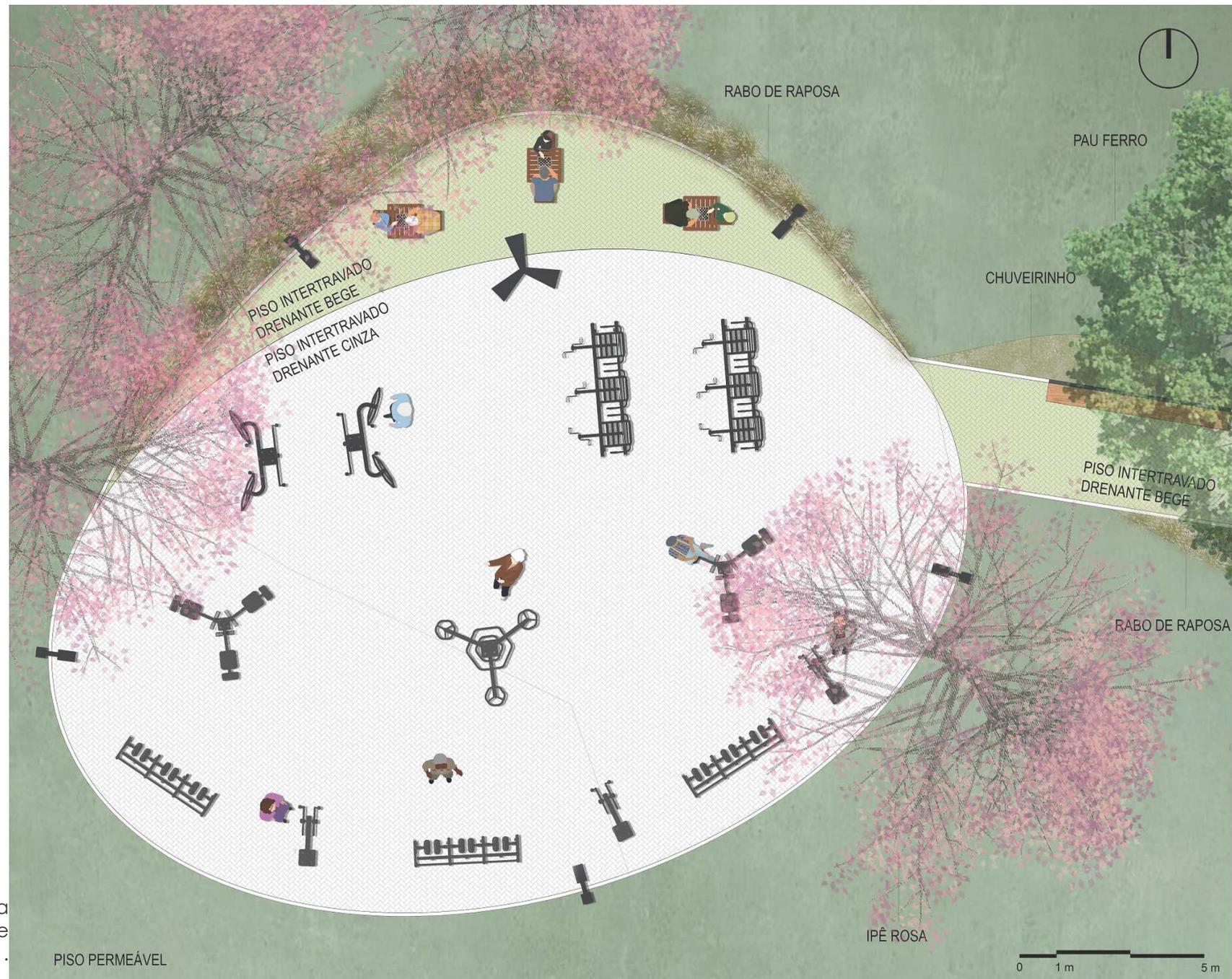


Figura 148: Zoom da área da academia de terceira idade com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ACADEMIA TERCEIRA IDADE

Figura 149: Perspectiva da academia de terceira idade. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO PET



Figura 150: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

Com rampas, pneus, caixa de areia e obstáculos, o espaço desenvolvido é ideal para estimular a coordenação e a instrução de animais como cachorros e gatos, além de permitir a integração e diversão dos mesmos.

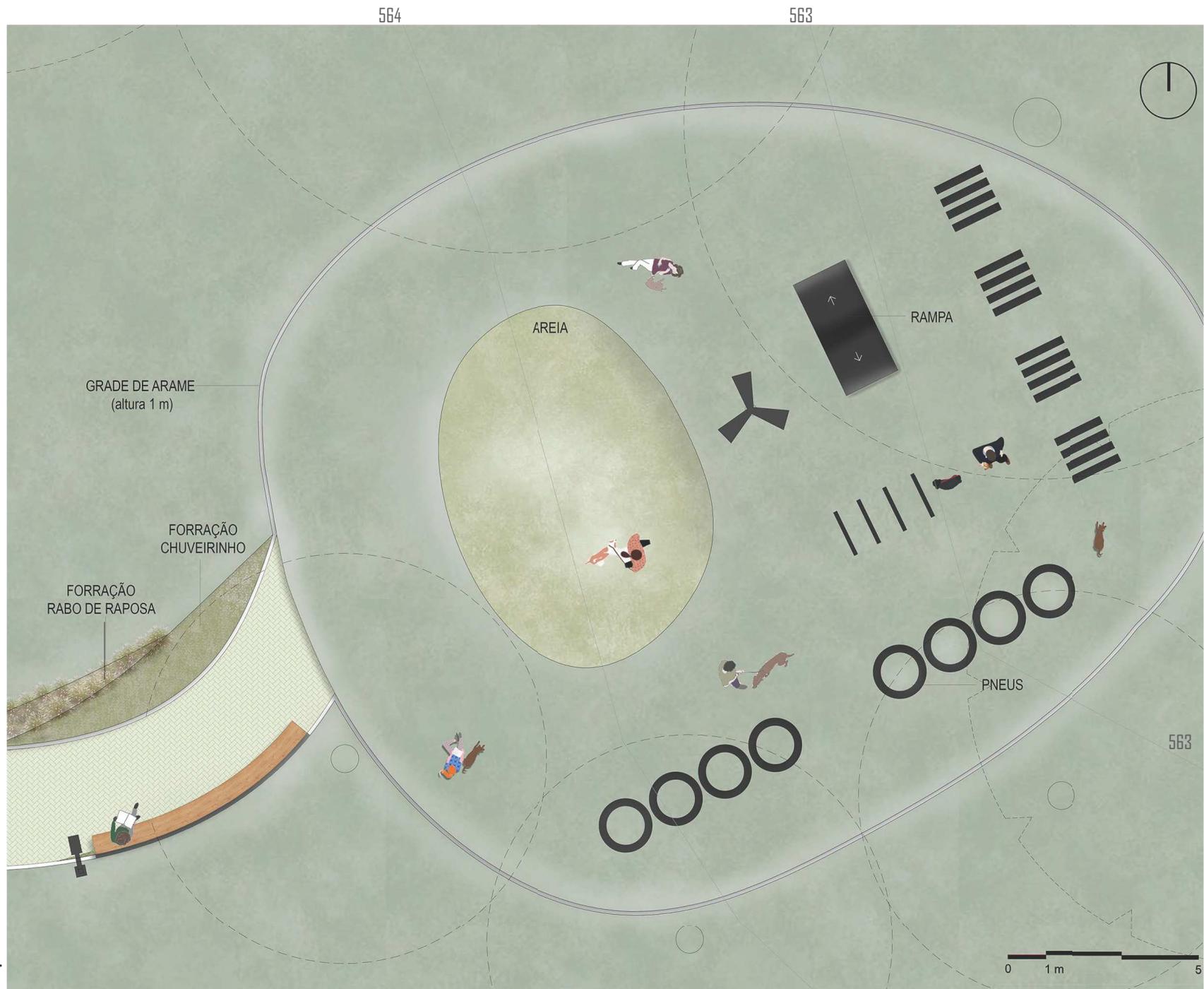


Figura 151: Zoom do espaço pet.
Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO PET



Figura 152: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

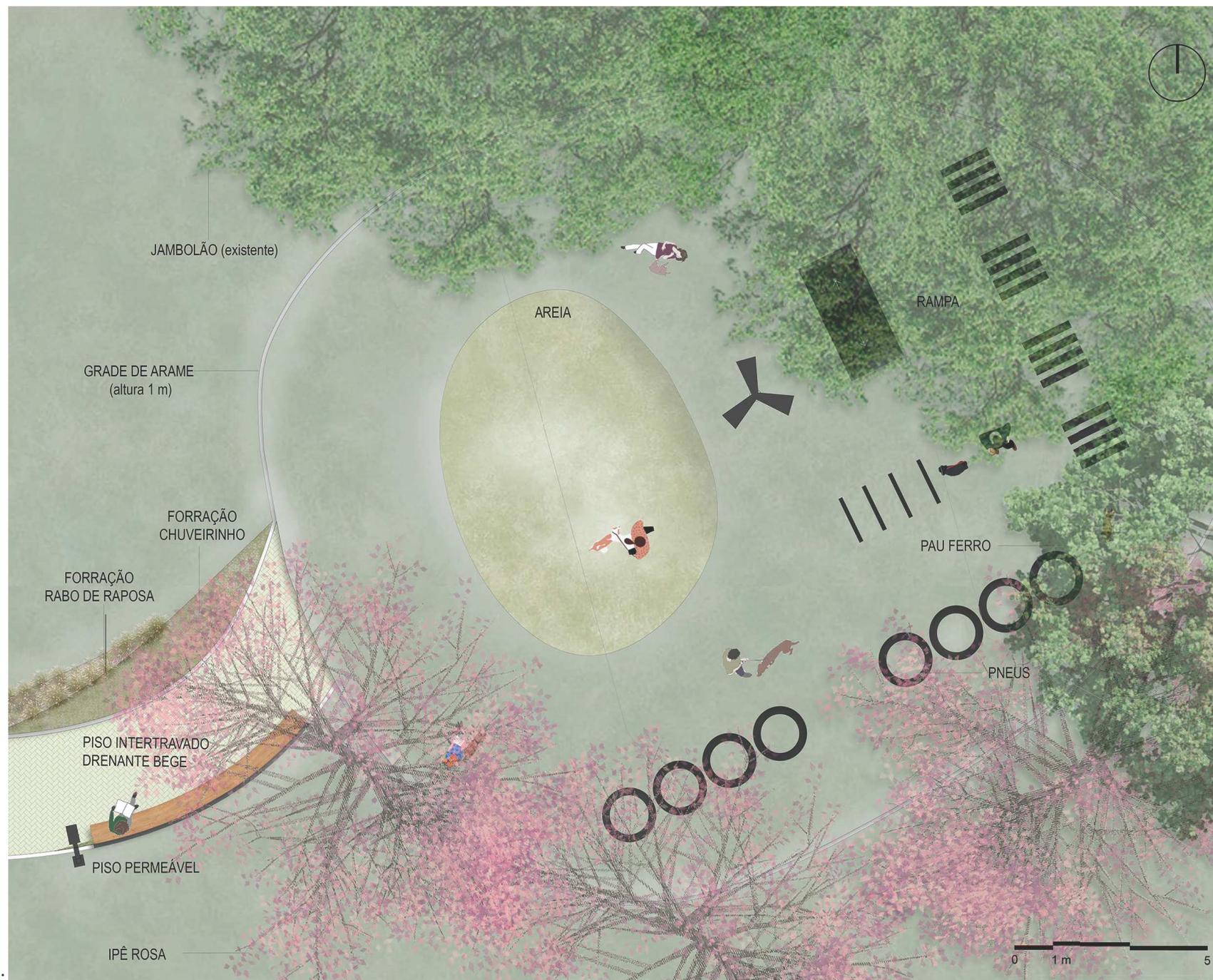


Figura 153: Zoom do espaço pet
com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO PET

Figura 154: Perspectiva do espaço pet.
Fonte: Autora, 2021.



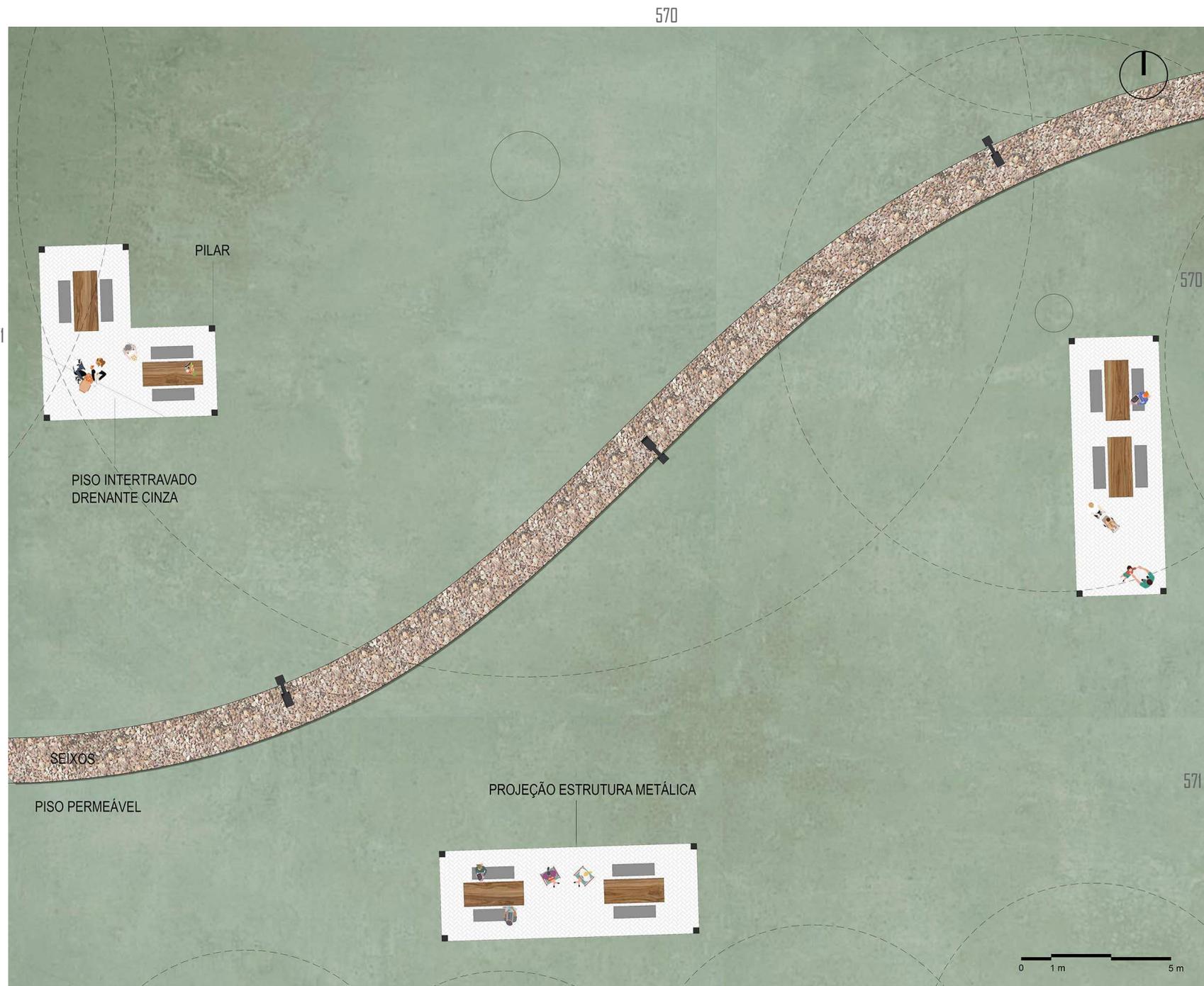
AMPLIAÇÃO QUIOSQUES



Figura 155: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

Quiosques com mobiliários (anexo 05/11) propostos de forma a promover espaços para convivência em grupos, servindo como locais para churrascos, piqueniques, aniversários, entre outros. A localização, próxima à Av. Cel. Antenor J. Franco, foi pensada devido a região já ser conhecida por grupos que costumam aglomerar nas próprias calçadas do parque.

Figura 156: Zoom dos quiosques.
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO QUIOSQUES

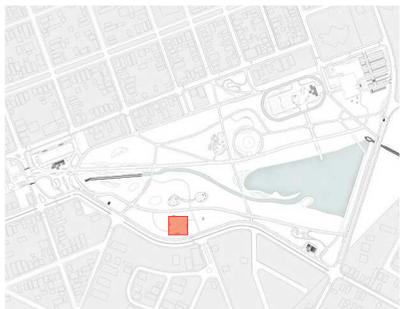


Figura 157: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

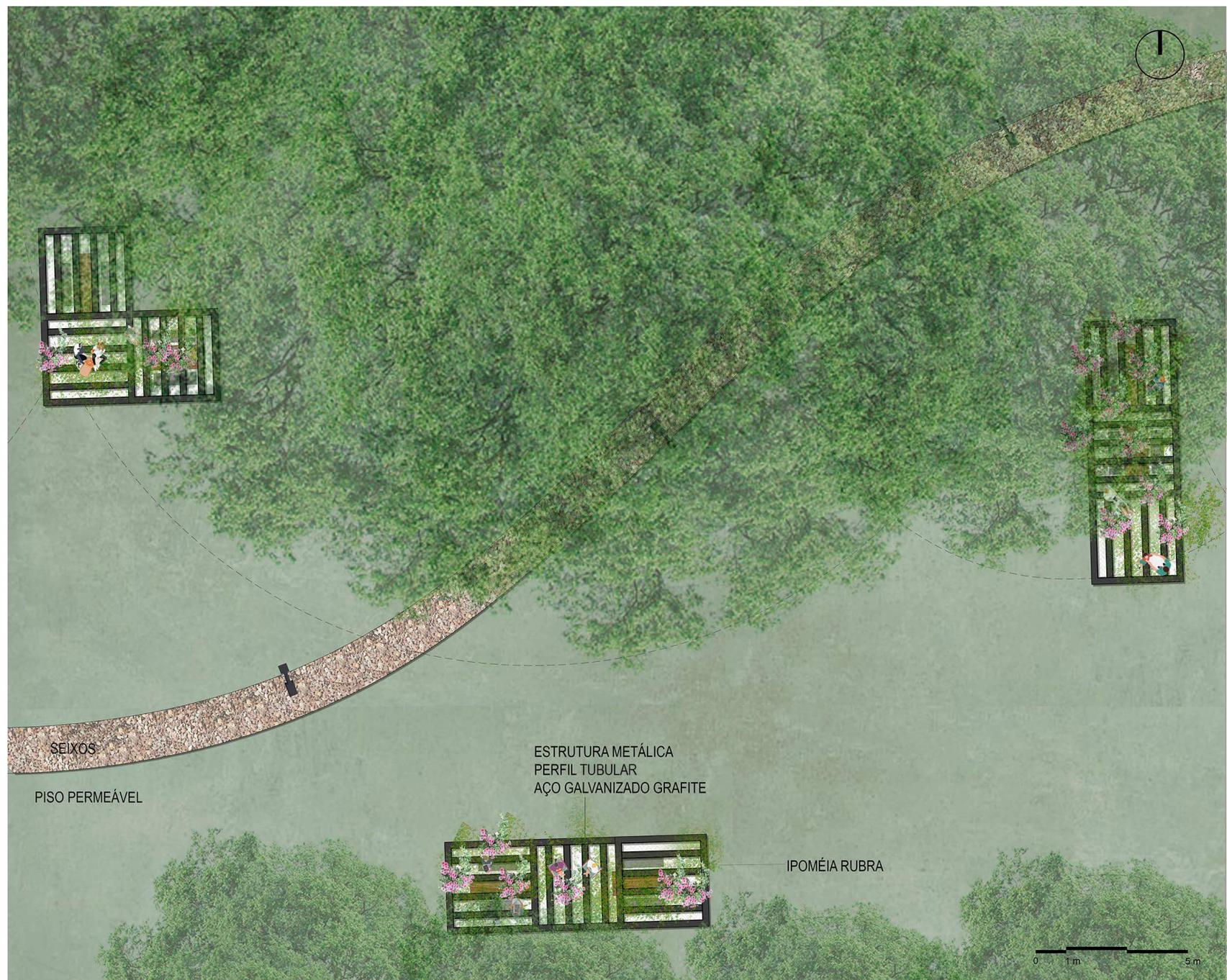


Figura 158: Zoom dos quiosques
com árvores. Fonte: Autora,
2021.

AMPLIAÇÃO QUIOSQUES

Figura 159: Perspectiva da
área dos quiosques para lazer.
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ÁREA DO BAR

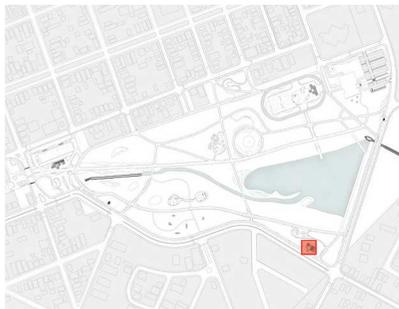


Figura 162: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

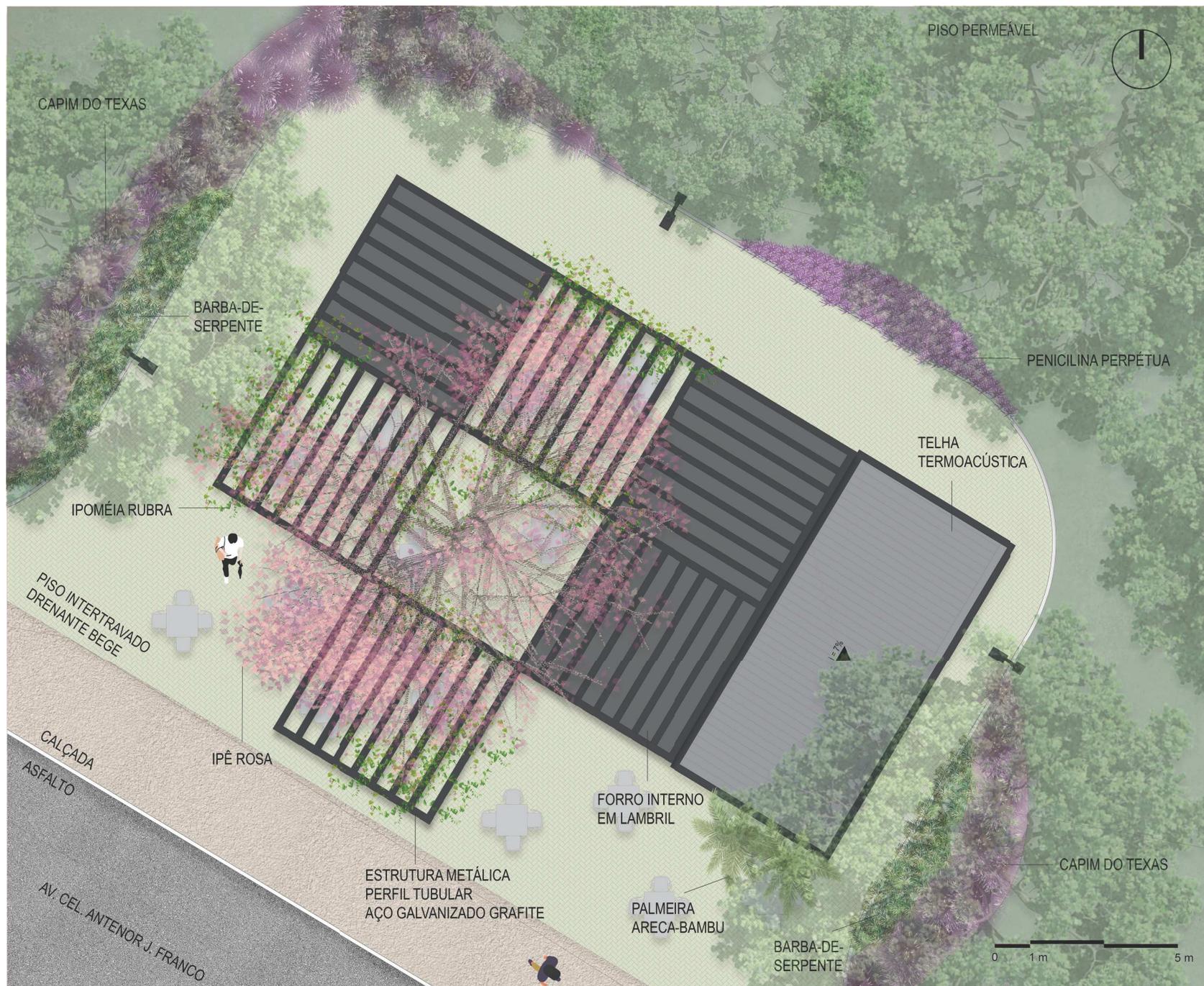


Figura 163: Zoom da área do bar com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ÁREA DO BAR

Figura 164: Perspectiva da área do bar.
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO INFANTIL

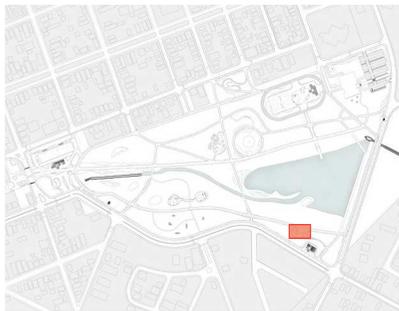


Figura 167: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 168: Zoom do espaço infantil
com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO INFANTIL

Figura 169: Perspectiva do espaço infantil. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO DECK 01

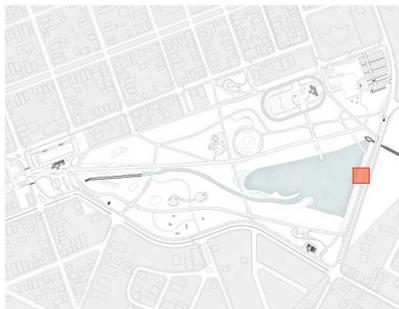
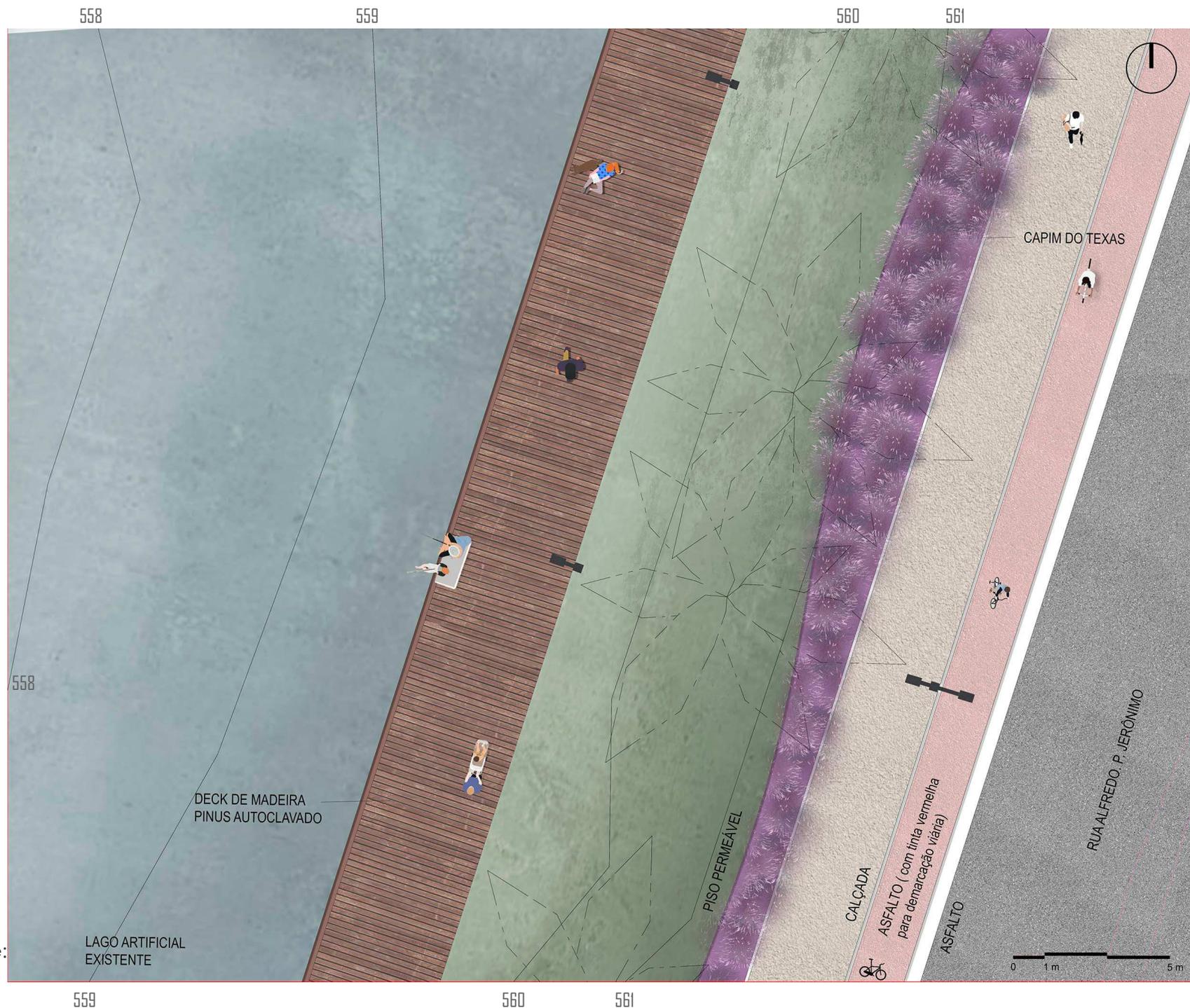


Figura 170: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

A proposta do deck 01 conecta os lados norte e sul do parque e promove um passeio mais próximo ao lago existente. No entanto, busca-se não apenas um local de passagem, mas também de permanência e de contemplação, uma vez que a vista favorece a visualização do entardecer. Além disso, o espaço serve também de apoio aos pescadores.

Figura 171: Zoom deck 01. Fonte:
Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO DECK 01

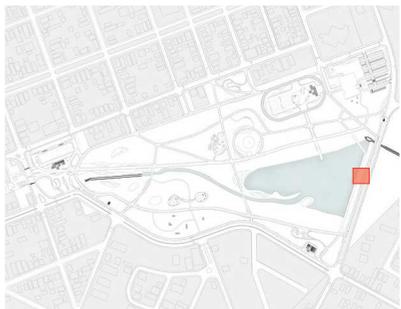


Figura 172: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 173: Zoom deck 01 com
árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO DECK 02

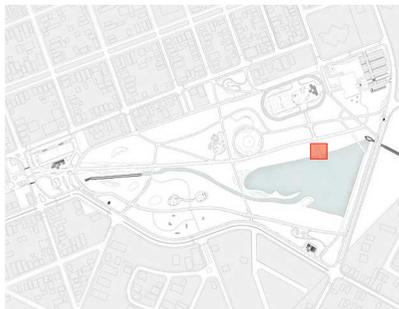


Figura 174: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

Já a proposta do deck 02 busca integrar a área de esporte do parque, criando um eixo de conexão até o lago. Com isso, o espaço pode ser utilizado pela população tanto como área de descanso e contemplação quanto de apoio aos pescadores. Os pórticos de madeira buscam transmitir múltiplas sensações pelo percurso.

Figura 175: Zoom deck 02. Fonte:
Autora, 2021.



561

AMPLIAÇÃO DECK 02

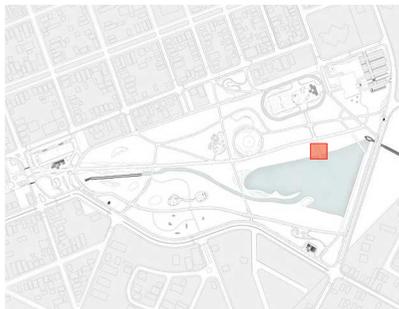


Figura 176: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 177: Zoom deck 02 com
árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO DECK 02

Figura 178: Perspectiva da área dos decks. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO EVENTOS

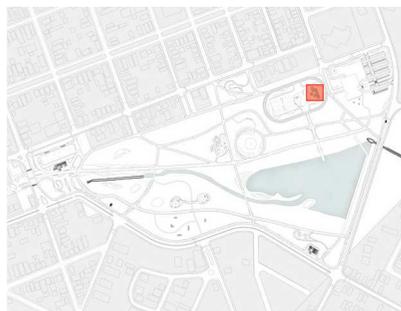


Figura 179: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

A área foi pensada para externalizar as atividades realizadas no Centro Integrado de Educação e Cultura. A estrutura é composta por pergolados e pode ser aproveitada para diversos eventos ao ar livre, como shows, feiras e teatros. O espaço conta também com banheiros públicos.

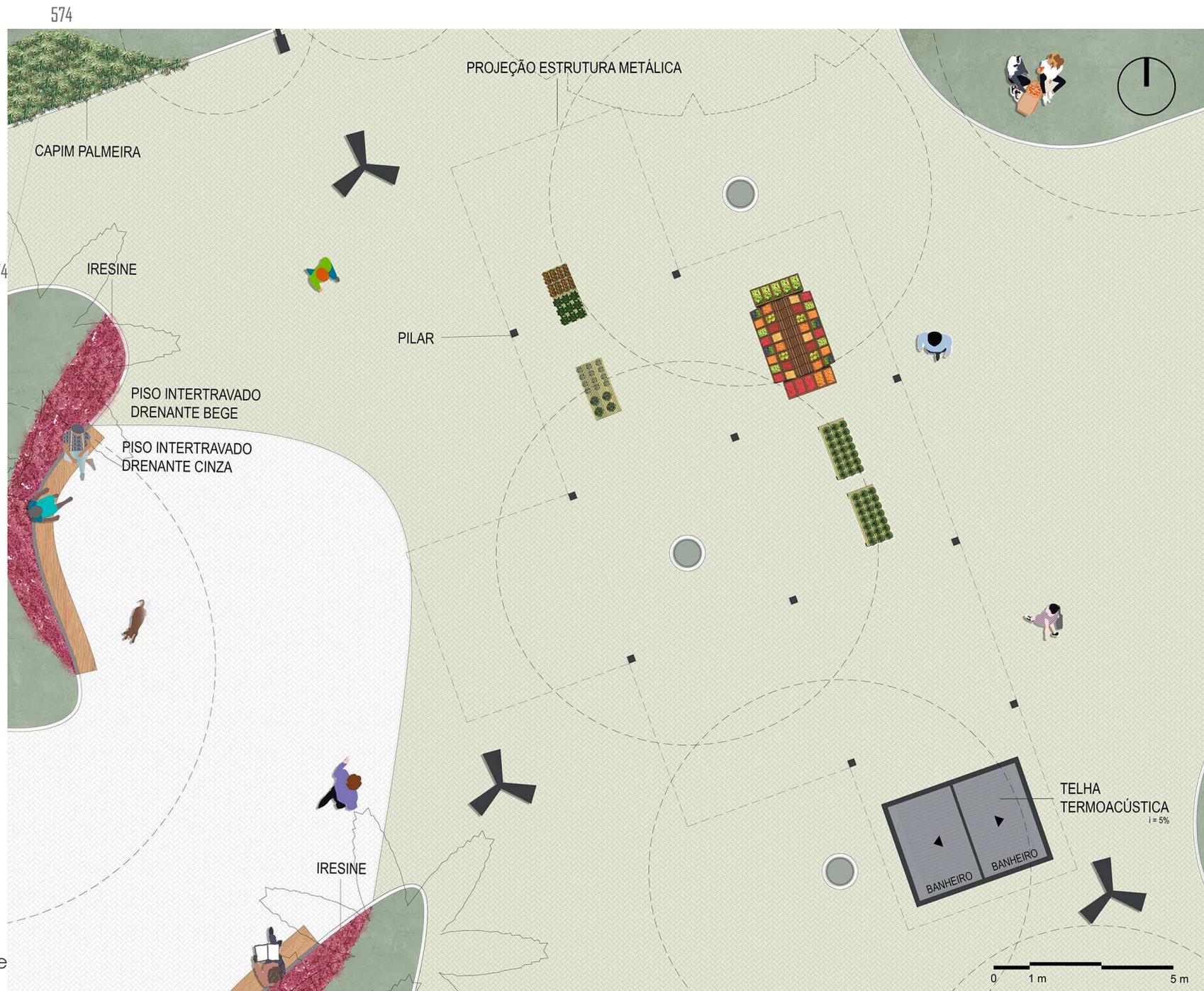


Figura 180: Zoom do espaço de eventos. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO EVENTOS

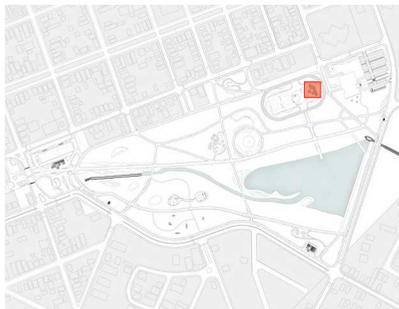


Figura 181: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

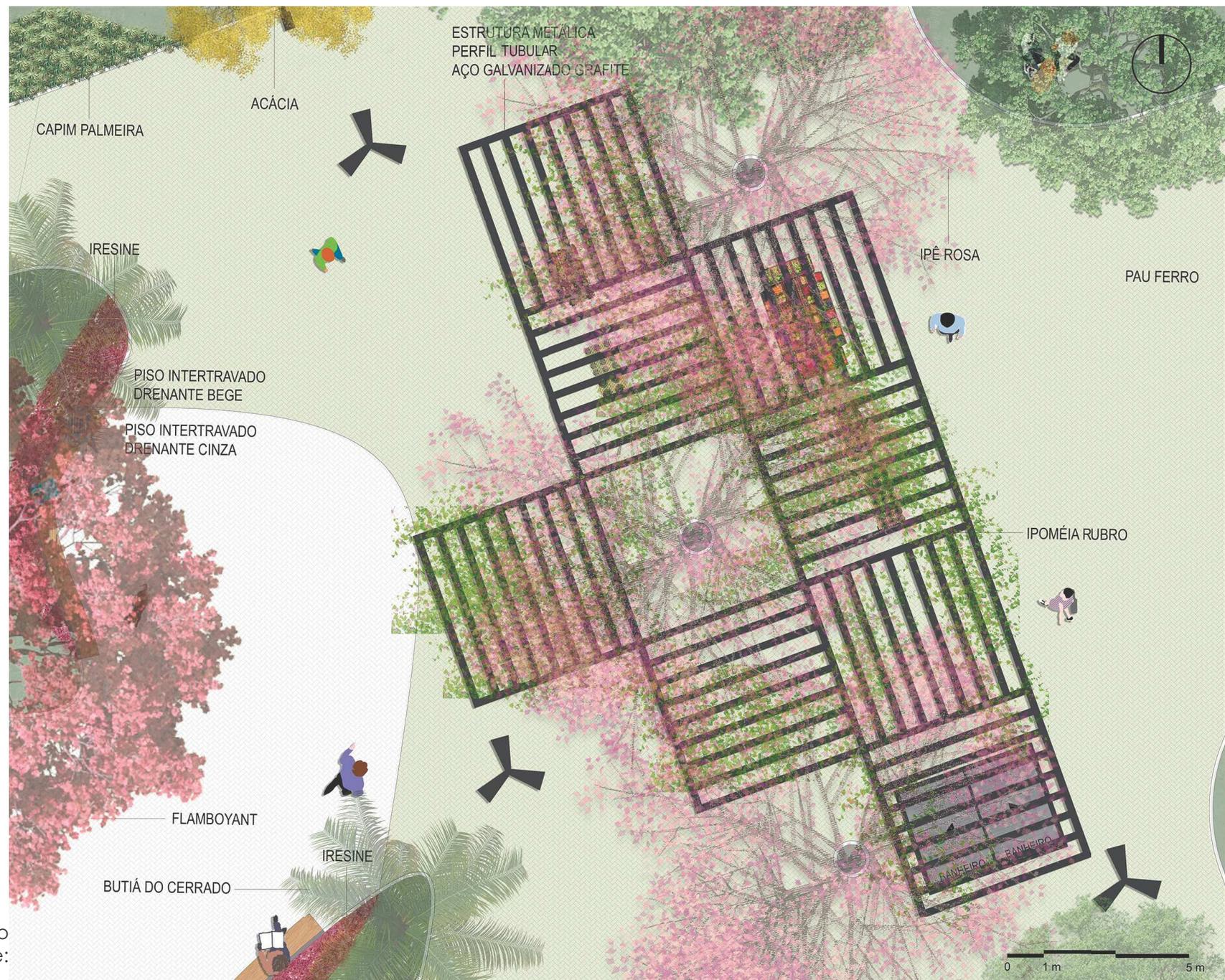


Figura 182: Zoom do espaço de eventos com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO EVENTOS

Figura 183: Perspectiva do espaço de eventos. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO EVENTOS

Figura 184: Perspectiva do espaço de eventos. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO EVENTOS

Figura 185: Perspectiva da área de leitura externa. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO EVENTOS

Figura 186: Perspectiva da arquibancada. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPORTE

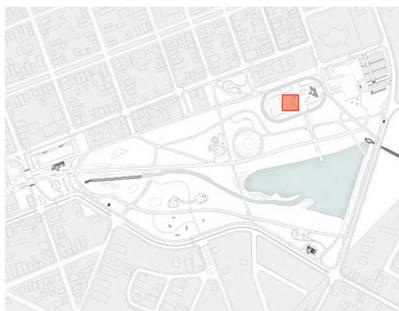
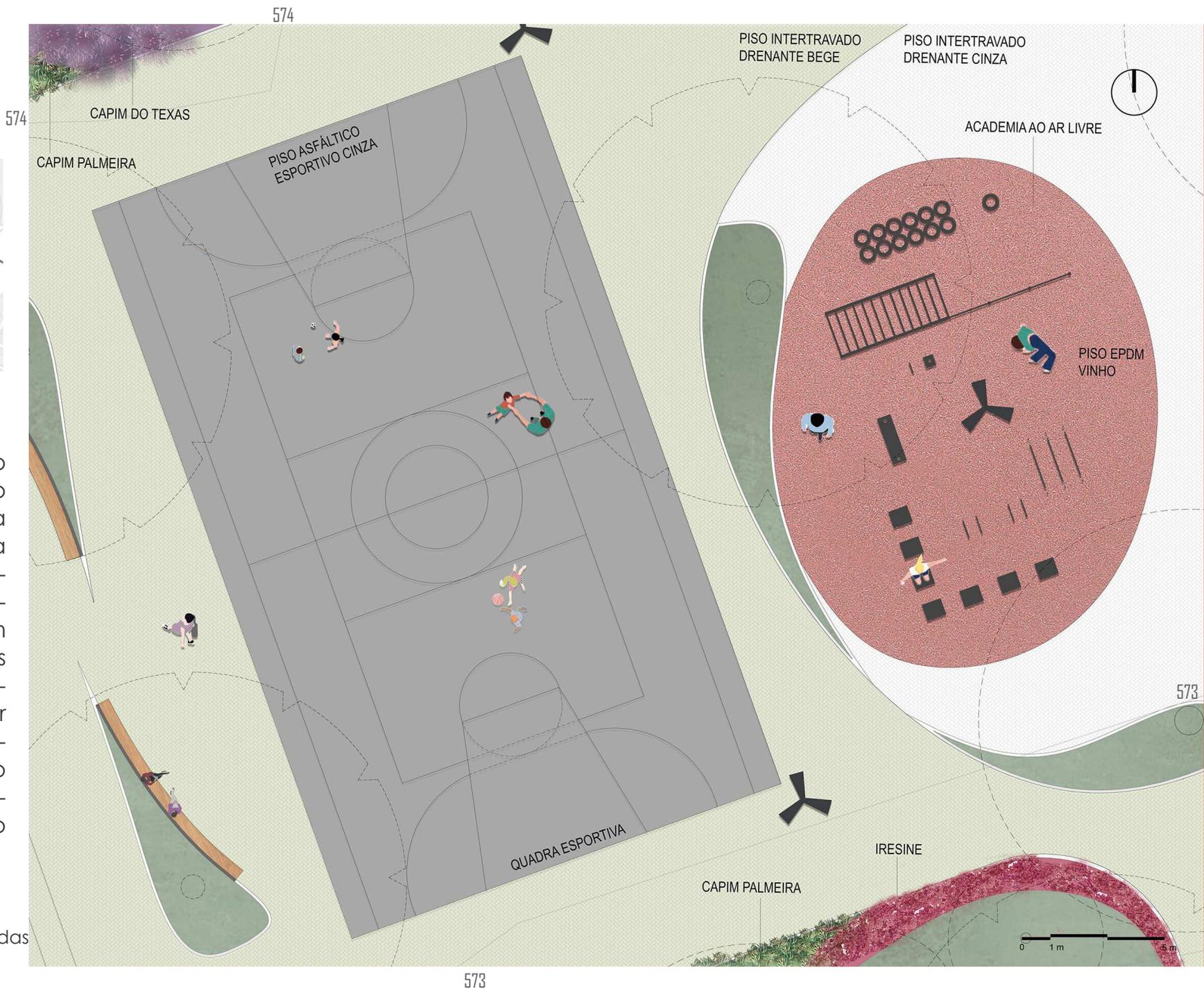


Figura 187: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

O espaço foi proposto em uma área plana do parque que já indicava sinais de usos ligados à esportes. Com isso, implementou-se duas quadras poliesportivas e um espaço com aparelhos para atividades de ginástica ao ar livre. Ao redor desse espaço foi proposta uma pista de atletismo com piso emborrachado, algo muito solicitado pelos corredores locais.

Figura 188: Zoom do espaço das quadras. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPORTE

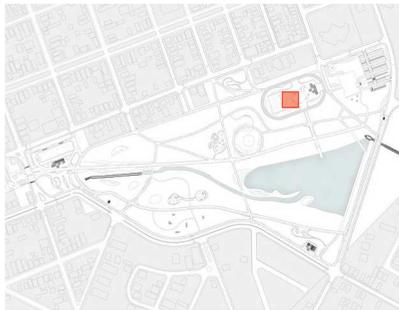


Figura 189: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

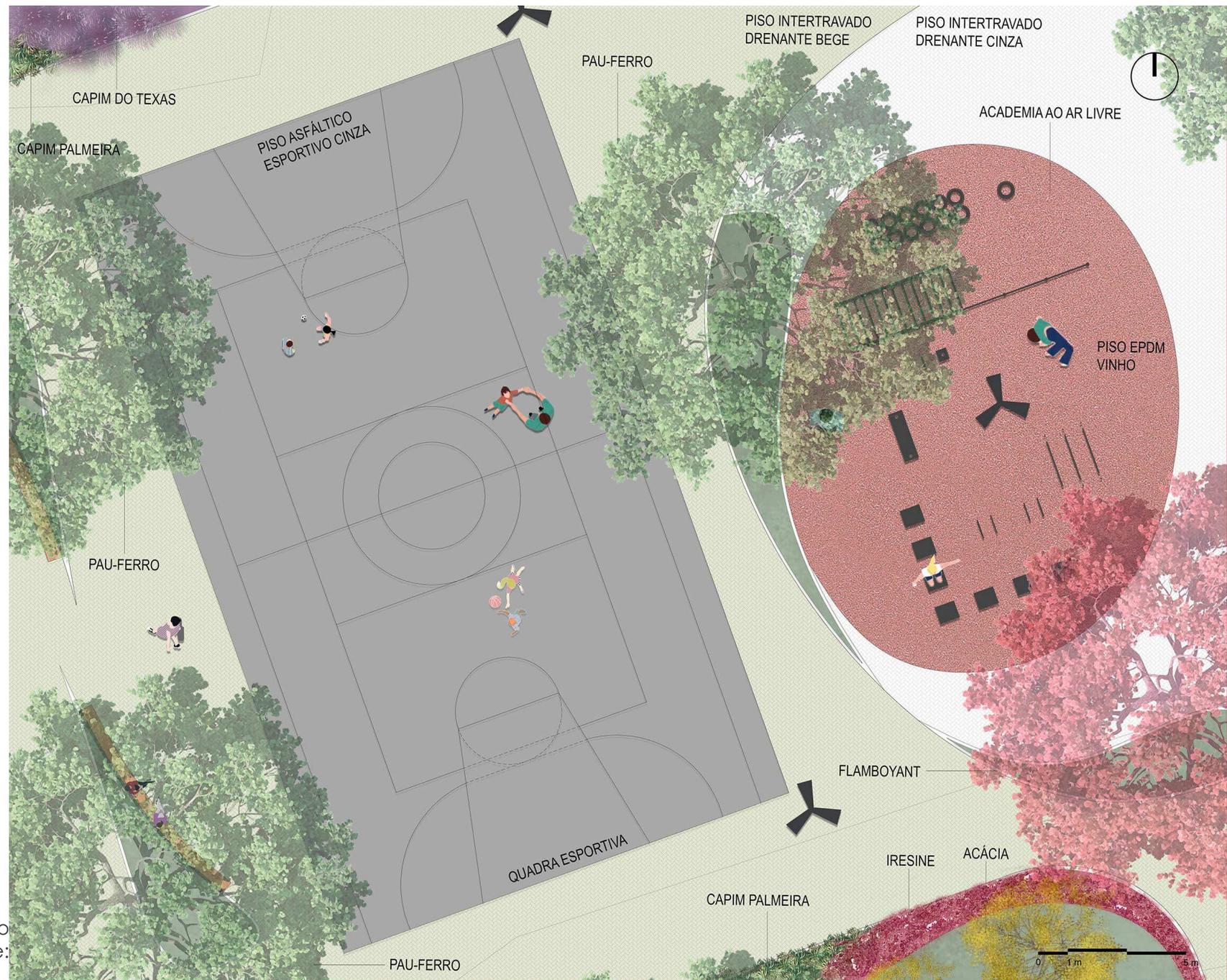


Figura 190: Zoom do espaço das quadras com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPORTE

Figura 191: Perspectiva do espaço
esportivo (quadra e academia ao ar livre).
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPORTE

Figura 192: Perspectiva do espaço esportivo (quadras). Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO INFANTIL

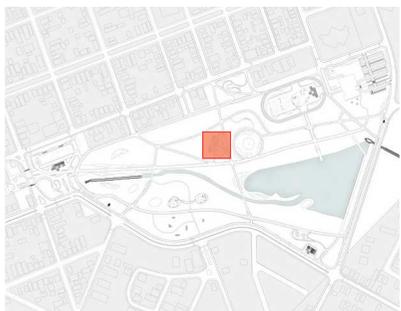


Figura 193: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

Com uma área de 800 m² revestida com pisos emborrachados coloridos, o espaço lúdico infantil conta com equipamentos de modo a estimular a função motora das crianças.

Brinquedos: balanços, gangorras, gira-gira, morrinhos para escada, travessias e equipamentos com cordas.

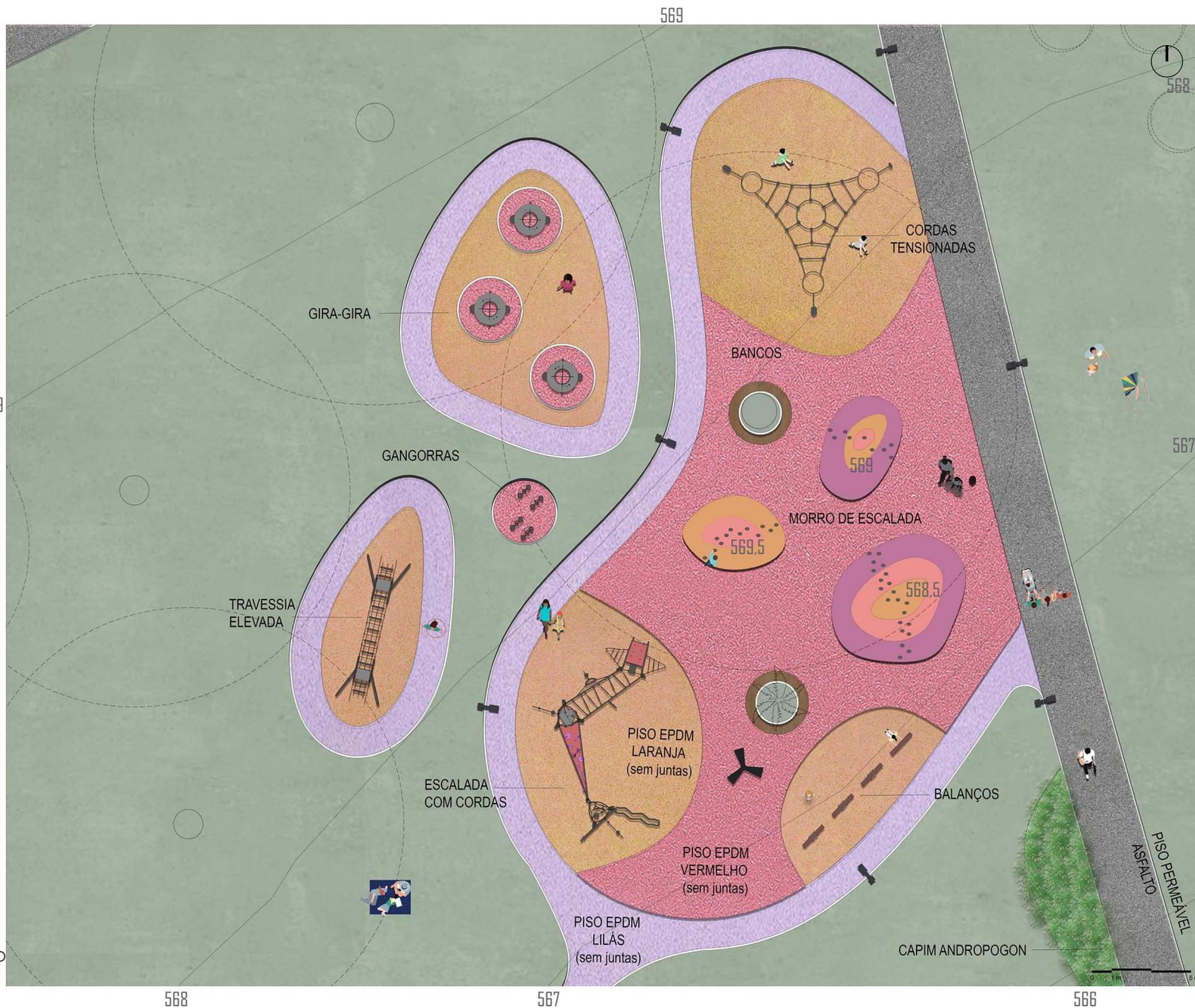


Figura 194: Zoom do espaço infantil. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO INFANTIL

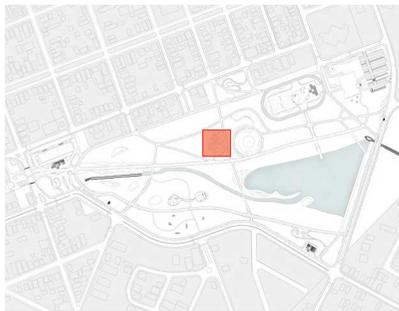


Figura 195: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.



Figura 196: Zoom do espaço infantil com árvores. Fonte: Autora, 2021.

AMPLIAÇÃO ESPAÇO INFANTIL

Figura 197: Perspectiva do espaço infantil.
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO CONTEMPLATIVO

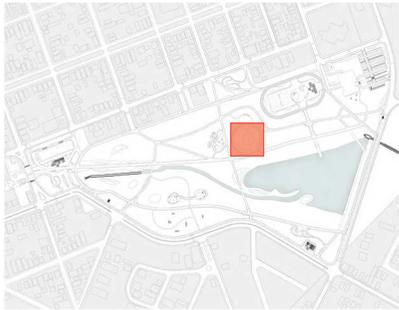
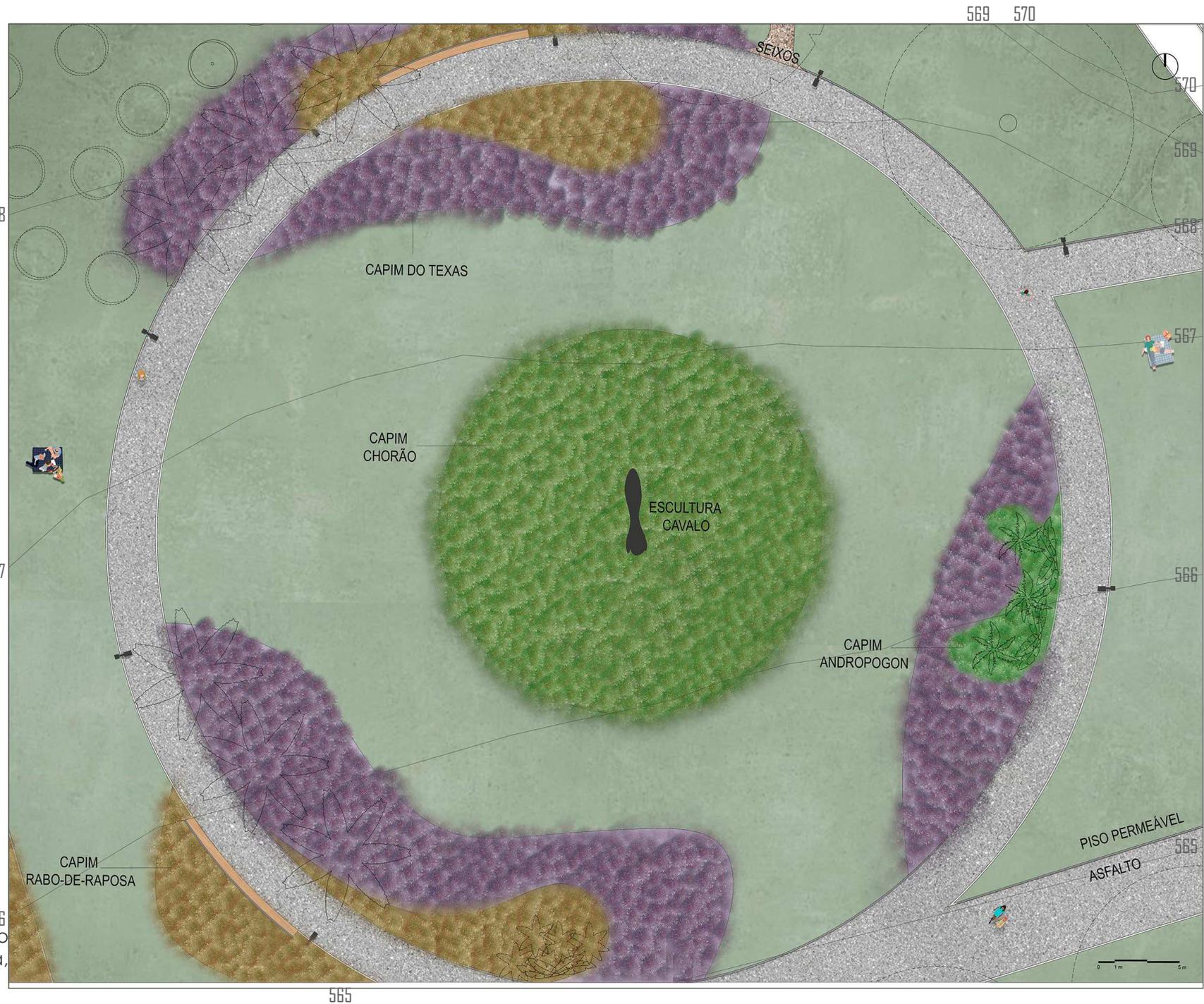


Figura 198: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

A área circular existente também foi requalificada. A composição entre diversas espécies de capins e palmeiras buscou trazer a esse espaço um local de contemplação e admiração. Com isso, propôs-se a inserção de uma estátua de cavalo na região, fortalecendo a identidade local e homenageando a cidade reconhecida por “Capital Nacional do Cavalo”.

Figura 199: Zoom do espaço contemplativo. Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO CONTEMPLATIVO

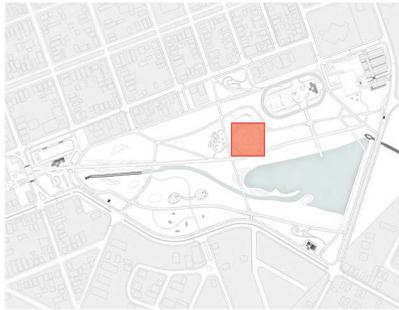


Figura 200: Planta chave.
Fonte: Autora, 2021.

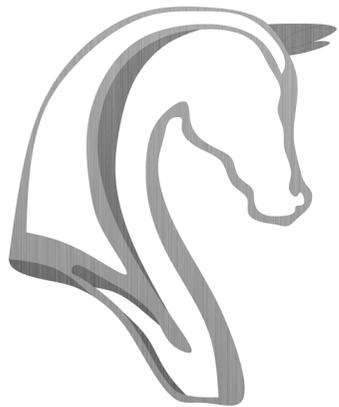


Figura 201: Proposta da escultura em aço inoxidável. Autora, 2021.

Figura 202: Zoom do espaço contemplativo com árvores.
Fonte: Autora, 2021.



AMPLIAÇÃO ESPAÇO CONTEMPLATIVO

Figura 203: Perspectiva do espaço contemplativo com a escultura de cavalo ao fundo. Fonte: Autora, 2021.



DIRETRIZES PAISAGÍSTICAS

O parque apresenta uma composição paisagística formada principalmente pelo estrato de forração (gramínea) e pelo estrato arbóreo. Cotrim (2018), em seu estudo sobre a frugivologia de aves no Parque Débora Paro, encontrou mais de 70 espécies de árvores tanto nativas (de diferentes biomas brasileiros, com exceção dos Pampas) quanto exóticas. Entre elas, os **ipês** (*Handroanthus*) e os **angicos** (*Anadenanthera falcata*) das mais variadas cores, os **jambolões** (*Syzygium cumini*) às margens do lago, as **mutambas** (*G. ulmifolia*), as **figueiras-asiáticas** (*F. microcarpa*), as **magnólias** (*Magnolia*) e as **palmeiras**: imperial (*Roystonea oleracea*) e rabo-de-peixe (*Caryota mitis*).

O autor analisou que durante o período de seca há pouca disponibilidade de frutos para as aves, sendo a alimentação disponível fornecida por frutos secos de poucas espécies nativas do Cerrado. No entanto, apesar de ser o bioma típico da região em que o parque se encontra, há pouca representatividade de espécies. Nesse sentido, Cotrim (2018) evidencia que as vantagens de se plantar frutíferas do Cerrado no parque está associada à adaptabilidade da vegetação às condições naturais e à baixa necessidade de manejo.

Assim, a nova composição paisagística do parque busca inserir espécies nativas do Cerrado, explorando o estrato de forração e arbustivo com espécies rústicas e de fácil manutenção, além de resgatar projeto original, em que Débora Paro imaginava o parque com muita diversidade de vegetação e uma variedade de árvores floridas. Para isso, utilizou-se de princípios relacionados à escala, composição, similaridade e contraste, diversidade e homogeneidade, além de compreender os elementos de comunicação como tons, sabores, aromas,

cores, texturas, sazonalidade, condições locais e microclimas, emoção e ecogênese.

O desenho, de uma maneira geral, seguiu a linguagem orgânica existente, aproveitou-se dos caminhos presentes e criou novos percursos de modo a desbravar o parque. Os acessos e campos visuais foram marcados principalmente pelos capins, plantas de fácil manutenção e que garantem a longa visão, buscando assim, atrair a atenção do usuário por esses percursos. Já os espaços de permanência e descanso receberam espécies mais intimistas, de modo a priorizar o aconchego do espaço. As árvores ornamentais foram distribuídas conforme seu porte, dividindo-se entre espécies focais (como sibipiruna, flamboyant, ipê rosa etc.) e maciços arbóreos (aroeira salsa, acácia, quaresmeira etc.).

MATERIALIDADE (PISOS):



piso vegetal



areia



madeira



asfalto



piso de
borracha EPDM



piso asfáltico
esportivo



seixos

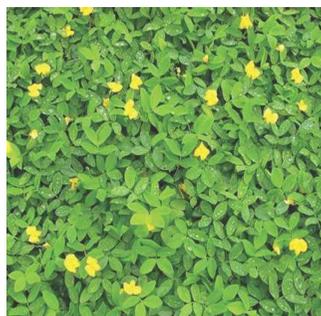


piso intertravado
drenante

PALETA BOTÂNICA - Forrações



GRAMA-ESMERALDA
Zoysia japonica



GRAMA-AMENDOIM
Arachis repens



AGAVE-DRAGÃO
Agave attenuata



ASPARGO-PLUMA
Asparagus densifloris



BARBA-DE-SERPENTE
Ophiopogon jaburan



CLOROFITO
Chlorophytum comosum



ESPADA DE SÃO JORGE
Sansevieria trifasciata



GUAIMBÉ
*Philodendron
bipinnatifidum*



IRESENE
Iresine herbstii



PENICILINA-PERPÉTUA
Alternanthera brasiliana



BROMÉLIA -NEOREGÉLIA
Neoregelia crispata



DRACENA-TRICOLOR
Dracaena marginata



ABACAXI-ROXO
Tradescantia spathacea



CAPIM-PALMEIRA
Curculigo capitulata

Áreas de maior convivência social, criando composições de modo a garantir conforto visual e aconchego aos usuários. Agaves, bromélias, dracenas e abacaxis-roxo também foram utilizados para compor áreas próximas ao lago.

PALETA BOTÂNICA - Forrações



CAPIM-CHORÃO
Eragrostis curvula



CAPIM RABO-DE-RAÇOSA
Aristida riparia



CAPIM ANDROPOGON
Andropogon fastigiatus



CAPIM-DO-TEXAS
Pennisetum setaceum



MACELA-DO-CAMPO
Achyrocline satureioides



CHUVEIRINHO
Actinocephalus bongardii



JOÃO-BOBO
Chresta sphaerocephala



ASSA-PEIXE
Lepidaploa aurea



IPOMÉIA RUBRA
Ipomea horsfalliae

Espécies características do Cerrado (com exceção do capim-do-texas), ajudando no reconhecimento da relação entre a população e essa paisagem rústica que, muitas vezes, não é vista com o devido valor. Além disso, essas espécies não demandam tanta manutenção (algo relevante ao analisar o cenário de cuidado em que o parque se encontra).

PALETA BOTÂNICA - Árvores Ornamentais



ACÁCIA
Acacia saligna



AROEIRA SALSA
Schinus molle



FLAMBOYANT
Delonix regia



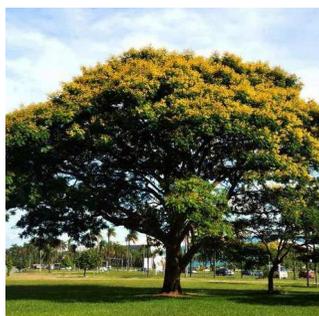
IPÊ AMARELO DO
CERRADO
Tabebuia ochracea



IPÊ ROSA
Tabebuia impetiginosa



PAU FERRO
Libidibia ferrea



SIBIPIRUNA
*Caesalpinia
peltophoroides*



MULUNGU DO
CERRADO
Erythrina mulungu



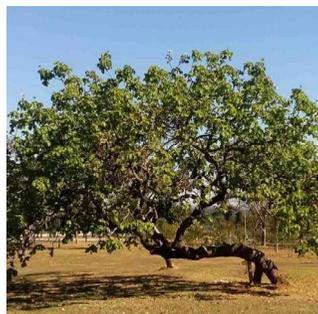
QUARESMEIRA
Tibouchina granulosa



FALSO BARBATIMÃO
Cassia leptophylla

A multiplicidade das cores, através da floração dessas espécies, foi pensada de modo a gerar diversas sensações ao longo do ano, conforme a mudança de suas estações.

PALETA BOTÂNICA - Árvores frutíferas



JABUTICABEIRA
Myrciaria cauliflora

CAJUZINHO-
DO-CERRADO
Anacardium humile

AMORA-DO-MATO
Rubus brasiliensis

PITANGA ANÃ
DO CERRADO
Eugenia pitanga

No geral, são poucas as árvores frutíferas encontradas no parque. Assim, a criação do pomar foi estrategicamente pensada próxima ao espaço infantil, buscando estimular a relação das crianças com a natureza. Além disso, optou-se por espécies mais características que valorizassem o Cerrado (com exceção da jabuticabeira) e que fossem de pequeno porte.

PALETA BOTÂNICA - Palmeiras



BURITI
Mauritia flexuosa



PALMEIRA IMPERIAL
Roystonea oleracea



PAMEIRA RAVENALA
Ravenala madagascariensis



PALMEIRA LEQUE
Coccothrinax barbadensis



PALMEIRA
ARECA-BAMBU
Chrysidocarpus lutescens



BUTIÁ DO CERRADO
Butia Paraguayensis

As palmeiras imperiais já eram bem evidenciadas na região do lago e foram inseridas no projeto para direcionar o usuário por percursos de conexões relevantes (como a área que conecta os quiosques à área norte do parque). As outras palmeiras foram distribuídas criando diferentes composições nos ambientes. Já os buritis foram dispostos em maciços próximos ao lago.

CONEXÃO COM A CIDADE

Como já retratado anteriormente, a linha férrea ainda marca a paisagem da cidade, apesar de não ser utilizada pela população. Assim, pensando em promover a integração do parque com esse espaço livre associado à ferrovia, propõe-se a extensão da ciclovia através da Av. Cel. Antenor J. Franco até o encontro da ferrovia, tendo continuidade nas áreas que margeam essa linha férrea.



Figura 204: Mapa ilustrativo mostrando a extensão da ciclovia até a linha férrea. Fonte: Autora, 2021.

CONCLUSÃO

Após reconhecer o Parque Débora Paro como um dos principais espaços livres da cidade de Colina-SP e elemento central de composição da paisagem urbana, a proposta desse trabalho busca explorar a potencialidade deste parque, gerando um local mais atrativo e com infraestruturas apropriadas para a escala da cidade. Ao longo do desenvolvimento desse projeto, foi possível identificar quais eram as principais necessidades deste espaço e também quais eram as expectativas dos moradores locais. Nesse sentido, foi possível produzir espaços que atendessem a diversas faixas etárias, promovendo tanto a diversidade de pessoas quanto a de usos, cores, espécies, texturas e sensações. Assim, a apropriação do local e as conexões geradas com os usos propostos contribuem para a promoção da vitalidade do parque. Por fim, espera-se que o trabalho possa contribuir para novos estudos urbanos da cidade e que as análises colaborem nas decisões de projeto futuras para o local.

REFERÊNCIAS

LIVROS, TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

BERTOLUCI, Gabriela de Oliveira. **Espaços Livres e Urbanidade: Análise dos aspectos da praça como geradores de qualidade socioespacial urbana.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUeD UFU. Uberlândia, 2019.

COTRIM, Vagner. **Frugivoria por aves em área verde de Colina, SP.** Iniciação Científica (Curso Técnico em Biologia). Barretos, 2018.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** 1.ed. Edições 70 – Brasil, 2006.

DONOSO, Verônica Garcia. **A paisagem e os sistemas de espaços livres na urbanização contemporânea do interior paulista: estudo de caso da área entre São Carlos, Araraquara e Ribeirão Preto.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - FAUUSP. São Paulo, 2011.

DRUBI, Syria. **Colina: Capital Nacional do Cavalo.** Barretos: Sete Virtudes, 2007.

ELIAS, Júlia Tavares de Sousa. **Requalificação da Avenida Getúlio Vargas e da Praça Dom Eduardo em Patos de Minas - MG.** Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUeD UFU, Uberlândia, 2020.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades.** 1.ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

ENDLICH, Angela Maria. Prefácio. In: SPOSITO, E. S.; JURADO DA SILVA, P. F.. **Cidades Pequenas: Perspectivas Teóricas e Transformações Socioespaciais.** Jundiaí: Paco Editorial, p. 143-146, 2013.

FILHO, Arnaldo Ferreira de Araújo. **Direito à cidade em pequenas cidades: leituras possíveis a partir de Ipiaçu-MG.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFU. Ituiutaba, 2019.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas.** 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KLIASS, Rosa Grena. **Os Parques Urbanos de São Paulo.** São Paulo: Pini, 1993.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LANDIM, Paula da Cruz. **Desenho de Paisagem Urbana: as cidades do interior paulista.** São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine. **Parques Urbanos no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2001.

MACEDO, Silvio Soares; VANDELI, Custodio; DONOSO, Verônica Garcia. **Reflexões Sobre Espaços Livres na Forma Urbana**. São Paulo: Edusp – Coleção Quapá, 2018.

MAGNOLI, Miranda. **Espaços livre e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP. São Paulo, 1982.

MAGNOLI, Miranda. **O Parque no Desenho Urbano**. Fundamentos, São Paulo, n. 21, p.175-198, 2006.

MAIA, Doralice Sátyro. **Cidades médias e pequenas do nordeste: conferência de abertura**. In: Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010, p. 15– 41, 2010.

MATÉ, Cláudia. **A cidade pequena através de seu sistema de espaços livres: o caso de Pinhalzinho/SC**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - UFSC. Florianópolis, 2016.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Entre a megalópole e a praça: notas dialéticas sobre paisagens urbanas contemporâneas e possibilidades projetuais do espaço público**. In: Anais do ENEPEA, 7, 2004. Belo Horizonte, 2004.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes, BENFATTI, Denio Munia. **Sistemas de espaços livre urbanos: construindo um referencial teórico**. Paisagem e Ambiente, (24), p. 81-87, 2007.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras**. RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura , v. 19, p. 25-35, 2011.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Dimensões Públicas do Espaço Contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. Tese (Livre Docência em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP. São Paulo, 2012.

SAKATA, Francine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil - 2000 a 2017**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUSP. São Paulo, 2018.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

TARDIN, Raquel. **Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2008.

VITAL, Giovanna Teixeira Damis. **Projeto sustentável para a cidade: o caso de Uberlândia**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAUUSP. São Paulo, 2012.

SITES

BOECHAT, Cássio Arruda. **O estudo de pequenas cidades e o caso das cidades do agronegócio citrícola paulista**. Anais do VII CBG -ISBN. Vitória: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404307568_ARQUIVO_TextocompletoCBGCassio.pdf. Acesso em: abril, 2020.

CENTRO DE PESQUISAS METEOROLÓGICAS E CLIMÁTICAS APLICADAS À AGRICULTURA - CEPAGRI. São Paulo: Colina. Disponível em: <https://www.cpa.unicamp.br/>. Acesso em: abril, 2020.

COLINA, **Blog da Cidade**. Disponível em: <http://colinaspaulo.blogspot.com>. Acesso em: abril, 2020.

COLINA, **Blog da Cidade**. Disponível em: <http://colinasp.blogspot.com>. Acesso em: abril, 2020.

COLINA, **Perfil Municipal**. In: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/>. Acesso em: maio, 2020.

COLINA, Prefeitura Municipal de. **Lei complementar nº 101 de 22 de Outubro de 2007**. Disponível em: https://colina.sp.gov.br/Lei_complementar_101.pdf. Acesso em: maio, 2020.

COLINA, Prefeitura Municipal de. **Plano Municipal Específico dos Serviços de Saneamento Básico Água/Esgoto**. Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos. 2018. Disponível em: <https://colina.sp.gov.br/imagens/pdf/Plano-Municipal-de-Saneamento-Basico-Sintese.pdf>. Acesso em: maio, 2020.

COLINA, **Site da Prefeitura Municipal**. Disponível em: <https://www.colina.sp.gov.br>. Acesso em: abril, 2020.

GOOGLE EARTH - MAPAS. **Fotos da cidade de Colina**. Disponível em: <http://mapas.google.com>. Acesso em: abril, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **São Paulo: Colina**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em: abril, 2020.